



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

DAYANA SILVA DE OLIVEIRA

**A CONSONÂNCIA ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E PATRIMÔNIO: UM
ESTUDO DAS AÇÕES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS DA ESCOLA DE ARTES
E OFÍCIOS THOMAZ POMPEU SOBRINHO**

FORTALEZA - CE
2019

DAYANA SILVA DE OLIVEIRA

A CONSONÂNCIA ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E PATRIMÔNIO: UM ESTUDO
DAS AÇÕES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS
THOMAZ POMPEU SOBRINHO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- Olc OLIVEIRA, DAYANA SILVA DE.
A CONSONÂNCIA ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E PATRIMÔNIO : UM ESTUDO DAS AÇÕES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMAZ POMPEU SOBRINHO / DAYANA SILVA DE OLIVEIRA. – 2019.
149 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. FRANCISCO ARI DE ANDRADE.
1. Educação . 2. História e memória. 3. Patrimônio Cultural. I. Título.

CDD 370

A CONSONÂNCIA ENTRE EDUCAÇÃO, CULTURA E PATRIMÔNIO: UM ESTUDO
DAS AÇÕES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS
THOMAZ POMPEU SOBRINHO

Tese ou Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Educação. Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: 31/07/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Romeu Duarte Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Sidney Guerra Reginaldo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus.

Por que dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

São muitos os meus agradecimentos, pois escrevendo este ponto, rememoro os quatros anos de doutoramento. Nestes anos muitas coisas acontecerem e alguns destes acontecimentos mudaram as direções da minha vida. Ser pesquisadora, discente, trabalhadora, docente, esposa, filha, irmã e amiga requer um grande equilíbrio, ainda não sei se consegui tal. Mas durante esses anos de doutorado muitas pessoas que estiveram nesses campos, mencionados acima, me ajudaram bastante para que eu tivesse equilíbrio mental e emocional.

Primeiramente meu agradecimento é a Deus, o autor da minha vida e por sua graça e misericórdia me encontro aqui nesta terra firmando passos para ser a cada dia uma pessoa melhor. Por vezes desesperei, mas sempre voltava a calma para entender que situações que nos deixam nos limites podem também nos amadurecer, e nesse estado de calma que por várias vezes me acometeu tenho certeza que foi por Ele. Então o agradeço por me capacitar e sempre estar comigo. A Ele dedico esta grande vitória.

Agradeço imensamente ao Sidney Monteiro Junior, meu esposo, que desde a seleção até a entrega desta tese esteve comigo, me apoiando, me incentivando, me ajudando em tudo que o foi possível. Por várias vezes foi motorista para que eu chegasse aos entrevistados e ao campo de pesquisa. Me consolou quando achei que não conseguiria ou não daria tempo. Como falei nesses quatro anos estamos divididos em múltiplas ações, e por várias vezes o doutorado demanda que você se dedique só a ele, assim sendo, me “aperreei” várias vezes. Obrigada, Sidney.

A minha família tenho uma gratidão eterna por tudo, mas por esse doutorado sei que as energias e orações mais positivas e constante sempre vieram deles. Meus pais não tiveram a oportunidade de concluírem a educação básica, mas quando tiveram a mim e meu irmão foram os maiores apoiadores e incentivadores aos estudos. Durante anos e anos meus pais trabalharam muito para que eu e meu irmão estivéssemos na escola. Mesmo em meio algumas necessidades financeiras nunca precisei desistir de estudar para trabalhar e ajudar em casa financeiramente, eles sempre seguraram todas as pontas. Pude me dedicar aos estudos, iniciar no ensino superior, graças à ajuda e incentivo deles. Hoje não estaria aqui se não fosse o sacrifício deles. E eu os honro e os agradeço muito. Lembro-me na minha infância, na segunda série do fundamental I, que minha mãe lavava e engomava a roupa de uma professora de reforço escolar como pagamento de aulas de reforço do qual precisei, pois, meus pais não conseguiam mais acompanhar as minhas lições de casa, não estava mais no campo dos saberes deles. Mãe, pai e Davidson obrigada por tudo.

Agradeço aos meus amigos por sempre serem amigos, ombro e acalanto. Por vezes pude compartilhar dos meus momentos felizes e não tão felizes estando com vocês. Ah, esses ouvidos que tanto escutam minhas reclamações!

Agradeço a CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio. Nestes 4 anos não sei como conseguiria fazer esta tese, publicações, participações em eventos e seminários sem o apoio financeiro. Torço para que mais políticas públicas voltadas para o financiamento de pós-graduandos surjam e vejam o quanto é real a necessidade de incentivo à pesquisa no Brasil.

Ao Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade tenho o coração cheio de gratidão pelas orientações, incentivo e oportunidades. Agradeço por toda orientação e dedicação que teve com minhas pesquisas desde o mestrado até aqui. Sem seus nortes, caminhos e apoio não sei nem em que parte do caminho, perdida, eu estaria. Tenho grande admiração pelo seu trabalho, ética profissional e pela sua pessoa. Gratidão.

Gostaria também de agradecer a todas as pessoas envolvidas nesta pesquisa, pois sem os entrevistados ela não teria muito a oferecer. Cada relato tanto dos profissionais que construíram a história e a memória da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho e cada narrativa dos egressos lograram para que pudéssemos construir este trabalho. Obrigada a gestão da Escola, em nome da atual gestora Marley Uchoa por abrir as portas da escola e me acolher se mostrando sempre disponível para esclarecer dúvidas minha. Falo em nome da diretora atual, mas cada funcionário envolvido me ajudou bastante.

Aos professores participantes da banca examinadora prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro Ceará (UFC), prof. Dr. Romeu Duarte Júnior (UFC), prof. Dr. Sidney Guerra Reginaldo (UFC), prof. Dr. Antônio Roberto Xavier (UNILAB), prof. Dr. Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro (UECE) pelo tempo disponibilizado a leitura da tese, pelas valiosas colaborações e sugestões.

RESUMO

Esta tese realiza um estudo sobre o processo histórico da criação e desenvolvimento, do trabalho pedagógico e educacional da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho – EAOTPS, localizada no bairro de Jacarecanga na cidade de Fortaleza, Ceará. Propõe-se também identificar e refletir sobre os impactos de sua proposta educacional no âmbito da educação patrimonial nos discentes egressos, através de suas próprias narrativas. Juntamente, foi feito um estudo reflexivo sobre a formação educacional, com base em seus cursos oferecidos à comunidade fortalezense, e os resultados que despertam nos alunos a partir de relatos de suas apropriações e suas memórias. Esta é uma pesquisa qualitativa no campo da história da educação, onde optou-se por fazer um estudo bibliográfico, análises e interpretações. Os referenciais teóricos perpassaram pelo campo da Educação, tais como Paulo Freire (1981, 1986, 2003), Brandão (1989), Charlot (2013), Libaneo (2012), Gohn (2010); no campo de estudo da História e memória como Chartier (1988), Ricoeur (2007), Nora (1993); na área do patrimônio cultural e educação patrimonial Horta, Grunberg, Queiroz (1999), Tolentino (2012), Florêncio (2014), dentre outras áreas das ciências humanas das quais foram necessárias para fundamentar a pesquisa. Dentre os procedimentos metodológicos utilizados estão a pesquisa de campo, a pesquisa documental, e o uso de entrevistas semi-estruturadas para obter as narrativas dos participantes deste trabalho. As narrativas dos sujeitos participantes da EAOTPS (funcionários, ex-funcionários, convidados a colaboração na construção da escola e egressos) foram fonte significativa de dados para este estudo. O trabalho traz em seus resultados o estudo e a reflexão sobre a história e memória de uma instituição educativa e das ações pedagógicas que contribuem para preservação e valorização do patrimônio cultural cearense. Pesquisar instituições educacionais como a EAOTPS contribui para a identificação, apropriação, conservação e preservação do patrimônio cultural cearense.

Palavras-chave: Educação. História e memória. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This thesis aims to study the historical process of creation and development, the pedagogical and educational work of the School of Arts and Trades Thomaz Pompeu Sobrinho - EAOTPS, located in the neighborhood of Jacarecanga in the city of Fortaleza, Ceará. It is also proposed to verify the impacts of its educational proposal in the field of heritage education in the alumni, through their own narratives. We will see here a reflexive study on educational formation, based on its courses offered to the community strengthen; the results that awaken in students from reports of their appropriations and their memories. Researching educational institutions such as EAOTPS contributes to the identification, appropriation, conservation and preservation of the cultural heritage of Ceará. This is a qualitative research in the field of the history of education, where it was chosen to make a study with texts, analysis and interpretations. Among the methodological procedures used are field research, bibliographical research and documentary research. The narratives of the subjects participating in the School (employees, former employees and former students) were a significant source of data for this study. The work brings in its results the study and reflection on the history and memory of an educational institution and the pedagogical actions that contribute to the preservation and appreciation of the cultural heritage of Ceará.

Keywords: History and Memory. Patrimonial Education. Narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Fortaleza com o bairro Jacarecanga em destaque	60
Figura 2 - Mapa do Jacarecanga na atualidade.....	64
Figura 3 - Fotografia de Thomaz Pompeu Sobrinho	72
Figura 4 - Fotografia de Thomaz Pompeu Sobrinho com indígenas.....	73
Figura 5 - Discentes do curso de restauração do patrimônio arquitetônico na EAOTPS (2001).	80
Figura 6 - Fotografia da abertura e placa da EAOTPS – 2006.....	85
Figura 7 - Fachada da EAOTPS	85
Figura 8- Da esquerda para a direita: curso de Conservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico (oficina parietal), Artífice de Brinquedo Tradicional e Artífice em Xilogravura.	86
Figura 9 - Fotografias superiores são da restauração da pintura da EAOTPS e as imagens inferiores da restauração do Sobrado José Lourenço.....	93
Figura 10 - Conservação e restauração em cerâmica. Da direita para a esquerda: restauro de um pote de cerâmica. Finalização do módulo com uma exposição com o trabalho final dos restauros das cerâmicas dos alunos.....	96
Figura 11- Da esquerda para a direita: Artífice do Brinquedo Tradicional - Brincar de Criança (2006). Obra/produtos dos cursos de cerâmica e madeira, sucessivamente, do ano de 2015. .	99
Figura 12 - Fotografia de ações nos cursos de gravura da EAOTPS.....	101
Figura 13 - Fotografia da Biblioteca Thomaz Pompeu Sobrinho.....	101
Figura 14 - fotografia interna da Biblioteca Thomaz Pompeu Sobrinho e Ilha digital.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de respostas	119
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAGECE	Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
EAOTPS	Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho
ENEL	<i>Ente nazionale per l'energia elétrica</i>
IMN	Inspetoria dos Monumentos Nacionais
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SIBI	Sistema Integrado de Bibliotecas
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
NIS	Número de Identificação Social
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
SECULT	Secretária de Cultura do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2 O ENCONTRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL COM A EDUCAÇÃO: IDENTIDADE E CIDADANIA	21
2.1 O patrimônio cultural no Brasil	27
2.2 Patrimônio cultural e educação	34
3 A GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO DAS ARTES E OFÍCIOS NO BRASIL	40
3.1 A produção social humana (cultura) e a sua dinâmica: Tradição e Modernidade ...	52
4 A HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS PERCURSOS DE FORMAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMAZ POMPEU SOBRINHO	58
4.1 Jacarecanga: Entre o patrimônio e a cultura, um bairro vivo e de morada	58
4.2 As instituições educativas do bairro Jacarecanga ou o próprio bairro educativo: Entre as formais, não formais e informais	64
4.3 Itinerários da construção da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho – Thomaz, a casa e a escola	72
4.4 A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho: um espaço (re) descoberto para a cultura, o patrimônio e a educação	74
4.4.1 A EAO – Formação Inicial e continuada (FIC) e/ou Cursos livres.	88
4.4.2 Os cursos, projetos, ações e funcionamento da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho	91
4.4.3 Instrumento de uma gestão democrática: Conhecendo o Projeto Pedagógico Institucional da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho	102
5 ENTRE NARRATIVAS E AFETOS: OS EGRESSOS DA EAOTPS	117
5.1 Escrita de si: Narrativas das memórias e educandos em formação	118
CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS	133

APÊNDICE	140
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

Esta tese tem por objetivo realizar um estudo em que se propõe investigar o processo histórico e pedagógico da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho – EAOTPS, bem como suas influências na educação patrimonial através de sua proposta educacional, e nas narrativas dos discentes que já passaram pela instituição. A presente escola se localizada no bairro de Jacarecanga da cidade de Fortaleza, no Ceará.

Foi realizado um estudo reflexivo sobre a formação educacional, com base em seus cursos oferecidos a comunidade fortalezense, e os resultados que despertam nos egressos a partir de relatos de suas apropriações e memória. Também, foi realizada uma reflexão sobre como esta instituição educacional contribui para a preservação do patrimônio cultural cearense.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho desenvolve seu trabalho a partir de cursos, oficinas, estágios e parcerias voltados para estratégias patrimoniais com identificação, difusão e preservação dos bens culturais de Fortaleza e do Ceará. Os cursos ofertados à comunidade estão inseridos no campo da educação patrimonial, conservação, preservação e ofícios e de saberes e fazeres tradicionais.

A partir de sua proposta pedagógica este trabalho buscou apresentar como a escola desenvolve esses cursos e como eles vêm sendo executados ao longo de sua existência, para identificarmos e refletirmos como a formação nos cursos contribuem para o desenvolvimento cultural, profissional e intelectual dos jovens que participam dos cursos desta instituição.

Como se originou a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho? Quais e como são os cursos que a escola oferece a comunidade? O desenvolvimento, a troca e a multiplicação dos saberes construídos nos cursos permitem a estes alunos a construção de uma nova visão sobre suas vivências individuais e coletivas relacionadas ao patrimônio cultural? Quais são suas narrativas e suas apropriações sobre o patrimônio cultural do Ceará após os cursos que desenvolveram na EAOTPS?

Em tais perguntas e hipóteses acima este presente trabalho expõem as respostas, desenvolvendo um trabalho investigativo, fazendo uso de todas as informações adquiridas. Foi identificado, registrado e coletado o máximo de informações possíveis sobre o desenvolvimento da escola referida, de seus cursos e ações pedagógicas referentes ao patrimônio cultural, e após, foram analisados e refletidos através desta escrita. Por meio de entrevistas e narrativas reflexões foram feitas sobre o olhar que os agentes culturais e sociais passam a deter (ou não) sobre sua cidade, bairro e comunidade.

Minha relação e contato com o tema desta pesquisa surgiu a partir de experiências pessoais e profissionais com a instituição educacional referida, por meio de cursos aos quais fui discente e projetos dos quais atuei como educadora. Meu primeiro curso foi o de Conservação em Acervos Museológicos em Contexto e Trabalho no ano de 2009. Com duração de 8 meses, 420 horas/aulas, tive meu primeiro contato com disciplinas voltadas para o patrimônio cultural, história da arte, conservação e restauração de bens móveis, teórico e prático, educação patrimonial e a oportunidade de estágio como prática do curso. Faço ênfase a observação de que anterior a esta vivência desconhecia totalmente a teoria e didática deste campo. Somente a vivência como expectadora da minha cultura e cidade.

Nesta primeira experiência de curso fui para o Museu do Ceará trabalhar com a higienização, organização e catalogação dos periódicos da instituição. Ainda tive a oportunidade de participar dos grupos de estudo do Museu do Ceará e colaborar com a mediação do público visitante no Museu, onde conheci como a educação está para além dos muros escolares, e assim como a escola, proporciona infinitas possibilidades de práticas educativas e pedagógica.

A experiência como educadora em museus na cidade me trouxe o interesse para estudar o espaço museológico como espaço educativo. O que me fez futuramente fazer a seleção na Secretária de Cultura do Estado de Ceará e entrar como educadora do quadro de estagiários do Museu do Ceará, onde trabalhei por mais dois anos.

Paralelo a esta experiência cursava os primeiros semestres do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Vivenciando o tripé da universidade em ensino, pesquisa e extensão, conhecendo a educação como ciência e como a mesma pode e estar em todos os lugares, se classificando entre educação formal, não formal e informal. As minhas experiências profissionais com a minha experiência acadêmica me levaram a aprofundar os estudos em espaços educativos não formais.

A partir desta imersão na teoria e na prática da conservação em acervos históricos e patrimoniais fiz mais um curso na EAOTPS. No ano de 2010, com disciplinas voltadas para educação patrimonial e métodos e técnicas de pesquisa aplicada ao patrimônio desde então surgiram muitas ideias, hipóteses, problematizações e inquietações que em para futuras pesquisas esclareceriam tais pressupostos.

Na escola também fiz minicursos, oficinas, participei de palestras e outras ações. Trabalhei como educadora em um projeto de educação patrimonial, o Projeto Patrimônio Para Todos, que desenvolve noções básicas de patrimônio, cultura e o reconhecimento de bens culturais nos bairros de Fortaleza e interiores do Ceará com jovens e adultos. Reconhecendo o

que esses jovens e adultos se identificam no seu bairro, qual seus lugares de memória, os saberes e fazeres existente na comunidade, as manifestações culturais apresentadas. No Centro e no Jacarecanga conhecemos muitas de suas histórias e memórias, dos seus lugares, das pessoas, das manifestações culturais e religiosas, dos saberes e fazeres, dentre outros.

Meu contato com a escola propiciou um envolvimento e conhecimento de campos educativos, históricos e culturais, e atrelado a minha formação acadêmica em Pedagogia busquei realizar trabalhos e pesquisas relacionadas no campo da educação em espaço não formais. Meu trabalho de conclusão de curso no curso de Pedagogia buscou realizar um estudo do Projeto Dorinha do Museu do Ceará, em sua trajetória histórica, buscando analisar sua importância como recurso pedagógico que auxilia a criança a aprender não somente o ensino de história refletido através dos objetos, mas também como o contato das crianças com o objeto museológico refletido de forma lúdica favorece a uma consciência histórica, sociocultural e identitária.

Meu trabalho de pesquisa e escrita da dissertação de mestrado, na linha de História e Memória da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Ceará, também foi sobre o espaço museológico enquanto espaço educativo. Partiu de um estudo de caso no Museu da Cultura Cearense que nos levou a considerar e a refletir sobre o campo museal um espaço de educação e cultura de grande importância, enquanto forma de adquirir novos conhecimentos acerca do patrimônio cultural do Ceará, identidade e alteridade contribuindo para o exercício da cidadania e a construção de uma nova prática social através de seus núcleos e de suas ações pedagógicas.

Nesse percurso presente, com toda narrativa acima, me levou a pesquisar a EAOTPS. A mesma traz em suas ofertas de cursos um trabalho com o patrimônio, e a partir destes, analisamos e refletimos como a escola se desenvolve na cidade de Fortaleza. Não mais com meu olhar de aluna, agora como profissional e pesquisadora. De algumas formas as instituições culturais mencionadas acima trabalham coletivamente no propósito de formação e educação voltado para o conhecimento da riqueza cultural existente no nosso Estado.

A EAOTPS oferece à comunidade cursos que aliam a teoria e a prática para a conservação e restauro de bens materiais, além de, cursos voltados para a prática de saberes e fazeres tradicionais nas áreas de artesanato e gravura, minicursos, oficinas e seminários nas áreas artísticas e culturais. A educação patrimonial proposta pela EAOTPS se dá a partir do contato que o aluno tem com o patrimônio cultural e com os cursos da mesma. Mas o que fica desse contato? Buscaremos neste trabalho entender através da pesquisa e análise o estudo dos

objetivos da escola para entendermos a teoria e narrativas dos estudantes e profissionais para compreendermos a prática.

A relevância deste trabalho estar em pesquisar a história e memória e a ação pedagógica da referida instituição cultural, juntamente com as narrativas de seus alunos e profissionais acerca do que a escola resultou neles sobre a concepção e atuação a respeito do patrimônio cultural do Ceará. Contribuindo assim com uma pesquisa referente a história da educação no Ceará em espaços não formais de ensino e com abordagens educacionais voltadas ao patrimônio cultural, ou seja, através da educação patrimonial.

Este trabalho também busca contribuir com uma pesquisa para a história e a memória da escola, sobre o seu processo educacional e seus resultados deixando o trabalho desenvolvido para própria instituição, para pesquisadores e alunos da mesma. Acrescentando resultados sobre a educação patrimonial e suas influências na construção de identidade e pertencimento do indivíduo em seu lugar social, apropriação e difusão do patrimônio cultural cearense aqui na cidade de Fortaleza.

Para os processos metodológicos utilizamos da pesquisa qualitativa no campo da história da educação, portanto tal abordagem metodológica, propiciou realizar um estudo com textos, análises e interpretações. A referente pesquisa não visa quantificar e sim qualificar os dados para maior compreensão e reflexão acerca do tema proposto. Na pesquisa qualitativa há uma diversidade em seu trabalho e funções. Tal diversidade estar em se inserir numa pesquisa em ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental para a busca desses dados, como é uma pesquisa descritiva e que tem enfoque indutivo.

O estudo, pesquisa e elaboração da tese foi desenvolvido em etapas o que permitiu uma organização do tempo de pesquisa estipulado pelo tempo do doutorado (quatro anos), e também uma organização da elaboração da trajetória da tese. Em primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica de todo o trabalho, como também de fontes e documentos que registram a história e memória e as experiências da escola.

A utilização da pesquisa bibliográfica foi necessária para o conhecimento e reflexão a contextualização histórica sobre o patrimônio cultural e os conceitos encontrados a ele, sobre as abordagens da educação patrimonial, estudos sobre a educação e seus processos pedagógico, sobre cultura e múltiplos campos em que a educação se encontra e se insere, dentre outras áreas de conhecimento que foram necessárias para a fundamentação teórica trabalho. A importância da pesquisa bibliográfica em um trabalho acadêmico segundo Amaral (2007) “é imprescindível, portanto, antes de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa

bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão, e não começar a coleta de dados e depois fazer a revisão de literatura (AMARAL, 2007, p. 01).

Neste sentido, após o levantamento bibliográfico, foi realizado a procura dos documentos necessários para compreender a organização escolar e pedagógica da EAOTPS e a pesquisa em campo para melhor apropriação do espaço e avaliação desses documentos. Avaliamos o Projeto Pedagógico Institucional, planos de cursos e outros arquivos que permitiram a compreensão da organização pedagógica e política da escola dentro de suas ações para com os alunos. Foram necessárias várias visitas a instituição para ter acesso a estes documentos e materiais.

Para além dos documentos pesquisados foi utilizado a narrativa de funcionários e ex-funcionários para compor a construção da historicidade da instituição e da narrativa de alunos egressos para perceber como e quais ações pedagógicas da escola estão nas aprendizagens dos alunos construídas à época em que realizaram cursos na referida escola. Na busca de encontrar respostas aos problemas formulados, levantar proposições e a partir da leitura evitar repetição de trabalhos a fundamentação dos campos de estudo, chegou-se a uma compreensão e interligações destas áreas, permitindo desenvolver um cronograma histórico da EAOTPS, estudar e compreender as ações pedagógicas da referida escola, e analisar e refletir as narrações obtidas.

Como dito anteriormente esta pesquisa não se restringiu ao estudo de fontes e dados em livros e registros documentais, também trabalhamos com as narrativas dos sujeitos que transpassaram e vivenciaram (funcionários, ex-funcionários e egressos) a Escola de Artes e Ofícios Thomas Pompeu Sobrinho. A utilização das narrativas na pesquisa qualitativa nos propiciou um espaço aberto para o diálogo e interpretações. Ressaltamos que, dentro da dimensão ética, este trabalho de pesquisa utiliza as narrativas dos envolvidos, com anuência de suas falas, como forma de colaboração, para construção de conhecimentos.

No objetivo de pesquisar a EAOTPS e sua conjuntura educacional os narradores foram convidados a participar desta pesquisa de forma espontânea. Os mesmos foram de grande relevância não somente para formular a construção da história e memória da escola como também entender o processo pedagógico que a mesma promove em relação a educação patrimonial a partir de suas próprias concepções.

A escolha dos mesmos, que participaram deste momento, partiu do contato e busca por egressos e só foi realizada com os que se mostraram disponíveis. Entrevistamos somente ex-alunos da instituição no intuito em obter as narrativas do processo pedagógico, momentos e ambiências que adquiriram na escola. Nosso objetivo esteve em obter falas do já ocorrido para

que as narrativas nos mostrassem suas memórias e aprendizagens. Processo este, que não teríamos com alunos atuais. No caso, para o grupo de ex-alunos foram desenvolvidas perguntas a cerca de sua trajetória e vivência como discente e de seus aprendizados obtidos nos cursos do qual participou.

A narrativa segundo Delory-Momberger (2008) é para além, um instrumento de formação, é como o indivíduo toma forma de si e de suas experiências, da história de suas vidas. O uso da narrativa propicia ao indivíduo ao fazer uma leitura de si e de suas vivências, compreender melhor sua história. E para este trabalho de pesquisa, não somente queremos contribuir com o recurso da narrativa para a construção de fatos, também contribuir com utilização da narrativa como instrumento de formação para participantes.

Para Souza (2008, p. 89), “a entrevista narrativa, como uma das entradas do trabalho biográfico, inscreve-se na subjetividade e implica-se com as dimensões espaço-temporal dos sujeitos quando narram suas experiências, nos domínios da educação e da formação [...]”. Os narradores passam por um processo reflexivo identificando suas memórias e narrando conforme se sintam confortáveis. De acordo com Weller (2009, p. 05):

“A entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia [...] essa técnica de geração de dados, busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências [...] (WELLER, 2009, p. 05).

As narrativas dos funcionários e ex-funcionários nos concederam entender o percurso sobre a construção da escola e do desenvolvimento do trabalho educacional e pedagógico, desde a escolhas dos cursos a ser desenvolvidos à criação de sua estrutura curricular. Estes narradores foram a gestão atual, ex-gestores, coordenadora pedagógica atual, funcionários da EAOTPS, funcionários do Instituto Dragão do Mar, colaboradores externos a escola.

Utilizamos da entrevista para alcançar as narrativas. As entrevistas foram previamente elaboradas e após, executadas. Segundo Duarte (2002) realizar entrevistas traz a necessidade de formulação de perguntas e questões que sejam capazes de trazer compreensão para o entrevistado e trazer respostas para o entrevistador. Dentro de uma postura adequada, ser capaz de avaliar o grau de indução das respostas não permitindo que o entrevistado se constranja ou se reprima diante de sua postura. Optamos pelo uso de entrevistas semiestruturadas em

profundidade para coleta das narrativas. A entrevista semiestruturada segundo May (2004, p.149) “permite ao entrevistado responder perguntas dentro da sua própria estrutura de referências”. Também que ocorra de maneira natural e fluída e com liberdade de expressão.

A entrevista semiestruturada em profundidade é como “um recurso metodológico que busca, com bases em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações de que deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p.62). Foram elaboradas para estes grupos de sujeitos: ex-alunos e funcionários e ex-funcionários perguntas conforme a intenção da busca pelas informações que precisamos para o trabalho.

Para a obtenção das narrativas e buscar construir um roteiro de historicidade da EAOTPS desde que ainda era um projeto no papel e na mente até o ano de 2018 foi realizado a entrevista pessoalmente com uso de um gravador, com a autorização prévia do narrador, também via redes sociais tais como videoconferência pelo *Messenger* aplicativo disponível pelo *Facebook*. Também via *e-mail*. Participaram da pesquisa funcionários, ex-funcionários, e ex-gestores da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT, e profissionais convidados para a construção da escola.

Para obter as narrativas dos egressos utilizamos da plataforma *Google* Formulário. Nele foi construído perguntas discursivas e abertas a acerca do trabalho da EAOTPS, sobre seus aprendizados e vivências pessoais. O narrador pôde colocar em linhas ilimitadas suas memórias, aprendizados e emoções de forma livre e pôde também optar em não responder alguma questão caso não quisesse. Todos os narradores egressos foram procurados previamente e solicitados a participar, os que demonstram interesse em participar e responderam a entrevistas foram utilizados nessa pesquisa e permitiu a formalização das comunicações e dados.

Com todo o aparato metodológico exposto foi adquirido a interpretação e análise da pesquisa empírica reflexiva. Com a utilização de um raciocínio indutivo que emergirá por meio da análise de dados. Conheceremos a frente a história e a memória desta instituição educacional.

2 O ENCONTRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL COM A EDUCAÇÃO: IDENTIDADE E CIDADANIA

Conforme as palavras de Gilberto Gil: “[...] pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes. Os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial” (IPHAN, 2008).

O homem cria e recria o seu espaço, e quando em coletividade, constroem seu habitat, seus modos, suas falas, suas manifestações de alegria, de tristeza, de crenças e credences, dia após dia constroem tecnologias transformando o seu meio. São produtores de artes e inimagináveis coisas, criam e modificam o seu cotidiano. Essa produção humana no campo das ciências humanas é chamada de cultura, o homem faz cultura, a sua cultura.

A palavra cultura é estudada por diversas áreas no campo das ciências humanas, pois suas características são abrangentes. Aqui, veremos o seu sentido como produção do ser humano para sua existência sendo acumulada e repassada através das gerações. Não é estática e linear, pois é ressignificada de acordo com seu tempo e espaço. Assim, “devemos pensar a cultura como um processo através do qual os homens, para poderem atuar em sociedade, têm que constantemente produzir e utilizar bens” (DURHAM, 1984, p. 28).

O que traz a característica de um povo é o reflexo de seus hábitos, língua, símbolos, suas construções materiais e imateriais e o seu local geográfico. Sua dinamicidade em construir e se organizar socialmente (econômico, político, social) trazem sobre si suas características e sua identidade. Nós seres humanos dentro desse sistema, herdamos o que foi concebido antes de nossa existência, também criamos o novo, ou modificamos conforme nossas necessidades. Para nos entendermos, no hoje, o que veio antes, e prospectar o que virá é importante que compreendamos nossa realidade presente e também das realidades passadas.

O conhecimento, percepção e análise sobre o que nos cerca, sobre os nossos artefatos e produtividades, nossas ações, comunicação, nossa individualidade e coletividade, nossas simbologias, sobre nós enquanto comunidade e construção de sociedade, faz-nos percebermos a nós (plural, coletividade) mesmos (e a si (individual)), numa relação de identidade e alteridade. O educador brasileiro Paulo Freire nos incentiva a fazer esse processo cognitivo de percepção e reflexão sobre o que nos cerca, e em tal ação ele mesmo o intitula de:

leitura de mundo. Paulo Freire afirma em suas pesquisas que antes de fazermos a leitura da palavra, que nada mais é o exercício da decodificação e junção de letras que formam palavras e que carregam significações, fazemos antes, a leitura do mundo, de tudo que nos cerca. A palavra nos leva a nossa memória uma imagem, um signo, uma ação ou uma vivência. Vemos mais sobre a leitura de mundo a seguir:

Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da Palavra. [...] A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa (FREIRE, 1986, p. 9).

Para a capacidade de revisitar a memória e formular uma narrativa histórica das vivências e do que nos cerca, Freire (1986) afirma que se dá pela leitura de mundo. Assim somos construtores de histórias e memórias. Ainda sobre a leitura de mundo, e a exemplificação deste ato vemos mais em suas palavras:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. [...] A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo (FREIRE, 1986, p. 9).

Lefebvre (1991) também compactua com Freire (1986) em seus estudos sobre a relevância em fazer uma leitura do que nos cerca, especificamente, Lefebvre nos estimula a fazer uma leitura sobre a cidade. A cidade ou as cidades podem ter significados diversos como uma construção do homem, como uma obra das relações sociais no seu espaço, como produção e reprodução de seres humanos por seres humanos. As cidades como espaços de moradia, tem uma história, é obra de uma história, de pessoas e grupos que realizam obras na condição histórica em que vivem. E sobre tudo que nos cerca se faz uma melhor compreensão a partir do olhar sobre o que nos cerca e sobre a reflexão que chamamos aqui de leitura:

Sim, lê-se a cidade porque ela se escreve. Porque ela foi uma escrita. Entretanto não basta examinar esse texto sem recorrer ao contexto [...]. Que seja lido e relido, muito bem. Que se chegue até a sua leitura crítica, melhor ainda. Faz perguntas ao conhecimento: “quem e o quê? Como? Por quê? Para quem?” Essas perguntas anunciam a exigência de um contexto (LEFEBVRE, 1991, p.61).

Pensar e refletir sobre a nossa cultura, nossa cidade, nossas ações, pensar em nossas histórias e gerar uma identificação coletiva sobre a mesma é um processo educativo. Conhecer nosso passado, nossa história enquanto cidadãos, conhecer sobre o processo de formação da cultura local como nossa é também importante para que o indivíduo se aproprie do seu espaço e da sua cultura.

O estudo no campo da história e memória também nos trazem conhecimentos sobre esse processo. A história e a memória nos garantem uma compreensão do que é a memória social e a construção da identidade cultural. A memória é algo intrínseco ao ser humano e a recorremos a todo instante para lembrar, assim como para esquecer, seja no âmbito das fantasias, seja no âmbito da narração de uma vivência ou de algo. A memória vem de algo que já ocorreu, do passado, nela temos lembranças e também esquecimentos (presença/ausência) e o que fica é o reconhecimento (de algo). Referenciando esse fenômeno, “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (RICOEUR, 2007, p. 40).

A memória que nos chega nos remete ao dia (tempo) e lugar (espaço). Ela nos recorda trazendo à tona o que o cercou, onde esteve, rememorando, trazendo detalhes, criando a leitura e releitura de um momento, uma ação e um lugar. Essa memória, então, tem um tempo e espaço que Paul Ricoeur (2007) chama de lugar de memória quando diz que:

[...] É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim, as ‘coisas’ lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos ‘lugares de memória’, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico. Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos *reminders*, dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória [...] (RICOEUR, 2007, p.58).

O lugar social do indivíduo pode ser um lugar de memória. No entanto, não somente rememoração de ações em tempo e espaços diferentes ativam as nossas memórias, a materialidade das ações humanas, também. Pierre Nora fala que “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi [...]” (1993, p.14), e esse valor que o indivíduo dar, trazem a ele sentimentos, de lugar de memória, objeto de memória, manifestação de memórias, de histórias e memórias. Estes podem ser pessoal ou coletivo.

Como falado anteriormente, a leitura que fazemos do que nos cerca, à história e a memória, nos permitem compreender o sentido de memória social e a construção da identidade cultural, carregados de valores dados pelo coletivo ou individual.

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória (NORA, 1993, p. 18).

Fazer uma leitura e reflexão sobre tais ações humanas, ou seja, sobre a cultura como processo de produção do homem, ou revisitar as histórias e memórias de um povo, lugar, nação, não significa querer retomar o passado, ou para que as culturas permaneçam sem alterações e estáticas, ou mesmo que elas não sejam esquecidas. Mas para que possamos nos compreender no hoje e talvez construir um novo e melhor futuro, para que possamos valorizar nossas riquezas e não a substituição pelo novo (moderno) sem significações para um povo. Como vemos em Freire (2000) quando diz:

A questão fundamental não está em que o passado passe ou não passe, mas na maneira crítica, desperta, com que entendemos a presença do passado em procedimentos do presente. [...] Nesse sentido, o estudo do passado traz à memória do nosso corpo consciente a razão de ser de muitos dos procedimentos do presente e nos pode ajudar, a partir da compreensão do passado, a superar marcas suas (FREIRE, 2000, p.75).

Hobsbawm (1997) fala que o passado serve de análise e que no presente vivido busca uma mudança para que haja uma continuidade no desenvolvimento da sociedade e do indivíduo. O autor ainda acrescenta que:

Paradoxalmente, o passado continua a ser ferramenta analítica mais útil para lidar com a mudança constante, mas em uma nova forma. Ele se converte na descoberta da história como um processo de mudança direcional, de desenvolvimento ou evolução. A mudança se torna, portanto, sua própria legitimação, mas com isso ela se ancora em um “sentido do passado” transformador (HOBSBAWN, 1997, p. 03).

Podemos então trazer para o cerne desta reflexão a existência do patrimônio histórico, artístico e cultural. Como já vimos e sabemos, nós seres humanos somos fazedores de cultura (expressões, manifestações, tecnologias, transformamos o nosso meio social...) e vamos deixando nossas marcas onde passamos. Ao longo dos séculos vamos repassando os conhecimentos adquiridos às gerações futuras e logo estas reproduzem, ressignificam e também transformam, constroem também novos conhecimentos. E continuam fazendo cultura,

continuam. Muitas destas manifestações formam nossas histórias e memórias e através destas aprendemos constantemente, refletimos, nos identificamos e nos empoderamos enquanto indivíduos presentes no mundo. Criticizamos nossas histórias e trazemos valores as nossas memórias, herdamos de gerações passadas e deixamos para gerações futuras, tornamos essa complexa ação em patrimônio cultural, como vemos adiante:

Uma reflexão sobre uma forma específica de as sociedades modernas e contemporâneas lidarem com a experiência do transcurso do tempo e seu resultado para o conjunto de realizações humanas [...]. Opera-se claramente por esse caminho uma transformação, que nos obriga a interrogar tal processo de produção de uma nova realidade para os referidos objetos: símbolos de algo para além de sua materialidade dada ao olhar (GUIMARÃES, 2011, p. 109 e 110).

A concepção da palavra patrimônio é de origem latina, estava atrelada a posses de bens que o homem acumulava. Com o passar do tempo o patrimônio era considerado como uma herança de bens (ainda materiais) aos seus descendentes. Com a criação dos Estados Nações a noção de patrimônio vem justificar os laços identitários para justificar a nação como uma coletividade. Mas nessa nova concepção de patrimônio para justificar as características culturais desses recém Estados Nações, o que se elegia nem sempre representava a todos e quem o elegia também não se configurava em muitos, mas poucos profissionais e interessados na área.

Neste último século as noções de patrimônio vêm se ressignificado passando não só a ter mais abrangência em sua composição de significados como maior participação dos indivíduos. Essa abrangência traz uma outra palavra associada e também carregada de significados: patrimônio cultural. Podemos ver em Silvierio (2014) essa mudança:

As pessoas passaram a ser detentoras de referências e bens culturais, ou seja, os sentidos e significados do patrimônio cultural decorrem não somente de sua materialidade, mas das pessoas que o detém. O patrimônio cultural não é, desde então uma narrativa única, coesa e fechada sobre a nação, mas um artifício político de afirmação e confirmação da pluralidade e heterogeneidade sócio cultural que constitui o país (SILVIERO, 2014, p.33).

No mundo contemporâneo o patrimônio cultural conjectura uma relação do indivíduo com os objetos materiais ou a cultura simbólica, com o passado, com a história e memória do seu lugar e também o conhecimento de outros lugares. Ao representar um passado coletivo ou individual, dando um sentido de pertencimento do sujeito a um determinado grupo social, os aspectos patrimoniais da memória tornam-se construções sociais e, sendo assim,

agregam intencionalidades, impessoalidades, interesses e concepções diversas de valores (OLIVEIRA, 2015).

A noção de patrimônio cultural tem em seu caráter a preservação. Essa noção foi historicamente construída e é transformada a cada dia. O patrimônio cultural como herança a ser preservada vem atribuir valor e relevância, não imposição de cultura como maior ou melhor que outra, mas como práticas humanas que circunscrevem a dinamicidade de um lugar.

Essa preservação para além de compreendermos nosso passado e reescrevê-lo para as gerações seguintes também tem como característica proposital a construção de identidade e alteridade, de preservar, salvaguardar, respeitar e assumir-se cidadão de seu lugar, como também fazermo-nos entender que a cultura é diversa e constante. Santos (2008) diz que deve haver “a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e apropriar-se do patrimônio cultural, buscando-se a construção de uma nova prática social” (2008, p.22).

O escritor Guimarães Rosa no livro *Grandes sertões veredas* fala “[...] esses homens! Todos puxavam para si, para consertar o consertado. Mas cada um só vê e entende a coisa dum seu modo”. Parafraseando essa fala, a noção de patrimônio cultural iria contra essa ação, “de que o seu “modo” é menos relevante que o meu”, e sim, que todos “os modos” podem ser relevantes, mas não para ser concertado e sim percebido e refletido.

O patrimônio cultural pode ser classificado em material, imaterial e natural. Não necessariamente vistos e encontrados separados. O primeiro é constituído de matéria, bens culturais móveis ou imóveis¹ de natureza arqueológica, arquitetônica, etnográfica, histórica, artísticas, documentais e bibliográficas dentre outros palpáveis. As marcas materiais têm um tempo de existência maior que a vida humana e nesse aspecto eles referenciam o homem em tempo e espaço (D’ALESSIO, 2011). Contudo, os mesmos podem vir a despertar no indivíduo reflexão, cidadania, respeito e identidade.

Seja um prédio que demarque outro estado temporal, econômico, cultural, ou época presente, seja a praça do seu bairro que todos os dias reúne pessoas para se manifestarem das mais diversas maneiras (tem uso atual). Esses podem trazer ao indivíduo a sensação de pertencimento, reconhecimento da sua própria história e também coletiva.

¹ Citarei mais exemplos de bens móveis e imóveis. Bens móveis: constitui-se de objetos, tais como, móveis, peças de artesanato, obras de artes, objetos arqueológicos, escultura, imaginária religiosa, utensílios, indumentária, etc. Bens imóveis: edificações de valor histórico, científico, arquitetônico, artístico, e memorial como igrejas, casas, fortificações e etc.

O imaterial está relacionado aos saberes e fazeres, aos hábitos, as crenças, as manifestações culturais, religiosas, os mitos e lendas, danças, língua, os modos e meios de expressão e etc. Segundo Jourdan (2014) refere-se as heranças coletivas que um grupo compartilha e que desejam preservar, salvaguardar, proteger e difundir. Tais como a linguagem e a expressão que são transmitidos via oralidade, ou vivência, ou escrita, são práticas e expressões, modos de saber e fazer não pela sua finalidade, mas pelo significado que carrega para a formação identitária do grupo.

E por fim o patrimônio natural se refere às perspectivas de reflexão e cuidados sobre o ambiente natural e/ou nosso principal espaço, a natureza. A preservação do meio ambiente se inclui aqui, pois tal preservação contribui para a diminuição do impacto ambiental. Pois, “o homem não é naturalmente agressor, nem é naturalmente preservador do meio ambiente, ele é agente histórico de mudanças e pode deve tomar consciência disso para melhor convivência com os territórios e paisagens existentes no mundo (BRAGA e SILVA, 2014, p. 105).

Estas são resumidamente exemplificações destas categorias. Ressaltando mais uma vez, as mesmas nem sempre são encontradas separadamente, se juntas formam uma coisa só. A estratégia de categorização do patrimônio cultural surgiu para organizar as políticas públicas de preservação. E “com todo esse patrimônio, material, imaterial, consagrado e não consagrado que podemos trabalhar num processo constante de conhecimento e descoberta” (GRUNBERG, 2007, p. 4). Descobertas sobre nós, o que já fomos e seremos (individual ou coletivo).

2.10 patrimônio cultural no Brasil

Pensar o patrimônio cultural brasileiro como herança ao seu povo, como afeto as histórias e memória existentes vista em um prédio, uma praça, ou mesmo um simples objeto carregado de narrativas sobre o tempo e o espaço. Sobre as pessoas que ali em sua diversidade construam seu cotidiano e realidades, pensar o patrimônio do Brasil na valorização dos grupos e de suas tradições, não é algo tão longo no nosso país².

A constituição de patrimônios históricos e artísticos nacionais é uma prática característica dos Estados modernos que, através de determinados agentes, recrutados entre os intelectuais, e com base em instrumentos jurídicos específicos, delimitam um conjunto de bens no espaço público. Pelo valor que lhes é atribuído, enquanto manifestações culturais e enquanto símbolos da

²Iremos nos deter aqui ao surgimento das políticas e instituições oficiais que surgiram no Brasil com a finalidade de preservação, restauração e salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro. Mas, antes de tal inicialização institucional própria, já haviam outras instituições que favoreciam tais práticas, como é caso da instituição museológica chagada aqui antes do século XX, das bibliotecas e arquivos públicos.

nação, esses bens passam a ser merecedores de proteção, visando à sua transmissão para gerações futuras (FONSECA, 2005, p. 21).

Surge então uma necessidade de que o patrimônio histórico, cultural e natural seja preservado para reconhecimento, apropriado cultural e historicamente objetivando a inclusão e não o esquecimento. O patrimônio tem muito a ver com significado que possui para a lugar/sociedade, admitindo que o elemento básico na percepção do significado de um bem cultural reside no *uso* que dele é feito pela sociedade (DURHAM, 1984). Preservado porque reconhece, narra, legitima e assegura uma história e uma memória.

Cheio de relações sociais, rituais, formas estéticas, línguas, vida e também morte, o patrimônio cultural está aí para ser também utilizado pelo homem. E quando o Estado vê interesse simbólico e/ou econômico, social e/ou cultural surgem as políticas públicas para a preservação do mesmo.

Para pensar patrimônio, reconhecê-lo, preservá-lo e divulgá-lo também se faz necessário o uso das políticas públicas para a criação de ações que venham ser legitimadas. E aqui no Brasil quando houve a efervescência em pensar o patrimônio cultural brasileiro também houve a criação de políticas públicas. No início do século XX há o surgimento políticas públicas a nível nacional.

Em 1934 foi criado o primeiro órgão público federal chamado Inspetoria dos Monumentos Nacionais - IMN, pelo Decreto nº 24.735, de 14 de julho do anunciado ano. O órgão ficou responsável por fazer um levantamento dos bens históricos e artístico no Brasil. O mesmo não tinha autonomia para determinar quais seriam as edificações e ou obras que deveriam tornar-se uma referência patrimonial para o país, somente as sugestões dos mesmos, e cabia a governo federal analisar as propostas e legitimar a preservação e conservação.

Vários intelectuais e políticos no Brasil desta época estavam se preocupando e debatendo sobre o patrimônio histórico do Brasil. Gustavo Barroso³ foi um destes, enviou uma correspondência para o governo solicitando esta demanda, como poderemos ver logo abaixo. Com criação do órgão, o IMN, o Museu Histórico Nacional ficou responsável por organizar as ações e atuações desta pasta. Para tal necessidade de organização, criação e efetivação de um setor responsável vemos as falas de Gustavo Barroso (1933) abaixo:

Devo insistir na necessidade que reconheço presente, de regular o Governo a defesa do Patrimônio Histórico e artístico do País. Enquanto não tivermos uma

³ 1888-1959. Advogado, jornalista e político, fundou e passou a dirigir o Museu Histórico Nacional, na capital federal. Terceiro ocupante da Cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras. Escritor de livros na área do patrimônio e museologia no país. Nascido em Fortaleza - Ceará.

organização administrativa acauteladora daquele patrimônio, e em harmonia com uma legislação adequada, meios de prevenção contra os assaltos que constantemente sofrem os monumentos históricos do Brasil, mal protegidos pelos poderes locais dos Estados e municípios, continuaremos assistir a devastação da nossa riqueza tradicional... No Brasil, não me parece aconselhável a criação de um organismo especial para tal função: o Museu Histórico Nacional, sem ônus para os cofres federais poderia realizar aquela tarefa com a atribuição que por decreto se lhe conferisse de Inspetoria de Monumentos Nacionais (BARROSO, 1933, p.2).

O IMN participou e auxiliou de perto o trabalho de restauração da cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, que foi uma das primeiras cidades do país a realizar um trabalho deste porte em maior escala (OLIVEIRA, 2008). Ressalto aqui, que antes do surgimento deste órgão em âmbito federal, já haviam surgido alguns anos antes, órgãos estaduais em algumas cidades do Brasil, como por exemplo, na Bahia (1927) e em Pernambuco (1928) (MAGALHÃES, 2004), mas em algumas outras cidades ainda não havia tal debate acontecendo. A referida pasta também teve problemas técnicos em seu andamento, mas não é nosso foco debatê-las aqui⁴.

Em 1937 foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, que veio substituir a Inspetoria dos Monumentos Nacionais. Originado a partir da Lei nº 378 em 13 de janeiro, o SPHAN era incorporado ao Ministério da Educação e Saúde, na categoria de Instituições de Educação Extraescolar dos Serviços relativos a Educação.

Para a criação do futuro órgão que substituiria o IMN, e a convite de o Gustavo Capanema⁵, então ministro do Ministério Educação e Saúde, Mário de Andrade⁶ foi convidado para criar um anteprojeto. O anteprojeto de Mário de Andrade muita se pautava na pesquisa das tradições brasileiras, não somente dos bem materiais como também imateriais, para além, não só referenciava a preservação e valorização do “culto, mas também do popular”, onde todas as classes sociais se sentissem representadas.

A proposta de Mário de Andrade e seu anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional era de âmbito bastante extenso, tentando preservar a totalidade de nossos bens culturais, inclusive hábitos, credences, cantos, lendas e superstições populares (SALA, 1990, p.2).

Algumas ideias de Mário de Andrade no anteprojeto tinham tendências populares e/ou socialistas que se contrapunha com os ideais do governo da época, o Estado Novo. As intervenções no campo dos debates sobre o que seria patrimônio também não estavam a acesso

⁴ Há literaturas no mercado referentes aos avanços e impasses desta primeira pasta a nível federal no Brasil.

⁵ 1900-1985. Formado em Direito, político, foi ministro da educação e saúde de 1934 a 1945. Realizou reformas na educação brasileira e durante sua pasta surgiu o SPHAN.

⁶ Intelectual, escritor, crítico literário, musicólogo, ensaísta, folclorista e pesquisador do patrimônio cultural brasileiro.

de toda a população para participação, ainda no âmbito dos intelectuais, políticos e trabalhadores da área (a exemplo, arquitetos). Logo, surge a construção de um outro projeto aprovado na câmara:

O decreto-lei nº 25 não é fiel ao anteprojeto de Mário. Não escapou aos teóricos e articuladores do Estado Novo o perigo representado pela iniciativa paulista em seu sentido de democratização da cultura, principalmente uma cultura imaterial representada e de etnias que tinha no Brasil o seu lugar geográfico e que atrapalhavam das mais diversas formas seu projeto seu projeto nacionalista (SALA, 1990, p.25).

Rodrigo de Melo Franco⁷ foi o responsável pelo projeto final (este novo projeto teve influências do primeiro). Rodrigo de Melo Franco se tornou o diretor do SPHAN, sob indicação de Mario de Andrade, e convidado a exercer a pasta pelo ministro da educação e saúde, Gustavo Capanema. O Artigo 1º do Decreto-Lei nº 25 delimita a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional a:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existente no país e cuja a conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASILIA, 2010, p.25).

Neste projeto exclui-se do patrimônio brasileiro toda e qualquer obra de origem estrangeira. E somente o que fosse reconhecido e “tombado” pela instituição seria elegido como patrimônio do Brasil. Como podemos ver no inciso I quando diz “só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatros livros de tombo [...]” (BRASILIA, 2010, p.25). Podemos perceber neste decreto que a noção e abrangência do patrimônio como visto no último capítulo, no Brasil ainda, em seu início de construção de debates e práticas, para a formulação da ideia de patrimônio brasileiro, ainda é muito limitada. Primeiramente por sua escolha ser somente por via da instituição e não de caráter popular, secundamente por não relevar as práticas culturais populares mais diversas, como quando vimos a substituição do anteprojeto por um novo.

Um apontamento para este inciso visto acima é a introdução do tombamento, como podemos perceber em “livros de tombos”. O tombamento é um instrumento jurídico voltado para a preservação e proteção do bem cultural, atribuindo valor e tornando-o público,

⁷ Escritor, jornalista e advogado. Foi indicado por Mário de Andrade para assumir a direção do SPHAN, onde permaneceu durante 30 anos.

patrimônio público. Após o tombamento desse bem não é mais permitido intervenções que possam causar sua destruição, demolição ou mutilação. Rabello (2015) nos explica mais sobre o assunto:

O principal efeito da imposição do tombamento é conservar os bens materiais, coisas móveis ou imóveis que são reconhecidas como portadoras de valores culturais. Com a imposição do tombamento, são criadas obrigações para os proprietários de bens tombados, para o poder público, como para a sociedade em geral, de manter e conservar o bem cultural (RABELLO, 2015, p.2).

Nas atribuições do SPHAN também se desenvolveu o preparo de técnicos para a área, criação de inventários, pesquisa e estudo, trabalhos de conservação e restauração, principalmente em monumentos e prédios históricos, organização de arquivos públicos, organização de documentos e dados públicos e particulares, organização de acervos fotográficos e iconográficos, organização de museus, dentre outros trabalhos. Segundo Rezende, Grieco e Teixeira (2015) nos anos de funcionamento foram tombados 474 bens, sendo que 246 deles, em 1938. E mais:

A estruturação da instituição permitiu, ainda, a recuperação e proteção de pinturas antigas, esculturas e documentos, além da criação de museus regionais e nacionais, como o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (1938); das Missões, em Santo Ângelo (1940); do Ouro, em Sabará (1945); do Diamante, em Diamantina (1954); da Abolição, em Recife (1957); o Regional de São João Del Rei (1963), dentre outros (REZENDE, GRIECO e TEIXEIRA, 2015, SD).

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional passou por reestruturações e ações afirmativas a partir do seu desenvolvimento e posteriormente seu nome também foi mudado, em 1967, para Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN. Com a integração de outras entidades de preservação ao patrimônio⁸ que vieram a surgir no Brasil, juntou-se os trabalhos desenvolvidos na nova organização, o IPHAN.

O IPHAN encontra-se até a atualidade como órgão federal responsável pelo patrimônio cultural brasileiro e suas demandas. Uma autarquia do Governo do Brasil,

⁸ O Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, foi um equipamento que desenvolveu um amplo trabalho, sob a iniciativa de Aloísio Magalhães tinha como objetivo central realizar um sistema básico para descrição, análise e reflexão das múltiplas manifestações culturais brasileiras “ a) Adequação às condições específicas do contexto cultural do país; b) abrangência e flexibilidade na descrição dos fenômenos que se processam em tal contexto, e na vinculação dos mesmos às raízes culturais do Brasil; e c) explicitação do vínculo entre o embasamento cultural brasileiro e a prática das diferentes artes, ciências e tecnologias, objetivando a percepção e o estímulo nessas áreas, de adequadas alternativas regionais” (MINDLIN, 1983, p.02). Se por um lado o IPHAN vinha desenvolvendo um trabalho de reconhecimento e preservação, em principal escala, nos bens materiais do país, de outro lado o CNRC vinha desenvolvendo trabalhos de identificação, reconhecimento e preservação de bens imateriais brasileiros.

atualmente sob comando do Ministério da Cultura - MinC, fiscaliza, protege, identifica, restaura, preserva e revitaliza os bens patrimoniais do país.

Na contemporaneidade compete à preservação e proteção de patrimônios culturais também a União, o Estado e o Município a nível local. Entretanto, não somente é responsabilidade destes órgãos o reconhecimento, preservação e apropriação dos bens patrimoniais, também é responsabilidade social e individual de cada cidadão brasileiro, atitude esta que veremos como se desenvolve na sociedade.

A Constituição Federal do Brasil de 1988 no seu artigo 216 nos fala sobre o patrimônio cultural brasileiro e nos define quais seriam esses bens culturais dividido em bem material, imaterial e natural. Os bens patrimoniais podem ser vistos e reconhecidos como e quando forem:

- I-As formas de expressão;
- II-Os modos de criar, fazer e viver;
- III-As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV-As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V-Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASILIA, 2010, p.10).

Na legislação brasileira reconhece-se o princípio da cidadania cultural e no inciso 1º do artigo 215 reconhece também a diversidade cultural e as manifestações culturais indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos participantes do processo construtivo do Brasil. Reconhecendo a pluralidade cultural do Brasil e sua importância para a cidadania.

A significação do patrimônio no mundo contemporâneo pode ser compreendida como uma relação pré-estabelecida entre um objeto material ou simbólico e as associações culturais e históricas que os sujeitos fazem dele. Ainda sobre a exemplificação do patrimônio Cultural Horta, Grunberg e Monteiro (1999) nos dizem que:

Qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico ou urbano uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.6).

A concepção que temos do patrimônio como aspecto cultural tanto material quanto imaterial materializado num objeto, num monumento, num prédio, numa expressão artística ou religiosa, nos saberes e fazeres de uma comunidade, nas diversas manifestações culturais leva-

nos a reconhecer e a nos interessar pela preservação e valorização da nossa própria memória social. Há a percepção de que o patrimônio cultural guarda em suas nuances as múltiplas experiências dos homens no tempo e no seu espaço, pois o lugar interfere nas ações e “o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos e a identidade e cidadania” (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p.01).

A consciência de que existe um patrimônio cultural e o reconhecimento deste é de fundamental importância para que o indivíduo possa desenvolver modos de preservar sua história individual e posteriormente, como esta se inclui, no coletivo. Esta conscientização para o reconhecimento e apropriação do patrimônio cultural se dá por meio de processos educativos, ou seja, através da educação.

Conforme Tolentino (2012) quando falamos na preservação e valorização do patrimônio cultural, necessariamente entramos na seara da educação, pois a preservação de nossos bens culturais parte de uma prática social. “Uma vez que as comunidades devem ser as grandes protagonistas na seleção do que representa as suas identidades e na preservação de seus valores culturais” (2012, p. 49). E Brandão (1989) acerca da educação nos fala que ela “atua sobre a vida e o crescimento da sociedade em dois sentidos: 1) no desenvolvimento de suas forças produtivas; 2) no desenvolvimento de seus valores culturais” (BRANDÃO, 1989, p 75).

Contudo, as noções de patrimônios vêm se ampliando a cada dia, tais como, o processo de seleção visando a patrimonialização, sobre a valorização da diversidade brasileira advindo do reconhecimento da pluralidade, por exemplo, para além de pensar somente as três etnias brasileira separadamente. Sobre a gestão desses bens, seja ela por políticas públicas ou educacional. E também sobre os aspectos jurídicos, em ações de salvaguarda.

Não somente a instituição federal ou os estados e municípios desenvolvem ações referente a esta temática, outras instituições como a escola brasileira e instituições educativas não formais também desenvolvem trabalhos para a capacitação do indivíduo em suas múltiplas habilidades e exercício da cidadania enquanto ser que pertence a um povo, que faz história e cultiva memórias. Os espaços educativos formais e não formais vem atuando nesta área utilizando a educação. Além de informalmente adquirimos tais saberes, quando construídos e compartilhados coletivamente.

A educação tem sido uma aliada a noção de patrimônio em um processo sistemático de aprendizagem e cidadania tomando o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Veremos mais à frente como a educação

se promove dentro patrimônio cultural, seus fins e objetivos. Toda essa contextualização é necessária para a compreensão do objeto de estudo: A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho.

2.2 Patrimônio cultural e educação

Ainda hoje, a discussão sobre o que é patrimônio é constante para que o brasileiro se aproprie desta temática. Como já visto, há legislações implementadas na organização do país, e diversas instituições trabalhando na execução delas. Apesar disso ainda existe brasileiros que desconhecem o assunto ou se sente distante da ação de valorização e eleição do seu patrimônio cultural. Para alguns, pensar e reconhecer algo como patrimônio ainda está associado a algo que somente foi elegido dentro das políticas públicas e dos trabalhadores da temática, ou mesmo, assuntos ligados a centros culturais e artísticos.

De outro lado, surgem comunidades e grupos reconhecendo suas raízes e valores, se apropriando de sua cultura e manifestando suas artes e ações como patrimônio. Nestas últimas décadas podemos perceber a efervescência de grupos considerados minorias buscando as suas raízes na construção de sua identidade e luta contra a descaracterização sofrida por grupos dominantes e pela aculturação⁹. Como grupos indígenas ou quilombolas que lutam pela permanência de suas tradições, como comunidades que desenvolveram saberes e fazeres e se afirmam na busca pelo respeito e reconhecimento.

Todos nós podemos eleger patrimônio histórico, cultural e natural, dentro do que tem uma significância para si. Generalizando a discussão, quando pensamos no Brasil nos remetemos as ações mais comercializadas e propagadas das manifestações brasileiras, que são vendidas amplamente em busca do turismo como fonte de frutos para a economia. “Na verdade, a identidade brasileira tem sido representada basicamente pelo samba, pelo futebol, pelo carnaval e, recentemente, pelas telenovelas, e pela fórmula 1” (FONSECA, 2005, p. 26). Em tais exemplos, não desmerecemos sua relevância, mas sabemos que o Brasil é plural, e muito mais.

Nesse processo atual, em larga escala, a globalização em massa, que nos faz consumir mais ainda o que vem de outras culturas estrangeiras do que a nossa própria, quando por exemplo, conhecemos não somente uma marca estrangeira, as vezes mais e desconhecemos

⁹Sobre tais conceitos veremos mais aprofundamento em capítulos adiante.

as locais. Tal preocupação em ampliar seus conceitos de patrimônio para toda a população surge a necessidade de ações educacionais que informem e formem o indivíduo.

Charlot (2013) afirma que “por ser educação, indissociavelmente, construção de si mesmo e apropriação do mundo humano, ela é um movimento de dentro sendo alimentado pelo que o educando encontra fora de si mesmo” (2013, p.178). Desse modo podemos inferir sobre educação:

Na educação ocorre uma troca de saberes e experiências, uma construção de ideias e pensamentos, hábitos, ética e igualdade e diversidade nas relações. São diversas as modalidades educativas existentes e estas são ressignificadas em cada contexto, são transformadoras e nunca lineares e limitadas (OLIVEIRA, 2015, p. 19).

O processo educacional tem objetivos e finalidades que ocorrem de acordo com o lugar, com os meios, de maneira objetiva ou subjetiva. Tais objetivos da educação atrelado com os significados e o dinamismo da abrangência do patrimônio cultural podem trazer uma série de ações que conduzam ao indivíduo uma proximidade e tal entendimento acerca do que o cerca, das ações humanas relacionadas a sua cultura, capacitando de maneira social, política e cultural. Como vimos antes, a importância da construção de sua cidadania e o reconhecimento do mesmo, como um ser ativo em seu próprio meio.

Paulo Freire contribuiu para a educação do país com vários estudos e métodos. Freire em seus trabalhos no campo da educação e no livro “*Ação cultural para a liberdade e outros escritos*” dialoga sobre relevância da alfabetização cultural. A alfabetização é um termo utilizado para desenvolver no indivíduo habilidades para o processo de leitura e escrita e a falta desta habilidade é chamada de analfabetismo. Neste caso Paulo Freire (2003) remete a alfabetização para cultura como ação educativa com a finalidade de capacitação do indivíduo em aprender sobre sua identidade cultural, refletir sobre as ressignificações que o indivíduo faz sobre o lugar social de forma consciente, em existência no e com o mundo. A seguir o mesmo nos fala que:

A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural. Para os seres humanos, o aqui e o ali envolvem sempre um agora, um antes e um depois. Desta forma, as relações entre os seres humanos e o mundo são em si históricas, como históricos são os seres humanos, que não apenas fazem a história deste mútuo fazer, mas, conseqüentemente, contam a história deste mútuo fazer (FREIRE, 2003, p.81).

Como podemos perceber a partir de Freire (2003) a ação que o indivíduo faz de aprender e reconhecer sua cultura e espaço social faz com que o mesmo reflita sobre o lugar como histórico e cultural e suas relações com ele. Todo ser humano é sujeito histórico que faz história e conta história de sua relação com o mundo.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais¹⁰ - PCN, desenvolvidos para orientação das instituições formais de ensino no Brasil se encontra um caderno voltado para a cultura e diversidade. O PCN Pluralidade Cultural entende que a educação voltada ao patrimônio sócio histórico e cultural desenvolve no indivíduo saberes e éticas relacionadas ao respeito, apropriação e (re) conhecimento de sua cultura e do próximo. Como podemos ver que:

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL, 1997, p.121).

O conhecimento sobre sua cultura, como frutos de tudo que o ser humano em coletividade fez, transformou e (re) significou poderá trazer para o indivíduo uma melhor relação com o outro e com a sociedade gerando o conhecimento do lugar como um patrimônio de cada um. “Reconhecer e valorizar a diversidade cultural é atuar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, entraves à plenitude da cidadania para todos e, portanto, para a própria nação (BRASIL,1997, p. 122). Ainda conforme o PCN (1997, p.35) o indivíduo deve “identificar alguns documentos históricos e fontes de informações” para o conhecimento de seu espaço social e cultural.

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação - LDB - aqui no Brasil também reafirmam o direito a educação sobre o patrimônio com a lei 9.394 quando diz:

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Também quando observamos no artigo 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira em seu parágrafo IV “promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação” (BRASIL, 1996).

¹⁰ Documento elaborado para servir como norteador as atividades em sala de aula nas escolas, compõe uma grade curricular que auxilia o professor a elaborar suas atividades.

Citando as legislações educacionais brasileiras a cima é importante salientar que a educação está para além dos muros escolares, e que atinge todos os segmentos da sociedade. Dentre os outros espaços onde ocorrem a educação veremos em capítulos adiante.

Para proporcionar o conhecimento do patrimônio cultural, (re) construção de identidade e cidadania, despertar a responsabilidade de preservação do patrimônio sociocultural, respeitar a diversidade e promover a alfabetização cultural o patrimônio cultural e a educação se integram para formar a educação patrimonial. Segundo Cabral (2002) a educação patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional com foco no patrimônio, seja ele material ou imaterial, e que o mesmo seja fonte de conhecimento. Ainda Cabral (2012) afirma que:

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial (CABRAL, 2012, p.40).

A educação patrimonial está voltada para as concepções de preservação e conscientização sobre importância do patrimônio, da história e memória de seu povo, contexto social e cultural e por que “podem garantir ao sujeito elementos teóricos fundamentais que lhe possibilitem uma leitura dinâmica do contexto social, compreendendo o mundo e os processos histórico-culturais em que está inserido” (SANDER, 2006, p.35).

Na medida em que desenvolvemos a educação através do conhecimento sobre o patrimônio cultural desenvolvemos a educação patrimonial. A educação patrimonial logo é abordagem educativa. Florêncio, Clerot, Bezerra e Ramassote (2014) nos seus estudos e pesquisas nos esclarecem um pouco mais sobre esta temática quando dizem:

Ser considerada como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente. Também deve enfrentar o desafio de encarar a problemática de que, no Brasil, nem sempre a população se identifica ou se vê no conjunto do que é reconhecido oficialmente como patrimônio cultural nacional (FLORÊNCIO; CLEROT; BEZERRA e RAMASSOTE, 2014, p.20).

É um processo transversal e essencial nos momentos de preservação e valorização do patrimônio cultural e nós indivíduos somos mediadores para a apropriação do conhecimento e para a construção coletiva que reconhece as comunidades, seu lugar social, como

produtoras/detentoras de saberes locais, e os bens culturais voltados para o contexto de significados locais relacionado as memórias locais.

O livro “*O Guia da Educação Patrimonial*” de Horta, Grunberg e Monteiro (1999) nos remonta a fala de Paulo Freire, já referenciada aqui, quando o autor fala sobre identificar, explorar e valorizar o patrimônio cultural brasileiro, assim como abrangê-lo do algo individual ao coletivo, nos traz o processo de alfabetização da cultura nos permitindo fazer uma leitura do que nos cerca:

A Educação patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p.01).

Nos órgãos oficiais nacionais tais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no Ministério da Educação - MEC, no Ministério da Cultura - MinC, e espaços não formais educacionais, a exemplo museus e instituições diversas, ao longo das últimas décadas vem criando uma série de ações para pensar o patrimônio cultural e a educação como instrumentos que gerem identidade, apropriação e sentimentos de pertencimentos.

Com a progressiva consolidação e o adensamento institucional da área, em compasso com as inúmeras iniciativas executadas pelas superintendências e instituições ligadas ao IPHAN, uma série de eventos foram promovidos visando construir coletivamente parâmetros de atuação, marcos conceituais, instrumentos legais e parcerias na área de Educação Patrimonial (FLORÊNCIO, 2014, p.14).

Criando intervenções que busquem estruturar e consolidar essa discussão que vise ações educativas como meio de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Como vemos a seguir algumas destas ações:

Em 2004, o Decreto nº 5.040/04 cria uma unidade administrativa responsável por promover uma série de iniciativas e eventos com os objetivos de discutir diretrizes teóricas e conceituais e eixos temáticos norteadores, consolidar coletivamente documentos e propostas de encaminhamentos e estimular o fomento à criação e reprodução de redes de intercâmbio de experiências e parcerias com diversos segmentos da sociedade civil. Em 7 de maio de 2009, o Decreto nº 6.844 vincula a Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC ao recém-criado Departamento de Articulação e Fomento – DAF, com o objetivo de fortalecer, na área central do órgão, uma instância dedicada à promoção, coordenação, integração e avaliação da implementação de programas e projetos de Educação Patrimonial no âmbito da Política Nacional

do Patrimônio Cultural. Ao sistematizar diretrizes e eixos norteadores fundamentais, procurou ampliar suas formas de atuação abarcando, de um lado, a noção ampliada de Patrimônio Cultural (presente no artigo 216 da Constituição Federal de 1988 e nos parâmetros da área de Patrimônio Imaterial, criada por decreto no ano de 2000) e, de outro, os novos modelos de gestão pública que privilegiam a construção coletiva e intersetorial das ações do Estado (FONSECA, 2005, p.14).

O que seria de um povo sem sua memória, sem saber onde vive e como vive? Onde está e onde se insere? Como irá contar sua história se antes a destrói e a esquece? Identificar o passado nos leva a uma reflexão sobre como estamos no presente e quem sabe a ação de transformação para chegar a um futuro diferente.

A educação patrimonial nos leva a ter uma experiência, comunicação e conexão com os vestígios ou manifestações culturais, leva a um processo de conhecimento e valorização, conseqüentemente apropriação, fortalecimento da identidade e cidadania, conseqüentemente uma autoestima, uma alfabetização cultural, além da reflexão, continuidade, ressignificação e até a transformação social.

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial (CABRAL, 2012, p.40).

Nas últimas décadas iniciativas e ações educacionais voltadas ao patrimônio visam desenvolver atividades e práticas para o acontecimento da educação patrimonial, mas com o propósito de desenvolver múltiplos conhecimentos e o exercício da cidadania. E como falado, outras instituições também trabalham com esta importante ação, tal como a instituição desta pesquisa.

A EAOTPS se encontra em um prédio histórico, tombado, desenvolve cursos voltados para a valorização de saberes e fazeres tradicionais, oferta cursos voltados para a preservação e restauração de bens móveis e imóveis, visando uma educação que trabalhe em seu discente um amplo entendimento com seu lugar social. A seguir a história desta instituição. De modo que é preciso fazermos uma reflexão sobre patrimônio e educação para que possamos entender a história e memória da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho.

3 A GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO DAS ARTES E OFÍCIOS NO BRASIL

*Sob o mesmo céu
Cada cidade é uma aldeia, uma pessoa,
Um sonho, uma nação.
Sob o mesmo céu,
Meu coração não tem fronteiras,
Nem relógio, nem bandeira,
Só o ritmo de uma canção maior.*

*A gente vem do tambor do Índio,
A gente vem de Portugal,
Vem do batuque negro
A gente vem do interior e da capital,
A gente vem do fundo da floresta,
Da selva urbana dos arranha-céus,
A gente vem do pampa, do cerrado,
Vem da megalópole, vem do Pantanal,
A gente vem de trem, vem de galope,
De navio, de avião, motocicleta,
A gente vem a nado
A gente vem do samba, do forró,
A gente veio do futuro conhecer nosso passado.*

*Brasil,
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um País chamado Brasil?*

*A gente vem do rap e da favela,
A gente vem do centro e da periferia,
A gente vem da maré, da palafita,
A gente traz um desejo de alegria e de paz,
E digo mais:
A gente tem a honra de estar ao seu lado
A gente vem do futuro conhecer nosso passado.*

*Brasil,
Com quantos Brasis se faz um Brasil?
Com quantos Brasis se faz um país chamado Brasil.*

A gente veio do futuro conhecer nosso passado.

Sob o mesmo céu - Música de Lenine

A formação em Artes e Ofícios tal como carrega o nome da instituição desta pesquisa não é e não foi a única a existir no Brasil. Outras escolas existiram e existem espalhadas pelo mundo. Neste capítulo iremos perceber a criação das primeiras escolas voltadas

para a formação de artes e ofícios no nosso país, iremos entender quais seus objetivos e como as mesmas vão se resignificando ao longo do tempo e quais os fatores influenciam essas resignificações.

Mas o que seria uma escola de artes e ofícios? O que seria artes e ofícios? Aqui a arte e o trabalho se aliam em um processo de criação e produção. A arte e o ofício juntos não são dons ou processos que não necessitem de uma instrumentalização técnica, mas o estudo, o exercício e a prática de tais juntos, que podem levar a uma profissão, ou a um ofício. Criatividade, imaginação, técnica e prática aliadas ao processo manual (uso da mão nas artes e ofícios) podem transformar a natureza em instrumentos necessários para o dia do homem.

Nas artes e ofícios encontramos artes e artesanatos, artistas e artesãos. Antes de mais nada é relevante acentuar que a discussão até a contemporaneidade de artes e artesanato como práticas diferentes não será explorada aqui, primeiro por que não é objetivo deste trabalho, segundo porque pesquisadores da área ainda discutem suas diferenças e funcionalidades, muitas vezes contrastando uma da outra. Na atualidade artesanato é visto como produção manual artística feita para a comercialização¹¹.

A reação dos mais conservadores foi taxativa: isto não é Arte! E não queriam nem discutir sobre esses objetos na academia, leia-se na faculdade de história da arte. A própria professora não via nenhum valor estético nesses objetos. [...] Assim, o primeiro grande entrave no caminho da arte parece ser, ainda, a dicotomia arte versus artesanato. Dicotomia antiga, porém, que ata os pés da arte e não a deixa caminhar para frente, e a “frente” é a valorização das diferentes formas estéticas existentes no mundo. [...] O artesanato requer planejamento aliado à técnica para nos dar objeto o artístico final (RODRIGUES, 2012, p.86, 87).

A arte tem por característica expressões do homem pelo senso estético, seus sentimentos, e habilidades, e a cada expressão artística significados únicos e diversos, como intrínseco do homem. O homem sente e reproduz, tal reprodução vem em busca da idealização do belo seja ela através de sons, movimentos, volume, representação, palavra, audiovisual e etc. Como por exemplo, em música (som), dança (movimento), pintura (cor e desenho), escultura (volume), teatro (representação), literatura (palavra), áudio visual (cinema) e tantas outras formas contemporâneas.

¹¹ Mas o ser humano produz artesanato desde a origem da história da humanidade como podemos ver na fala de quando diz “os primeiros objetos artesanais datam do período neolítico (6.000 a.C, época em que os homens começavam a dar formas a matérias primas para satisfazer suas necessidades cotidianas, tecendo fibras de origem animal e vegetal, polindo pedras e fabricando objetos de cerâmicas, por exemplo (COSTA, 2012). O produto da arte também pode ser comercializado.

Coli (2006) fala que a arte materializada, traz em si, habilmente organizada, em nossas emoções e entendimentos, reações culturais únicas, que aguçam instrumentos dos quais utilizamos para apreender o mundo que nos rodeia. Quem faz a arte ou artesanato é chamado de artista ou artesão.

Encontramos no Projeto de Plano de Curso de Artes Aplicada da Universidade Federal de São João Del-Rei a afirmação de que o artista realiza, na maioria das vezes e casos, desenvolve uma atividade manual, em geral refinada, e a partir de conhecimento, tecnologia, cultura e sensibilidade específicas. Quando muito bem elaboradas, desenvolvidas e apuradas foi necessária a instrução educativa na área. E o artesão, a questão se torna complicada pela enorme latitude do que se chama fazer artesanal. Continua sua fala nos dizendo que:

Trabalho dito artesanal vai desde a confecção caseira de objetos simples feitos nas horas livres por donas de casa e trabalhadores até, no outro extremo, a manufatura de objetos sofisticados e que necessitam de conhecimento e tecnologia superiores, além de habilidade e unidade de design. (UFSJ, 2019, p.14).

E o ofício em seu sentido literal da palavra tem a ver com ocupação, emprego ou profissão advindas de técnicas e habilidades. Ofício que vem de origem latina traz também em seu significado cumprimento de uma obrigação a partir de um ritual. Podemos chamar este ritual de meios e técnicas. Sousa Neto (2005) nos fala mais sobre o ofício:

Entre nós, o dever da palavra ofício representa ainda um certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais. O exercício de qualquer ofício, nesse sentido, pressupõe que o seu realizador domine os processos que lhe são inerentes e seja capaz de executá-los de maneira a observar como cada momento, cada detalhe por diminuto que seja, cada gesto ainda que automático, resulta de uma unidade em que os fragmentos só justificam sua existência por fazerem parte do todo (SOUSA NETO, 2005, p.250).

Na relação do ofício nos remeteremos ao trabalho, ocupação e emprego. O trabalho em Marx (1983) é visto como as atividades especificamente humanas, da qual ao homem se relacionar com a natureza já se é, o trabalho. “[...] o trabalho revela o modo como o homem lida com a natureza, o processo de produção pelo qual ele sustenta a sua vida e, assim, põe a nu o modo de formação de suas relações sociais e das idéias que fluem destas” (1983, p.149).

Wolek (2000) ainda na perspectiva de Marx diz que o trabalho é como uma categoria “que funda o desenvolvimento do mundo dos homens como uma esfera distinta da

natureza; não é apenas a relação dos homens entre si no contexto da reprodução social; o seu desenvolvimento exige o desenvolvimento concomitante das relações sociais (2000, p.5).

A lógica do trabalho dentre os sistemas econômicos perpassou a cultura e as atividades humanas com o foco nos negócios e tornam-se oportunidades para ganhar dinheiro. A “lógica que se apoderou de todas as esferas da vida e da existência humana. Para grande maioria das pessoas, o trabalho transformou-se em emprego na sociedade moderna” (WOLEK, 2002, p.6).

Nesta relação de trabalho como emprego surgem as ocupações, os ofícios, sejam ele trabalho manual ou intelectual. As ocupações surgem na sociedade como consequência da organização do trabalho no processo de produção da atividade do homem em/sobre a natureza/ organização social. Na antiguidade, em especial para os gregos, as ocupações eram classificadas em superior e inferior. Superior eram as ocupações do homem na organização da pólis e na manutenção do status quo. E inferior as ocupações que viriam a ser meios para ganhar a vida, o sustento, o básico. “Cada sociedade, na sua dinâmica estrutural e conjuntural, cria e recria a ocupação humana” (WOLEK, 2002, p.6). Podemos ver mais sobre:

A estrutura das ocupações nas sociedades modernas é resultante do avanço e da aplicação da ciência ao processo de produção; é consequência, portanto, do desenvolvimento da tecnologia, da divisão e organização do trabalho, da expansão dos mercados e do crescimento de polos comerciais ou industriais. Por isso, diferencia-se o fluxo das ocupações nas sociedades tradicionais e modernas, cujo ritmo de aparecimento, maturação e obsolescência das mudanças é extremamente rápido nestas e mais estabilizado naquelas (WOLEK, 2002, p.6).

A arte inserida no serviço de manufatura esteve presente ao longo dos séculos. Produções advindas de um artista, artesão, artífice, oficial expressavam competências e criatividade e geram bens úteis ao consumo em geral ou apreciação.

Arte e trabalho são parceiros, enquanto criação e produção. A arte não é apenas manifestação de vocação. Pode ser adquirida ou despertada pelo estudo e pelo exercício do conjunto das regras de ofício ou de profissão - a arte de ser marceneiro, serralheiro, ourives, ferreiro, vidraceiro, etc. Arte deve ser entendida como coleção de regras ou métodos de fazer alguma coisa. É o artifício oposto a rudeza; daí artífice, artesão, artista, oficial, operário, no sentido de professar alguma arte, através de uma lógica, a qual transforma a natureza com engenhosidade, através das mãos, e exercendo algum emprego mecânico (artes uteis, industriais, manuais ou manufatureiras) (LEAL, 1995, p.44).

Estudos nos apontam que a formação no campo das artes e ofícios no Brasil vem desde a colonização brasileira com a Companhia de Jesus¹² (1549-1759). Ao chegar no Brasil a organização torna-se responsável pelos processos educacionais e também religiosos. Tais incumbências acabam gerando a necessidade de serviços diversos e mão-de-obra para a realização das práticas educacionais (baseadas na organização escolar e cultura europeia) e catequização.

Dos estudos do historiador padre Serafim Leite (1953) no livro *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)* vemos através de cartas que os jesuítas mandavam a Portugal solicitando profissionais habilitados em diversas artes e ofícios, no entanto, enquanto a coroa não enviava esses profissionais os jesuítas realizavam tais trabalhos e promoviam em seus colégios aulas para a formação nesses ofícios aos índios e escravos. Como vemos a seguir:

Os primeiros Seminários dos Meninos de Jesus, iniciados por Nóbrega na Baía e logo também em S. Vicente, tinham uma intenção de formação missionária, Mas a criatização doutrinal e moral, sem base antiga, não permitia ainda a ascensão ao sacerdócio do elemento indígena, exceção feita para um ou outro mestiço: e praticamente foram escolas de catequese e de *artes e ofícios* (LEITE, 1953, p. 23). Grifos meus.

As artes e ofícios neste período eram o de tecelão, carpintaria (que também esculpam), oleiro, ferreiro, pedreiro, mecânico, alfaiate. Em relatos no livro já citado acima podemos ver os aspectos pedagógicos¹³ referente as formas educacionais desses cursos, também as dificuldades dos jesuítas no exercício do desenvolvimento desses cursos aos índios já que eles tinham uma cultura diferente ao ideal de cultura europeia (como no imaginário do índio uma casa é diferente do imaginário de casa de um português). Quando formados esses profissionais havia uma grande busca dos colonos por seus serviços, como podemos ver em uma carta que faz parte do acervo da biblioteca de Évora:

Foi necessário de El-Rei D. João V, na sua carta de 16 de janeiro de 1727, ao Governador do Maranhão, determinasse que “nas aldeias de índios houvesse sempre alguns que fossem oficiais ferreiros, tecelões, carpinteiros e oleiros, e que não pudessem ser tirados delas por nenhuma pessoa, de qualquer qualidade que fosse, sem ordem dos Padres” (LEITE, 1953, p.25).

Com o passar do tempo outras escolas vão surgindo, agora ministradas pelos próprios ex-alunos que agora já mestres de artes e ofícios. Assim surgem as escolas de artes e

¹² Representada pelos jesuítas, eram missionários e também educadores. Vindo juntos com os colonizadores com responsabilidade em trabalhar com a escolarização e a catequese no Brasil. Aqui no Brasil foram os responsáveis pelo surgimento da educação formal.

¹³ Para mais detalhes ver: LEITE (1953). *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Brotéria, 1953.

ofícios e os profissionais habilitados em trabalhos manuais (ofícios) realizando suas obras (como os escultores e estatuários, pintores dentre outros) no Brasil. Podemos ver quando Leite diz “que na linguagem actual se entende por operários qualificados” (1953, p. 26). Havia cartas de licença para sua atuação e em algumas artes e ofícios um exame final para perícia e aprovação para o futuro cargo de mestres e de ofícios, como era o caso na conclusão de obras arquitetônicas e escultóricas.

Na colônia os escravos que tinham acesso a participar destas formações seriam somente para aumentar o rendimento dos seus proprietários o que acaba causando uma concorrência com os mestres de artes e ofícios “livres”, em relação a trabalho como fonte de renda. Ressaltamos aqui que tais profissões em outras nações e séculos anteriores já existiam, antes passada de pai para filho garantia o futuro da família¹⁴.

Os Jesuítas foram os fundadores do ensino destas artes e ofícios no Brasil e seguiu-se o surgimento de vários outros mestres e professores sem vínculo direto com a Igreja. O crescimento destas escolas-ofícios trouxe uma preocupação à Coroa de Portugal que temia uma possível autonomia econômica, já que boa parte do que era produzido no Brasil era enviado para Portugal. Na tentativa de frear esse modelo educacional reforçou mais o modelo agrário exportador mais condizente com os interesses econômicos lusitano. Como vemos na fala a seguir: “foram extintas numerosas oficinas; e, em, estando à frente do governo o Conde de Cunha, foi apresentada a Carta Régia de 31 de julho, que mandava destruir as fundições e as oficinas de ourives que existissem no país (SANTOS, 2000, p. 207).

Tais ofícios eram necessários para as cidades que cresciam e se desenvolviam no país, assim não foram totalmente extintas e no império surgiram outras. Alguns estudiosos da área marcam o surgimento dessas escolas de artes e ofícios como o início das escolas profissionalizantes no Brasil.

Com isso, ao longo dos séculos várias escolas de artes e ofícios despontam no Brasil. Suas criações tal como na sua gênese no Brasil surgem para suprir necessidades de formação educacional e profissionais; necessidades estas que muito tem a ver com as características culturais, econômicas e políticas de cada lugar e cidade do país. A frente veremos mais algumas destas escolas.

¹⁴ Podemos observar no livro: “MANACORDA, Mário A. História da educação: da Antigüidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1995,” estas profissões e ofícios manuais são encontradas desde os relatos de antigas sociedades e civilizações (algumas delas consideradas como berço da sociedade ocidentais, tal como a Antiga Grécia) como algo a ser passado de pais para filhos, na intenção de obter rendimentos financeiros em seu lar.

Após a chegada da família real no Brasil, em 1816 é a criada Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, na cidade do Rio de Janeiro, sob pedido e direção de artistas franceses para fins de que seja produzido o ensino de artes e ofícios naquele momento do país. Estes artistas franceses inspirados nas belas artes veem a arte e o trabalho como um instrumento de desenvolvimento para o Brasil. Os cursos ofertados partiam de um currículo educacional que proporcionasse o estudo teórico das artes, ciências naturais, físicas e exatas.

A Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios tinha dois objetivos, o das belas artes e de artes e ofícios como vemos: “da criação de uma instituição que formasse adequadamente o artífice para os diferentes ramos da indústria e o artista para o exercício das belas artes” (FERNANDES, 2001, p.9). O nome da escola mudou algumas vezes e com tal efeito ocorre a mudança dos objetivos educacionais. Passou a ser chamada Academia Imperial das Belas Artes e depois Escola Nacional de Belas Artes com ênfase nas artes.

No ano de 1857 foi criado Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro com finalidade de ensinar a teoria das belas artes atrelada aos ofícios com o objetivo em preparar artífices dotados de atributos. O Brasil começava a inicialização industrial no país, e para os idealizadores desta escola os habilitados em técnicas contribuiriam para o progresso nacional e supririam a necessidade de mão de obra capacitadas.

O arquiteto idealizador da escola, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, via a construção desta escola como um meio para o desenvolvimento e progresso do país por meio das belas artes e dos ofícios. Ao mesmo tempo em que os intelectuais do país se potencializavam nas universidades recém-criadas no Brasil existia uma outra camada populacional que não tinha acesso a ela. Uma das preocupações com o progresso do país estava no bacharelismo x analfabetismo. Em uma época em que o trabalho intelectual era mais valorizado que outros.

Para a camada social menos favorecida a escola surge com a oferta do ensino no turno noturno, para que os trabalhadores e demais pudessem ter acesso e permanecer. Silva nos traz a fala do arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva sobre a criação da escola:

... devemos cuidar seriamente da criação de uma SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS-ARTES que, entre outros meios necessários ao seu desenvolvimento e util fim, estabeleça um LICEU de artes e officios, em que os nossos artesões, operarios e mais concidadãos estudem em lições nocturnas o desenho geometrico, industrial, artistico e architectonico, os principios das sciencias applicadas ás artes livres, podendo então em breve tempo apresentarmos, como a França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia e mesmo Portugal, as nossas produções a par das obras primas do seu povo. LICEU propunha-se a oferecer a instrução profissional visando “preparar para o nosso país o artífice dotado de atributos que lhe permitissem, na era industrial que se anunciava, estar preparado para o

advento da técnica como fator predominante do progresso nacional” (SILVA, 1857, p.20).

Os cursos variavam dentro dos campos de desenho geométrico, industrial, artístico e arquitetônico e princípios das ciências aplicadas as artes. O Liceu de Artes e Ofícios influenciou o surgimento de outras escolas semelhantes pelo território brasileiro.

Em 1872 foi criado o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia com o objetivo de ofertar cursos a classes populares e que não tiveram oportunidade de estar ou dar continuidade aos estudos nas escolas formais de sua época. O Liceu de Artes e Ofícios da Bahia tinha como desenvolvimento do seu currículo o desenvolvimento do potencial artístico, aperfeiçoamento em um ofício, num sentido técnico profissional permitindo a essa classe espaço no mercado de trabalho.

Com cursos de formação de carpinteiros, ferreiros, serralheiros, pedreiros, pintores, armadores e canteiros. Cursos estes que a construção civil local absorvia, pois na época estavam acontecendo grandes construções na cidade de Salvador, principalmente construções religiosas (LEAL, 1995).

Um projeto de valorização manual, em meio a indústria capitalista, em 1873 foi criado o Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo sob direção de um grupo da elite cafeicultora destinado a formação profissionalizante dos trabalhadores. Os cursos desta escola visavam o desenvolvimento de habilidades desenvolvidas e treinadas para o desenho, modelagem em gesso, ornamentos de ferro e cerâmica, tais eram as práticas aprendidas nos cursos de marcenaria e serralheria. Moraes fala que “importantes edifícios e monumentos da capital paulistana foram ornamentados e mobiliados pela produção da escola, como o Theatro Municipal e a decoração interna da Faculdade de Direito do Largo São Francisco” (LEAL, 2017, p.3).

Outra cidade que podemos perceber um modelo de escola em artes e ofícios é em Santa Maria no Rio Grande do Sul. Criada em 1921 sob coordenação da congregação das Irmãs Franciscanas. Na dissertação de mestrado de Santos (2004) podemos ver a história desta instituição educativa. A escola foi criada para receber somente o sexo feminino visando a emancipação profissional e financeira da mulher naquela cidade, moças filhas dos funcionários da Estação Férrea.

Com aulas de corte e costura, culinária, bordado e chapelaria, pintura e música. E mais uma vez as escolas surgem com interesses, aqui religiosos e culturais (como a forma que a mulher era vista naquele momento histórico) tais cursos também eram utilizados para a formação de um “modelo de mulher”, para além de seus estudos e capacitação.

A mulher deve ser culta, habilidosa nas artes do lar, de fina educação, adornadas de virtudes e profundamente religiosa. [...] Não negligenciem as aulas de trabalhos manuais, seguindo os ditames da hodierna supervalorização das matérias científicas. Os trabalhos manuais convêm a cada mulher. Para umas, necessários; para outras agradáveis; para todas um dever (FLESCHE apud SANTOS, 2004, p.49).

Estas escolas educacionais voltadas para o estudo das artes e dos ofícios citadas acima nos faz perceber a história e a memória de sua criação e de seus segmentos e funcionalidades aqui no Brasil. Existiram tantas outras em vários locais do país como em Pernambuco (1880), Santa Catarina (1883), Alagoas (1884) e Minas Gerais (1879), Ouro Preto (1886), Diamantina (1896) e outras (LEAL, 1995).

O desenvolvimento das escolas de artes e ofícios no Brasil é construída com altos e baixos, consolidações e desconsolidações, valorização e desvalorização, como visto acima, isso se dá porque as construções sociais perpassam interesses e mudanças constantes advindas das transformações culturais, políticas e econômicas.

Como, por exemplo, em meados do século XIX com o fim da escravização do negro no Brasil, muitos desses ofícios eram realizados pelos escravos, que sem escolha respondiam a ordem de seus escravizadores. Os homens livres que exerciam estas funções e formações. Após o fim da escravização do negro no Brasil estas escolas começaram a receber mais alunos para suprir esta mão de obra. Como podemos ver na fala de Murasse a seguir:

Essa transformação que se operava nas relações sociais de produção era considerada inevitável, porém os homens não sabiam ao certo como efetuar-la da melhor maneira possível. Naquela época, o trabalho escravo era, ainda, o principal, senão o único produtor de nossas riquezas, porém o Brasil era pressionado a abrir mão dele e iniciar uma política de imigração, na tentativa de substituir o braço escravo (MURASSE, SD, p.3).

Já no século XX os serviços e produtos adquiridos das artes e ofícios começa a concorrer com o advento das atividades e produtos industriais e importados, a comercialização de produtos a menor custo, como também a desvalorização do consumidor em utilizar e pagar pelo valor de merecimento do trabalho manual faz com que haja uma grande diminuição dessas atividades, formações e escolas.

Neste século em diante o Brasil começa a passar por uma reconfiguração política, econômica e cultural por motivos de uma transição do modelo agrário (predominante no trabalho e economia do país) para um país industrial. Tais serviços e escolas vão perdendo também a valorização. Sobre esta fala encontramos na Leal (1995) sua fundamentação:

A arte da indústria ou o ofício mecânico foi perdendo a dignidade que as mãos e algumas ferramentas proporcionava. A qualidade dos produtos fabricados artesanalmente, pelos trabalhadores manuais, foi sofrendo com a concorrência de artigos importados, fabricados pelas máquinas estrangeiras, e com o avanço de uma força produtiva desqualificada, que se embrenhou no mercado de trabalho, recebendo baixa remuneração, para garantir a sobrevivência (LEAL, 1995, p.51).

A comparação entre os serviços e trabalhos de cunho intelectual em comparação com os manuais revelava uma desigualdade de direitos o que inferiorizava o trabalho em uma sociedade que começa a importar cada vez mais produtos internacionais. Vemos então a diminuição dos saberes e fazeres, técnicas tradicionais pelo moderno. Essas mudanças culturais, econômicas e atreladas ao trabalho são constantes ainda hoje em nossa sociedade.

Em outras palavras, o objeto geográfico (SANTOS, 1994) onde um dado ofício se exerce só existe à medida que a sociedade o faz, o considera importante, reconhece nele um valor, faz dele algo necessário. Não por acaso é que muitas profissões já existiram e desapareceram completamente – condutores de bonde puxados a burro, linotipistas, turmeiros. Outras tantas estão prestes a desaparecer – trocadores de ônibus, frentistas, datilógrafos. E várias são aquelas que terão de se adaptar a novos parâmetros técnicos e demandas sociais. Daí podermos dizer que as profissões se mantêm e se modificam, desaparecem ou passam a existir mediante as necessidades reais ou imaginárias que as sociedades historicamente datadas têm ou criam (SOUSA NETO apud SANTOS, 2005, p. 253).

No século XIX, internacionalmente, essa discussão em valorização ou desvalorização das artes e ofício em meio ao processo de industrialização está acontecendo. A todo vapor surge um movimento na Inglaterra chamado Movimento *Arts and Crafts*, movimento Artes e Ofícios. Esse movimento surgiu com discussões e influências sobre como a arte e ofício podem se aliar a industrialização aperfeiçoando o designer da manufatura, também em buscar trazer a aproximação da arte e do artesanato, no qual, cada vez mais se afastavam em seus interesses, como podemos ver na fala de Carvalho (2017):

Com a Revolução Industrial, o mundo não seria mais o mesmo, pois a industrialização transformou todos os setores da sociedade. Ela afetou diretamente a esfera social, e influenciando a produção cultural e artística. Na educação, as belas artes encontravam seu caminho apartando-se das artes aplicadas, ou *mechanical arts*, restritas a algumas escolas. Neste ponto da história, é possível perceber uma separação entre o mundo erudito da emergente burguesia intelectualizada e o mundo do saber técnico (CARVALLO, 2017, p.04).

O movimento Artes e Ofícios tem em seus ideais inspiração em John Ruskin (1819-1900) e do arquiteto Augustus W. Northmore Pugin (1834 – 1896). O primeiro alia-se as ideias

Karl Marx fazendo uma crítica a industrialização e a produção em larga escala, também as péssimas condições de trabalho nas indústrias e a desvalorização do trabalho artístico e manual que acontece em favor dos produtos industrializados. Segundo, o mesmo acredita que a industrialização acaba por submeter as camadas populares a um posicionamento calculista, onde pode colocar a produção acima de questões naturais e humanas, limitando o indivíduo a uma única atividade mecânica, afastando de sua autossuficiência e de sua criatividade (CARVALLO, 2017)

E em Willian Morris, sua preocupação estava no processo de produção industrial que em larga escala comprometesse os aspectos estéticos dos objetos. Willian Morris foi aluno de John Ruskin, logo compartilhava dos ideais políticos socialistas fazendo uma crítica ao capitalismo e ao consumo industrializado em massa. Uma liderança cultural para o movimento, valorizava um estilo de arte decorativa vindo a influenciar os rumos do designer a partir de então (CARVALLO, 2017, MARQUE E RIBEIRO, 2012). Ambos defendem que um objeto artístico ou um ofício trazem suas imperfeições, no entanto, isso também faz parte de suas características.

Surge uma nova forma de consumo e com os adventos do capitalismo e da industrialização surgem opções de escolha de produtos de consumo. Não que seja desfavorável que haja escolha para que o indivíduo possa consumir. Mas com a industrialização e com a sua produção em série, os produtos acabam por vir competir com os derivados das artes e ofícios, em valor, principalmente, em produção, pois logo o trabalho manual precisa de mais tempo para sua execução. A cerca disso o movimento cria mais força e inicia-se “formando um movimento que começa a caminhar em direção à valorização do fazer artesanal, associando o conhecimento técnico do artesão aos saberes eruditos” Carvallo (2017. p. 04) e podemos ver mais sobre ele a seguir:

Num momento em que a industrialização caminhava a passos largos e o pensamento romântico ganhava força, discutiam-se, intensamente, as relações entre a arte e a indústria. A produção em larga escala mostrava-se útil ao propósito da educação do gosto. E os objetos de uso cotidiano se apresentavam como forma de aliar, não mais arte e artesanato, mas, arte e indústria, disseminando padrões de beleza, de costumes e de consumo para uma enorme quantidade de pessoas. As nascentes escolas de design, neste mesmo período, vêm confirmar este desejo. Elas formam os profissionais necessários à prática projetual, capazes de projetar para uma ou qualquer área, mas, sem dominar, efetivamente, os meios de produção técnica. Estes ficavam delegados à máquina, pois este era o seu papel (CARVALLO, 2017, p.04).

Dentro desta proposta romântica e de valorização a arte e ao artesanato aliados ao trabalho, o movimento *Arts and Crafts* influenciou a criação de várias escolas de artes e ofícios

na Europa, influenciou o designer e surgimento da *Art Nouveau*. A *art nouvet* (pronuncia francesa) ou nova arte (traduzido) foi um estilo artístico que surgiu na França decorrido do movimento Artes e Ofícios. O estilo artístico não contestava a indústria, mas fazia uma contraposição aos produtos industrializados. É um estilo que traz a arte decorativa para a arquitetura. Os fins do movimento “promove a estetização da vida. Busca representar a beleza da vida no campo em oposição à frieza industrial” (CARVALLO, 2017, p.07). Podemos ver mais sobre suas influências a seguir:

[...] em torno dos alunos e professores das escolas de artes que, por sua vez, eram inspirados pelos ideais de práticas das artes e ofícios. Porém, uma vez que esta produção tenha uma orientação para o mercado, e este, por sua vez, é crescente, ela não pode mais garantir o *joy in labor*. A produção, mesmo que feita de forma artesanal, passa a ser regida pelas regras de mercado. Entretanto, é preciso considerar que o grande valor do *Arts and Crafts* é o de agregar valores simbólicos – como simplicidade, e beleza – aos objetos, muito mais que valores financeiros, criando, assim, certo código de ética para o design (CARVALLO, 2017, p.07).

As influências do movimento não chegaram ao Brasil de forma direta, primeiramente por que o movimento surgia em contraponto ao processo de industrialização em massa em meados do século XIX e no Brasil a industrialização começou nos finais deste século, com maior ênfase a partir de 1930. Logo, não teria como o movimento acontecer, pois não teria o porquê de se posicionar contra a industrialização.

Carvalho (2017) aponta também para as conjunturas da formação histórico-social do momento no Brasil que costumava-se valorizar o intelecto, em detrimento do valor técnico, aos ofícios artesanais. “Esta tendência não favoreceu o desenvolvimento de uma tradição artesanal brasileira nos moldes daquela européia. O país não construiu, ao longo de sua formação, estruturas manufatureiras e associações artesanais à altura do aprimoramento técnico europeu” (CARVALLO, 2017, p.8).

Mas indiretamente, a elite nacional brasileira enviava seus filhos para estudarem na Europa, logo esses, quando retornaram de seus estudos, influenciados pelos movimentos europeus, afetaram as artes e a cultura nacional brasileira. Como por exemplo, o modernismo do Brasil que buscavam uma identidade brasileira nas artes e cultura, mesmo que indiretamente, aos valores do *Arts and Crafts*. Expressaram, a seu modo, estes valores no campo das belas-artes, da música e da literatura e, mais tarde, no patrimônio” (CARVALLO, 2017, p.8). Indiretamente, por conhecimento do movimento e seus resultados, à inspiração para o desenvolvimento de escolas no teor mencionado.

Como o modernismo foi um movimento que buscava através da estética e da literatura uma identidade nacional que representasse o Brasil. Como os ideais de Mário de Andrade influenciando em pensar o patrimônio brasileiro valorizando as manifestações artísticas culturais das classes menos favorecidas. Ou mesmo, a *Art Nouveau* influenciando as arquiteturas no país brasileiro.

Mais à frente, no próximo subcapítulo veremos mais como e por que ocorre mudanças culturais. Esse conhecimento nos levará entender história e memória da instituição educacional e como a mesma nos remete e sobrevive as relações e transformações sociais da cultura brasileira. Uma discussão que consideramos válida entendermos nesse trabalho para reflexão: A tradição e a modernidade, os processos de produções humanas tradicionais e inclusão do modernos como reelaboração de estruturas sociais ou criações de novas.

3.1 A produção social humana (cultura) e a sua dinâmica: Tradição e Modernidade

“O Homem não é dado, o homem é construído” já dizia Bernard Charlot, educador na atualidade, e é com esta frase que iniciamos aqui o processo de compreensão entre a cultura e sua dinâmica, entre a tradição e a modernidade. Já vimos anteriormente o conceito antropológico da cultura como sendo construção do homem para o homem. Processos esses que vão sendo repassados de geração em geração, mas que também vão sendo transformados e até mesmo esquecidos e/ou deixados de utilizar.

A exemplo, no decurso dos tempos os homens desenvolveram e se desenvolvem em sociedade, este último, lugar de criação e transformação pelo/do indivíduo. Em sentido mais restrito a cultura também delimita e expande essa sociedade em sociedades, cada uma com suas particularidades (ética, língua, nação), e toda ela carregadas de simbologias, logo algo a ser interpretado (Ullmann 1991). Construída individualmente e coletivamente.

As gerações humanas surgentes são plasmadas e moldadas pelas que as antecederam ou com elas convivem. São culturalizadas, mediante intermediários de um lastro cultural já existente. Assim forma-se um elo de continuidade, não invariável e rígido, mas mutável, de acordo com as circunstâncias do momento histórico, dentro do princípio, já aludido, de que o homem aprende a viver e pode aprender a viver melhor (ULLMANN, 1991, p. 85)

Essa transmissão, repasse ou herança, de uma cultura se dá por meio da educação, ou seja, via processos educativos (aprendizagem e ensino). Charlot (2013) fala que é através da educação que obtemos uma herança cultural para além da biológica. Somos herdeiros de

gerações precedentes que ao nascermos (quase sem nada) temos o contato com um trabalho coletivo feito através da história.

Construímo-nos com base nessa herança e também reconstruindo com base nas nossas singularidades. “Ou seja, a essência do ser humano (o que faz com que sejamos seres humanos) não é uma coisa que está dentro de nós; está fora de nós, na forma de patrimônio criado pela espécie humana no decorrer da história” (CHARLOT, 2013, p. 168).

No campo da educação Lev Vygotsky (1993) contribui com seus estudos psicológico acerca de como ocorre o processo de aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo. Que o desenvolvimento e aprendizagem acontece na interação dele com a sociedade. As características humanas não são inatas a partir de seu nascimento, tão pouco somente resultado do meio externo, e sim da interação social. O desenvolvimento mental humano não é passivo, nem tão pouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida. Mas um processo contínuo de aquisições que fazem com que o indivíduo além de aprender e desenvolver no seu espaço (sua cultura) ele também transforma e cria (faz cultura).

Dentro desta perspectiva teórica histórico-cultural o homem é visto com um ser que transforma e é transformado nas relações sociais de sua cultura que ocorrem durante toda a vida. Para ficar mais clara esta concepção de Lev Vygotsky vemos mais à frente que:

É que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro (NEVES E DAMIANI, 2006, p.7).

A aprendizagem de uma cultura (a vivência daquela herança) pode ser vista em estudos antropológicos como endoculturação ou enculturação. É como o indivíduo aprende a conviver conforme os costumes e comportamento do seu lugar vivido, adquirem e internalizam seus sistemas (econômicos, políticos, socioculturais e educacionais), valores, ética, normas e leis, símbolos e crenças. Na endoculturação está a assimilação e apropriação iniciadas desde a infância com as pessoas e lugares que o cercam. Sobre esse processo Ullmann (1991) nos fala que:

Essa *enculturation*, como a denomina, se processa de forma consciente ou sistemática e inconsciente ou assistemática. Desse modo, apossa-se, o indivíduo, desde criança, dos padrões da cultura que lhe regerão a vida futura. [...] a que se conforma o enculturando? À linguagem corrente, os mitos, à religião, aos costumes, em geral (ULLMANN, 1991, p.312).

Compreenderemos também a aculturação, o contato de troca ou fusão entre culturas onde ocorre a comutação entre si, de seus traços culturais. A aculturação pode ocorrer de forma livre, forçada ou planejada (IDEM). Sobre estes, Canclini chama de hibridação quando essas junções de culturas ocorrem, ocorre “os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. XIX).

Podemos citar que a cultura brasileira carregada de várias culturas, formadora de um povo miscigenado, criador de vários sincretismos, um deles por exemplo, o religioso, como a umbanda, mistura da religião de matriz africana e com cristianismo. Esta é uma religião nascida e desenvolvida na comunidade brasileira.

Temos também a contra-aculturação, movimento de grupos sociais que após terem passado pelo processo de aculturação perderam muito de suas matrizes e realizam procedimentos para o retorno às suas raízes. Assim como o de resistências, que diferente do primeiro, que houve um processo de junção de culturas, estes impendem que haja qualquer tipo de recepção de outras culturas na sua (ULLMANN, 1991).

A contra-aculturação são movimentos ocorrentes em nossa cultura atual, na busca e resgate de suas tradições, das quais foram forçosamente esquecidas, suplantadas por outras, como o movimento indígena no Brasil. Quando uma cultura é violentamente imposta, Darcy Ribeiro(1995) em sua obra o povo brasileiro chama de deculturação, na ocasião em que povos são subordinados, seja pela destruição física ou pelo desenraizamento de suas matrizes étnicas.

Por consequência a cultura não é imutável, o homem não é. As gerações vão sendo moldadas pelas que antecederam e/ou convivem mediante processos educativos de internalização da língua, modos, meios, formas e das relações de poderes¹⁵ (aqui gostaríamos de citar a organização política, econômica, até mesmos a educação por meio das escolas). Formando assim um elo de continuidade (tradição, veremos mais a frente) ou não, não parados nos tempos anteriores, mas sempre transformando o seu espaço e as relações humanas “dentro do princípio, já aludido, de que o homem aprende a viver e pode aprender a viver melhor” (ULLMANN, 1991, p.85). A isto Bernard Charlot também diz:

¹⁵ Michel Foucault compreende o “poder” como relações de poder, que através de seus mecanismos atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos. O poder como meio de força e disciplina pode vir de forma sutil através da política, economia, religião, cultura e sociedade. “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (Foucault, 2008, p.121). No que se refere a cultura ela pode ser usada também como instrumento de relação de poder em mantê-la ou em aculturá-la, remetendo aqui a ordem e disciplina daquele grupo e/ou sociedade.

O ser humano nunca é completo, nunca pode se fechar, nunca coincide completamente com o que pode vir a ser. Não existe ser humano em si; por condição, o ser humano é certa realização social e cultural da humanidade (ou *humanidade*, como, às vezes, dizem), que sempre fica aberta (CHARLOT, 2013, p. 170).

O homem vai transformando e se adaptando. A cultura é dinâmica e o homem se adapta. Denys Cuche (2002) fala sobre este processo do homem adaptar-se à novas realidades e demandas. Diz que a cultura permite ao homem não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este a si próprio, as suas necessidades e aos seus projetos, ou seja, a cultura torna possível a transformação da natureza. É forçoso admitir que nem toda mudança cultural acarreta progresso.

Nos referimos as mudanças na cultura, como já vista, em sua dinamicidade ocorrida por diversos fatores, mas nos atentando aqui aos adventos da modernidade, que vem nos últimos séculos transformando a sociedade como um todo. Vários teóricos escrevem sobre este tema como Marshal Berman (1996), Anthony Giddens (2002), Freyre (2001) que definirão conceitos e conceituarão sua história na sociedade. O que comungam entre si é o seu início dentro da transição de tempo na história com o fim da idade média, a racionalização como forma autônoma do indivíduo e/ou quando a estrutura social que havia existido até então se modificara a atender também as motivações econômicas, políticas e sociais. A modernidade é global. Giddens fala mais sobre:

Separação de tempo e espaço: a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais; b) Mecanismos de desencaixe: consistem em fichas simbólicas e sistemas especializados (em conjunto = sistemas abstratos). Mecanismos de desencaixe separam a interação das particularidades do lugar; c) Reflexividade institucional: o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação (GIDDENS, 2002, p. 26).

Dentre essa sociedade moderna surge um sistema cultural chamado: globalização. A globalização é considerada a aproximação entre as diversas sociedades em todo o mundo seja no âmbito econômico, social, cultural ou político e que tomou mais ênfase com Revolução Técnico-Científica-Informacional¹⁶. Essa globalização vivida no mundo traz transformações na sociedade:

¹⁶“Tem por base, sobretudo, a microeletrônica, a cibernética, a tecnocrônica, a microbiologia, a biotecnologia, a engenharia genética, as novas formas de energia, a robótica, a informática, a química fina, a produção de sintéticos, as fibras ópticas, os *chips*.

- Acelera e aperfeiçoa os meios de transporte e as comunicações (revolução informacional).

Tais transformações decorrem, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da reestruturação do sistema de produção e desenvolvimento, da compreensão do papel do Estado, das modificações nele operadas e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e nos hábitos de consumo. Esse conjunto de transformações está sendo chamado, em geral, de globalização. Porém, o principal destaque dado pela globalização está na integração de mercado existente entre os países (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p.61).

A globalização trouxe maior comunicação e tecnologia a vida do homem, levando até o conhecimento das diferenças culturais entre nações e a solidariedade, mas a mesma também traz aspectos negativos ao sócio cultural de um grupo/ou sociedade. Quando Charlot (2013) diz que globalização, antes de tudo é um processo socioeconômico que traz consequências culturais, esquecendo aspectos próprios de identidade em detrimento de novos outros, que até não condizem com sua realidade.

E no campo da economia e da política esse fenômeno causa a globalização dos mercados, a produção flexível, o desemprego estrutural, também chamado de desemprego tecnológico, a necessidade de elevação da qualificação dos trabalhadores, a centralidade do conhecimento e da educação (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012)

O que nos remete aqui o capítulo anterior a esse quando vemos a substituição dos trabalhos advindos das artes e ofícios sendo substituídos a novos produtos e serviços industrializados, até importados a menor custo. Gerando assim o desemprego, subemprego com pouco ou nada dos direitos trabalhistas referente a sua obra e serviço.

A modernidade trouxe uma série de mudanças nas sociedades, estas mudanças trazem mais variedades de meios e modos, opções (positivas ou negativas) e trazem consigo uma diversidade de escolha. Quanto mais a tradição tem contato com a modernidade, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos de conjugação entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida.

Durantes anos passados, teórico preocupados com as tradições apontaram uma suposta perda das tradições em adventos da modernidade. Que elas seriam substituídas ou esquecidas. Que a industrialização e o aparecimento de sociedades industriais teriam

-
- Aumenta a velocidade e a descontinuidade do processo tecnológico, da escala de produção, da organização do processo produtivo, da centralização do capital, da organização do processo de trabalho e da qualificação dos trabalhadores.
 - Transforma a ciência e a tecnologia em matérias-primas por excelência
 - Organiza a produção de forma automática, autocontrolável e autoajustável mediante processos informatizados, robotizados por meio de sistema eletrônico.
 - Torna a gestão e a organização do trabalho mais flexíveis e integradas globalmente.
 - Favorece a criação de uma economia baseada no acesso a serviços, informações, bens intangíveis, experiências etc” (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p.61).

enfraquecido as tradições, dando lugar a uma rotina cada vez mais preenchida pela ciência e pela tecnologia. Mas, Gusfield (1967) em seus estudos faz apontamentos diferentes e ressalta que o surgimento de novas formas de pensamento e/ou comportamento não necessariamente anulam as tradições preexistentes:

A capacidade de antigas e novas culturas e estruturas de existirem sem conflito e mesmo com adaptações mútuas é um fenômeno frequente de mudança social; o velho não é necessariamente *substituído* pelo novo. A aceitação de um novo produto, uma nova religião, uma nova modalidade de tomada de decisões não necessariamente leva ao desaparecimento da forma antiga. Novas formas podem apenas aumentar o leque de alternativas' (GUSFIELD, 1967, p. 354) tradução minha.

Na modernidade, portanto, pode coexistir tradição. Ao invés de estarem em conflito, estão frequentemente se reforçando mutuamente. Os objetivos e finalidades podem mudar, mas ainda podem permanecer. A patrimônio cultural como uma relação do indivíduo com a apropriação de sua cultura e identidade veem as tradições, por mais ressignificadas com o tempo, como processos a serem reconhecidos e continuados, dentro das simbologias de significância ao seu grupo e ou país.

As artes e ofícios irão permanecer e dentro dessa permanência veremos aqui como tradição. Pois ela se reinventa e adquire novos papéis, ou podem ser até os mesmos de sua originalidade agregados as outros, desempenhando-se na sociedade. Como os saberes e fazeres a serem desenvolvidos como herança cultural, e realizado pela Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho. Uma escola de artes e ofícios em meados do século XXI. Que trabalha com cursos voltados para saberes e fazeres tradicionais, que articuladas e defendidos discursivamente, justificam-se como tendo valor em um universo de valores plurais em competição. Como? Veremos.

4 A HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS PERCURSOS DE FORMAÇÃO DA ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMAZ POMPEU SOBRINHO

Neste capítulo trataremos a construção de memórias e de frações históricas da escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho desde sua criação aos dias atuais. Buscaremos entender como se dá a organização e desenvolvimento, das escolhas dos cursos ao planejamento organizacional. Até a atualidade a EAOTPS já teve três gestoras, Juliana Marinho (2006 a 2010), Nilde Ferreira (2011 a 2013) e Marley Uchoa (2014 a 2019). É importante destacar que cada gestão traz ideias e singularidades que permeiam o campo de formação dos gestores, no entanto, o objetivo geral da escola não se modifica, mas sim, surgem novas ações ou substituição de projetos, para a melhoria do acesso e qualidade das ações, possibilitando assim uma reflexão das ações realizadas pela instituição e sua avaliação. Outro ponto a ressaltar é que a escola é um equipamento de uma organização social, o Instituto Dragão do Mar, que recebe a atenção da Secretária de Cultura do Governo do Estado do Ceará, logo é permeada por questões de interesse governamental e de políticas públicas. Exporemos a organização curricular e pedagógica da escola e analisaremos os cursos desenvolvidos pela instituição buscando perceber o desenvolvimento da mesma e seus objetivos enquanto instituição de ensino. A EAOTPS é um espaço educacional, mas como se ocorre esta educação? A seguir buscaremos entender de que forma acontecem suas ações neste sentido.

4.1 Jacarecanga: Entre o patrimônio e a cultura, um bairro vivo e de morada

Um bairro fala muito sobre si. Se pararmos para escolher um bairro para morarmos, levamos em consideração várias questões relativas ao acesso, segurança, serviços ofertados (farmácias, supermercados, hospitais, lazer, esporte), estrutura, especulação imobiliária, serviço público (saúde, transporte, educação), até à rua podemos fazer uma análise para que ela cumpra um pré-requisito estipulado para a moradia. Os bairros, com o passar do tempo, vão criando, então, suas características de uso e história particulares.

Sobre os bairros de Fortaleza existe uma série de pesquisas¹⁷ sobre suas principais características tais como, o bairro Benfica e Praia de Iracema, por exemplo, serem bairros boêmios e de atividades artísticas e culturais. Já outros bairros que ficam na periferia e as

¹⁷ Há uma coleção de livros publicados pela Secretária de Cultura de Fortaleza intitulada “Coleção Pajeú”. Tal coleção visa a publicação de livros de bolso, cada um sobre um bairro de Fortaleza. Também há dissertações e teses das quais utilizamos neste trabalho quando falamos do bairro Jacarecanga. Sobre estas últimas, conferir nas referências bibliográficas.

margens de Fortaleza serem conhecidos por sua alta vulnerabilidade social e, conseqüentemente, mais violentos. Ou então os bairros de elite que possuem melhores estruturas e acesso. Cada um vai formando suas histórias e memórias de usos e desusos por seus moradores e visitantes. Essas características acentuadas e que popularmente vão se propagando aos cidadãos fortalezenses partem de uma leitura e percepção do espaço urbano por seus habitantes. Segundo Ferrara (1988) a percepção e a leitura do espaço urbano é uma prática cultural que opera de dois lados, entre uso urbano e de outro na imagem física da cidade. O contexto, uso e as transformações do espaço podem gerar uma teoria entre sua projeção e as manifestações socioculturais existente nele.

Os espaços urbanos não são constantes, podem também vir a ser inconstantes, vividos e sentidos por pessoas que também estão sempre em mudança. Ou seja, as ruas, praças, prédios, a urbanização, a arquitetura, todos estes elementos são significados a partir de seu uso pela população e “a transformação da cidade é a história do uso urbano como significado da cidade. Sua vitalidade nos ensina o que o usuário pensa, deseja, despreza, revela suas escolhas, tendências e prazeres (FERRARA, 1988, p. 4). Entender o que o espaço nos revela se dá a partir da percepção e da leitura como podemos ver a seguir:

1. A percepção urbana como aquela capacidade de gerar informação a partir de cortes seletivos na paisagem. 2. A leitura do espaço urbano que, comparativamente flagra analogias, convergências e divergências entre o espaço selecionado pelo atrito perceptivo. 3. A interpretação que, arriscadamente, ousa fazer interferência sobre o desempenho dos espaços urbanos tendo em vistas eventuais interferências sobre eles. Essas interpretações das características informacionais da cidade constitui a contribuição da semiótica aos estudos urbanos (FERRARA, 1988, p. 4).

Chartier diz que o “[...] modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1988. p. 16), características vivas e constantes, práticas e representações, aspectos discursivos e simbólicos nos fazem perceber a história cultural e antropológica do lugar, a vida sociocultural dos indivíduos, aqui, de um bairro.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho se localiza no bairro Jacarecanga na cidade de Fortaleza, vizinho do Centro da cidade, e tem em sua costa o mar de Fortaleza. Por estas últimas informações, podemos inferir que o bairro é bem localizado, pois está próximo ao comércio central e a espaços de lazer, como a praia. Um bairro que se entrelaça com a própria história de Fortaleza, principalmente quando falamos do crescimento e modernidade da cidade.

Figura 1 - Mapa de Fortaleza com o bairro Jacarecanga em destaque



Fonte: Autor desconhecido.

O nome do bairro é de origem indígena significando cabeça de crocodilo. O escritor cearense José de Alencar em seu livro “Iracema: a lenda do Ceará”¹⁸ menciona o bairro da seguinte forma: “Distante da cabana se elevava à borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça de um crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga (ALENCAR, 2005, p. 279). No trecho mencionado de José de Alencar podemos perceber Jacarecanga como um bairro de dunas à época da colonização.

No bairro também se encontra um riacho que leva seu nome, riacho Jacarecanga, que já foi lugar de pesca e lazer¹⁹. Desde a colonização o bairro serve de palco para várias vivências e nos transcorrer da história do Ceará; ele vai mudando suas facetas e se ressignificando, sempre movido pelas pessoas e suas intenções, da vida à morte, da construção à destruição.

Nessa dinâmica da vida e das pessoas em movimento que afetam os espaços, eles vão se modificando constantemente, seja na estrutura física, ou nas ideologias (políticas, religiosas, culturais e econômicas). As pessoas fazem o bairro, o bairro são as pessoas. Se já há pluralidade nas ações de uma, duas ou três pessoas, imagine centenas delas vivendo em um

¹⁸ O livro do romancista José de Alencar apresenta a personagem Iracema, a índia mais conhecida do Ceará, em um romance com Martim, homem branco e colonizador português. No enredo desse romance José de Alencar nos faz perceber a própria história do Ceará, da colonização do Ceará, nos apontado espaços desde o sertão, a serra e o litoral. Para ver mais sobre este livro ver: ALENCAR, José de. Iracema: Lenda do Ceará. Fortaleza: Editora UFC, 2015.

¹⁹ Atualmente o rio Jacarecanga se encontra em estado de poluição.

espaço chamado bairro. Sobre essa relação de construirmos o nosso espaço, interagirmos, trazemos para ele quem somos, se não somos um tanto dele, Freire (2000) diz que “ a cidade somos nós e nós somos a cidade”, mas se a cidade, talvez, já existisse antes, traz com ela marcas culturais, das quais herdamos, e que podemos dar ou não dar continuidade.

No passado em Jacarecanga encontrávamos uma duna, em outro tempo, um bairro modernizado crescendo juntamente com a industrialização da cidade de Fortaleza, em outro mais um bairro da cidade se modificando a cada espaço de tempo, pelas pessoas. Mais à frente veremos este movimento de mudança, um pouco da trajetória e nesse processo veremos a EAOTPS surgir e na atualidade atendendo aos múltiplos públicos, em uma casa que já vivenciou diferentes usos e propostas. Percebemos na fala de Leitão, que já morou no bairro, tais mudanças no bairro Jacarecanga:

Jacarecanga carregará consigo as contradições dos processos colonizatórios. A região atravessará a Colônia (como território de genocídio indígena), o Império (como repositório de milhares de cadáveres cearenses vitimados pela varíola) e a República (como bairro industrial, ao mesmo tempo, operário e pequeno burguês) refletindo, em todos esses períodos, os paradoxos e os dilemas de Fortaleza (LEITÃO, 2015, p.20).

Jacarecanga se organizou e constitui-se em bairro no início do século XX, nessa época alguns fortalezenses começaram a construir suas casas de veraneios e de descanso, o bairro era cheio de árvores e com um riacho que desemboca no mar, além de muito próximo a praia. Em meados da década de 40 o mesmo bairro já começa a mudar de configuração recebendo as famílias para morada, muitas vindas do bairro vizinho, do Centro, que começa a crescer em comércio e vinha diminuindo cada vez mais a calma (LEITÃO, 2015).

Para entendermos esse processo de migração dos moradores do Centro para o bairro de Jacarecanga temos que entender que este bairro também passou por transformações e mudanças. Onde hoje é o bairro Centro da cidade de Fortaleza foi o primeiro povoado e de onde surgiu a própria cidade de Fortaleza.

Uma nova perspectiva para o povoado foi aberta com o decreto do imperador D. Pedro I, logo após a independência, elevando a vila à categoria de cidade, na data de 17 de março de 1823. Então crismada de “Fortaleza de Nova Bragança”, o povo continua a chama-la – fiel à tradição – de “Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção”. O uso cotidiano, por sua vez, contrai o nome para Fortaleza. A partir da segunda metade do século XIX, percebe-se claramente em Fortaleza um crescimento econômico, político e cultural impulsionado pelo aumento da exportação algodoeira, a qual é demandada principalmente pela Inglaterra, devido à suspensão do fornecimento do algodão americano durante a Guerra da Secessão. Os efeitos se faziam visíveis

em toda a cidade: Fortaleza desenvolve-se a passos largos (VASCONCELOS, 2008, p.60).

Com o passar dos anos e séculos, o crescimento da cidade de Fortaleza, faz do seu lugar e seu espaço de surgimento um bairro, o Centro. Esse bairro por muitos anos foi o local mais moderno da antiga Fortaleza, a elite fortalezense residia no mesmo, estava cercada por praças arborizadas, bonde elétrico, cafés, manifestações políticas e culturais. Tendo moradores, casas e sobrados. No final do século XIX e início do século seguinte o bairro Centro avança em pequenos comércios e também começa a receber pessoas fugindo da seca dos sertões²⁰ cearenses.

O centro também era o reduto de ocupação dos mendigos e flagelados de grandes secas, como a de 1915. Isto, entre outras coisas, motivou as classes mais abastadas a um movimento de procura por espaços em outras áreas mais afastadas, o que leva a expansão da Cidade, a partir dos anos 1920 e 1930, para outras áreas adjacentes, como os bairros de Jacarecanga, Praia de Iracema (Praia Formosa à época) e Benfica (VASCONCELOS, 2008, p.68)

Nestas mudanças no Centro da cidade alguns moradores se mudam para o bairro Jacarecanga. O bairro vai tomando outras características com belas construções arquitetônicas e “um dos pioneiros na construção de palacetes será o engenheiro e antropólogo Thomaz Pompeu Sobrinho que, em 1929, fará erigir sua mansão na avenida Francisco Sá, número 801” (LEITÃO, 2015). Hoje nesta casa se encontra a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho que leva em homenagem o nome de seu construtor e primeiro morador.

O bairro de Jacarecanga se destaca por suas construções, grandes casas, arquitetadas com muitas ornamentações, formavam vilas e símbolos de representação social. Bezerra (2007) nos fala que neste momento a cidade entrava em sintonia com os estilos arquitetônicos mais consagrados à sua época dos principais centros urbanos brasileiros, buscavam desenhar e projetar o espaço social com influencias do que se acontecia na Europa. É o caso de algumas construções, como por exemplo, o próprio prédio de Thomaz Pompeu Sobrinho que tem sua edificação inspirada na *art nouveau*²¹.

²⁰ As marcas dessa seca foram tantas que até a atualidade se encontra na memória da história do povo cearense, da história e memória do Ceará. Muitos sertanejos movidos pela fome e pela perda de suas plantações e animais migraram para a cidade de Fortaleza e até para outras cidades do país, rendidos a sua situação, em busca de uma vida melhor. Muitos livros de pesquisas científicas, literatura e até músicas retratam este momento vivido. Chegou-se até existir campos de concentração desumanos, feitos pelo próprio governo, juntando essas pessoas vítimas da seca. A referida seca vitimou a muitos.

²¹ Já falamos sobre este estilo anteriormente quando falamos do movimento *Art and Craft*. Entendemos como *art nouveau* um estilo artístico de origem francesa que foi utilizado em vários países. Este estilo artístico europeu tem presença característica principalmente na pintura decorativa e na arquitetura.

O bairro Jacarecanga foi considerado um dos mais aristocrático, não só pelas construções, mas também pelas famílias que residiram, tais como, Philomeno Ferreira Gomes, Salgado, Meyer, Sampaio, Lorda, Leitão, Morais Correia, Figueredo, Proença, Silveira, Cordeiro, Moreira da Rocha (BEZERRA, 2007). Com a chegada de uma fábrica de cigarro dos Filomeno Gomes e dos Diogo e da Escola de Aprendizes de Marinheiros, o bairro vem a possuir uma linha férrea deixando os seus moradores satisfeitos com a fácil locomoção. Vemos esta constatação também na fala de Cláudia Leitão (2015), que já morou, e escreveu um livro sobre este bairro:

Quando meu pai e minha mãe vieram morar em Fortaleza, vindos de Belém, no final dos anos 50, não titubearam em procurar uma casa para alugar em Jacarecanga. Morar ali significa viver em um dos bairros mais elegante da cidade. Afinal, o conforto e a dimensão generosa das residências, a cordialidade da vizinhança, o acesso aos serviços de saúde, educação e segurança, assim como a proximidade da praia, eram atrativos indiscutíveis (LEITÃO, 2015, p. 24).

Essa leitura de sua própria história e memória, enquanto moradora do bairro Jacarecanga, nos faz dentro das interpretações históricas e culturais percebermos o bairro enquanto moradia, enquanto espaço social organizado e das utilidades do mesmo. Logo identificamos que o bairro no século XX foi um espaço confortável para os seus moradores.

Os bairros urbanos são espaços de prática social e isso demarca suas características predominantes. Mas, geograficamente as características que levam um espaço territorial ser chamado de bairro são seus limites territoriais, as junções desses limites formam a cidade. Vemos a seguir:

O bairro caracteriza-se como sendo um lugar onde está presente predominantemente, embora não exclusivamente, uma população e/ou uma função particulares (<<bairros operários>>, <<bairros residenciais>>, <<bairros comerciais>>. <<bairros sociais>>... expressões que, em alguns casos, se convertem) (GONÇALVES, 1988, p.17).

Dentre as várias características geográficas, históricos culturais e sociais o bairro Jacarecanga em suas nuances vai se transformando e conforme a modernidade, as pessoas, casas e lugares também. Como podemos ver em Leitão (2015) e também em Arraripe (2007) com o crescimento industrial nas localidades, a expansão do bairro, a poluição do rio, muitos saíram de lá na procura de um bairro mais calmo e também elitizado. Na década de 70 surgia o bairro Aldeota e muitos dos moradores do Jacarecanga foram para lá.

Jacarecanga foi expandido e já registrou e registra muitas instituições que fazem parte, não somente, da história e memória do bairro como também da própria Fortaleza. Corpo de Bombeiros; o Azylo de Mendicidade do Ceará, hoje Lar Torres de Melo; Escola de Aprendizes de Marinheiros; Instituto Bom Pastor; Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa; Liceu do Ceará; Cemitério de São João Batista; Paróquia de São Francisco de Assis; Escola de Nutrição Agnes June Leight; Escola Juvenal Galeno; Centro Educacional Rosa Gattorno; Colégio Nossa Senhora de Lourdes; Tecnomecanica Esmaltec Ltda.; Escola de 1º Grau Marcílio Dias; Escola de 1º Grau Moura Brasil; Escola de 1º Grau Sales Campos; Centro de Estudos Supletivos Prof. Gilmar Maia de Sousa; Escola Paroquial São Francisco de Assis e tantos outros (ARARIPE, 2007, p.82).

Hoje suas construções se misturam entre prédios construídos no início do século XX com apartamentos do século XXI, alguns casarões antigos derrubados para surgir outros interesses, outros preservados por e com seus moradores, alguns casarões da antiga Jacarecanga recebem instituições públicas e privadas, mas que preservaram sua estrutura como memória de uma época. “São o novo e velho que, a todo o momento, se cruzam, em um movimento próprio da vida e da cidade que cresce de acordo com os interesses econômicos, políticos, culturais, mas, também, afetivos” (ARARIPE, 2007, p. 83). Hoje com toda as classes sociais, todas as diversidades, um bairro que se abre para quem quiser transitar em suas memórias.

Figura 2 - Mapa do Jacarecanga na atualidade.



Fonte: Google Maps

4.2 As instituições educativas do bairro Jacarecanga ou o próprio bairro educativo: Entre as formais, não formais e informais

O bairro Jacarecanga traz em sua formação vários espaços educativos, se já não é ele próprio, um grande território educativo. A educação permeia todos os espaços sociais, a encontramos em todos os lugares, com objetivos, meios, formas, metodologias e didáticas diferentes, o ensino e a aprendizagem se insere nas ações humanas cotidianamente, seja intencional ou não, constantemente estamos aprendendo.

Esse processo de ensino e aprendizagem relacionado à educação tornamos seres que aprendem com outros seres e com o próprio meio construindo o espaço e mais além, deixando para os futuros os feitos do presente. Quando nós, inseridos em sociedade já herdamos muitas praticas culturais e sociais, mesmo que passando a transformá-las com nossas ações, todo esse processo se dá por meio da educação. Charlot (2013, p. 167) nos referencia dizendo que “é pela educação que a relação entre gerações não é apenas uma relação de hereditariedade biológica; é, mais que tudo, uma herança cultural. Somos herdeiros culturais das gerações precedentes e não apenas herdeiros biológicos”. Esse movimento de transmissão e/ou construção é educativo.

Esse movimento da educação como instrumento do indivíduo no processo de aprendizagem e construção de conhecimento acontece de dentro para fora e fora para dentro, ele é interno e externo. O indivíduo aprende e ensina, aprende com o que o cerca e movimenta o que o cerca. Educa-se e é educado. Associamos esse movimento como uma atividade humana e também uma herança patrimonial. O ser humano age e herda.

A estrutura antropológica da educação requer atividade e patrimônio; desconectados, ambos perdem seu valor educativo. [...] Não há educação se o educando não mobiliza a si mesmo, não faz uso de si mesmo como recurso, isto é, não entra em atividade (CHARLOT, 2013, p 229).

Libâneo (2012) compartilha dessa teoria sobre educação quando nos aponta que a educação é um fenômeno essencialmente humano, e por consequência, tem memória, tem passado, tem historicidade. A educação não é algo que possa somente quantificar, e sim qualificar, pois a mesma não é linear ou limitada. Brandão (1989) no livro “O que é educação” diz que a mesma não é uma coisa só, são muitos os processos e educações, não há um saber, sim, saberes diferentes, a educação não pertence a um único espaço, e sim múltiplos espaços.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de

seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 1989, p.10).

Como a educação pode ser plural, no sentido de existir muitas educações, chegamos ao resultado que a mesma tem um fim, e tem meio para estes fins. O interesse da educação pode estar atrelado a instrumentalização das ações humana, a formar, informar, capacitar, por meios de objetivos claros ou subjetivos. Cada lugar ou ação educadora tem intenções mesmo que não propositais.

É comum em senso geral pensarmos na educação a nos remetermos a escola, a instituição educacional legitimada a séculos dentro da história da educação. Mas como podemos perceber a educação se encontra em todos os lugares. Ela está também para além dos muros escolares. Diante desta afirmação perceber e identificar a educação em seus meios e fins foi classificada em educação formal, não formal e informal. Tal classificação tem auxiliado nas descobertas das ações educativas plurais encontradas nos mais diversos meios.

O bairro Jacarecanga como um bairro educativo possui todas estas modalidades educativas das quais iremos identificar. A educação informal é a educação não intencional ocorrida no dia a dia do indivíduo dos quais se relacionam em sociedade, sem intenção alguma de educar, mas, no entanto, estão aprendendo e ou até ensinando com suas falas e atitudes. Esse processo constante de adquirir saberes e/ou intervir é algo atrelado à condição humana em sociedade à educabilidade. O ser humano sempre está aberto a conhecer mais, nunca é fechado. Charlot (2013) fala que o homem não é imutável, pois o princípio da condição humana, que nunca é completa, está sempre aberto a novos saberes e experiências.

A educação informal acontece de forma espontânea, “na vida do dia-a-dia através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais” (CHAGAS, 1998, p. 52). “Chamada de não intencional, refere-se as influências do meio humano, social, ecológico, físico e cultural às quais o homem está exposto” (LIBANEO, 2012, p. 237). Gohn também nos relata que a educação “informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, p.3).

As finalidades da educação informal estão de acordo com seu espaço social e a cultura, o indivíduo se insere entre singular e plural, desenvolvendo sua sociabilidade e coletividade, desenvolvendo seus costumes, fala, comportamentos, seus valores, crenças e

éticas, segundo seu meio, por herança e do qual foi instruído desde o nascimento. Não é organizada e estruturada como a educação que ocorre em uma escola (espaço formal, veremos a frente), mas há sim um movimento pautado em ação educativa acontecendo diariamente.

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência. (GASPAR, 2002, p.173).

Voltando ao bairro Jacarecanga compreendemos porque o próprio bairro é um espaço educador, nele centenas de pessoas convivem, criam suas culturas e socializam seus saberes, desde o ceio familiar, as conversas na praça e associações, na praia e nas calçadas, na caminhada e nas manifestações culturais, religiosas, políticas e ou populares. Reunidos para o convívio diário intencionalmente ou não, espontaneamente trocam saberes e experiências.

Quando em coletivo, todos nós seres humanos aprendemos uns com os outros. Freire (1981) quando fala do papel do educador diz que não só o educador tem algo para ensinar, que os alunos também trazem suas experiências e assim, também trazem ensinamentos ao educador. Assim todo o indivíduo educa e é educado nas relações sociais em sociedade.

A cidade pode educar? Um bairro pode educar? Qualquer espaço pode educar? Estudos, amostras e análises mostram que as respostas para essas perguntas são afirmativas. Como podemos já perceber, o indivíduo é um ser social que interage e transforma, suas ações se inserem no princípio da educabilidade. O espaço também fala e transmite se pararmos para o lermos, analisarmos e sentirmos.

A partir do século XX surge um conceito chamado “cidade educadora” na Europa. Um congresso internacional, o Congresso Internacional das Cidades Educadoras em Barcelona – Espanha, aprovou noções e elementos que retratam os aspectos de uma cidade educadora. Vários países adotaram essa ideia e algumas cidades do Brasil passaram a trabalhar com os princípios desse movimento.

De acordo com Gadotti (2006) “A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só. Mas a cidade pode ser “intencionalmente educadora” (2006, p.1). A cidade dispõe de múltiplas possibilidades educadoras quando promove e desenvolve o protagonismo dos seus cidadãos onde todos possam usufruir das mesmas oportunidades, além de oferta de espaços, equipamentos e serviços para o crescimento do cidadão em âmbito social, moral e cultural. Onde todos tenham o direito de refletir e

participar e sejam estimulados a praticarem tais ações. A cidade como espaço da cultura e da educação. Gadotti exemplifica mais quando diz:

Podemos falar em cidade que educa quando ela busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa, quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade (GADOTTI, 2006, p.03)

Com isso podemos reafirmar que a educação se insere em todos os espaços e que a todo instante estamos aprendendo com os outros e com que nos cerca. Gadotti compartilha dos diálogos de Paulo Freire sobre fazer uma leitura de mundo, ler o que o cerca. Gadotti chama de pedagogia da cidade, onde educamos nosso olhar para entender a cidade e também transformá-la.

Gadotti (2006), Freire (1981; 1986; 2003) e Ferrara (1988) concordam que conhecer a cidade não é somente vê-la por vídeos e fotografias, mas é preciso caminhar por elas percebendo suas qualidades, suas formas, suas cores. Gadotti até aponta para uma pedagogia, um conjunto de métodos que formem e informem para esta prática, a pedagogia da cidade. Vemos mais sobre adiante:

Precisamos de uma pedagogia da cidade para nos ensinar a olhar, a descobrir a cidade, para poder aprender com ela, dela, aprender a conviver com ela. A cidade é o espaço das diferenças. A diferença não é uma deficiência. É uma riqueza. Existe uma prática da ocultação das diferenças, também decorrente do medo de ser tocado por elas, sejam as diferenças sexuais, sejam as diferenças culturais etc. (GADOTTI, 2006, p.05).

A educação formal é caracterizada por ser altamente estrutura, organizada, baseada em um currículo escolar, conhecimento seriado, é legislada por políticas educacionais e ter seu saber construído dentro do espaço chamado: escola e universidades. E escola é o lugar de educação formal.

Desde os primeiros recursos historiográficos e documentais sobre a história da civilização humana vemos a construção deste espaço chamado escola com o objetivo de através da educação alcançar fins definidos pela estrutura política, econômica e cultural da sociedade. A mesma foi crescendo e se organizando durante os séculos e hoje aqui no Brasil é um direito de todo cidadão, assim como obrigatório dos 4 aos 17 anos. Vemos sobre a educação em nossa constituição de 1988 em seu artigo 205 tal direito e dever “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando

ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988) e também seus responsáveis.

A educação formal, segundo (CHAGAS, 1998), se caracteriza por ser seriamente estruturada, desenvolve em instituições próprias, como falamos anteriormente, do qual o aluno segue um programa e currículo semelhantes a outros que frequentam a mesma instituição. Vemos mais na fala de GOHN (2006):

Na educação formal seus objetivos principais são trabalhar o ensino e a aprendizagem com conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais se destacam o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade [...] (GOHN, 2006, p.3).

Bruno (2014) fala que os ambientes de educação formal devem ser normalizados, com regras e padrões definidos, as finalidades prendem-se aos objetivos relacionados ao ensino e a aprendizagem de conteúdos previamente construídos com foco no desenvolvimento do indivíduo em suas múltiplas capacidades, cognitivas, motoras, psicológicas, cidadã, também se caracteriza por:

Desta forma, a educação formal requer tempos e locais específicos, pessoal especializado, organização, sistematização sequencial das atividades, disciplina, regulamentos e leis, órgãos superiores; tem um carácter metódico e organiza-se por idades/níveis de conhecimento. O resultado esperado é a aprendizagem efetiva, certificação e atribuição de diplomas que capacitam os indivíduos a seguir para níveis e graus mais avançados (BRUNO, 2014, p.13).

No bairro Jacarecanga atualmente de encontram o Colégio Estadual Liceu do Ceará (Estadual); Colégio Militar do Corpo de Bombeiros (Estadual); Creche Conveniada Amadeu Barros Leal (entidade civil sem fins lucrativos e de natureza filantrópica); Escola de Educação Infantil Nova Alvorada (municipal); EEFM Sales Campos (Estadual); Centro de Educação Infantil Lenira Jurema De Magalhães (Municipal); Bom Jesus Escola (Privado); Colégio Olinto Studart (Privado); Maria Nogueira Dra Centro de Atendimento Educacional Especializado (Privado); EMEIF Escola Municipal Secretario Paulo Petrola (Municipal) dentre outras.

A nível superior há a Faculdade Metropolitana de Fortaleza (Privado), e a Escola de Aprendiz-Marinheiro do Ceará (Federal). Vários espaços de educação formal compõem o bairro para juntos aplicarem seus projetos pedagógicos, suas didáticas e metodologias comprometidos com a formação do aluno e cidadão. A educação formal é fundamental para assegurar o acesso ao ensino e aprendizagem de conteúdos previamente demarcados para o

conhecimento do indivíduo em sociedade. Os profissionais desta modalidade são preparados para a atuação unindo ciência e cotidiano escolar.

Neste processo de desenvolvimento da educação na sociedade temos a educação não formal. A educação não formal surge como a modalidade imersa de práticas pedagógicas e processos educativos voltados para a construção de aprendizagens e saberes, onde quem determina seus objetivos e finalidades é a própria instituição. São espaços educativos que também constroem saberes e aprendizados, mas que, diferente da educação formal, não são obrigatórios, nem seguem a legislação educacional e política nacional, a via de regra, podem até se nortear nesses documentos, mas não oferta matrícula para o sistema educacional seriado de ensino básico, técnico ou superior.

Na educação não formal a participação do indivíduo é optativa e há “na educação não formal uma *intencionalidade na ação*, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2010, p.18). O indivíduo procura estas instituições tais como escolas de áreas específicas, museus, ONGs, terceiro setor etc., por livre e espontânea vontade, já a educação formal é prevista por lei a obrigatoriedade e a informal acontece mesmo sem o indivíduo perceber. Vemos mais sobre na seguinte fala:

A educação não formal tem outros atributos: ela não é organizada por série/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma sua cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não formal na atualidade) (GOHN, 2010, p. 32).

A educação não formal não surge para se contrapor a escola, pois esta última é de caráter necessário para a educação brasileira. A não formal também não surge como uma extensão da escola, pois também não é um espaço para ser somente utilizado no contra turno da educação formal, pode ser, mas também é de busca livre do indivíduo a procura ou não, durante a educação formal, ou depois da educação básica. Para o acesso a educação não formal cabe ao indivíduo fazer sua procura e escolha.

Assim, podemos ver sua importância compartilhando da fala de Paulo Freire (1981) quando diz que a “Educação não transforma o mundo, Educação muda pessoas”. Temos acesso à educação em suas múltiplas formas e espaços acarretam em nossa sociedade a oportunidade de construção de múltiplos saberes, experiências e práticas educacionais levando o indivíduo a ter sua prática social construída na cidadania e na emancipação social.

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente fora muro escolares, são espaços criados para promover a educação, no entanto, não seguem os parâmetros

curriculares nacionais, ou um currículo único. São diversos os espaços e com diversos fins, mas com intenção educativa. A exemplos museus que podem ser de artes, históricos, antropológicos e etc.; ONGs que atuam desenvolvendo projeto em variadas áreas, normalmente com atenção para populações excluídas; associações comunitárias; normalmente e “especialmente no campo das artes, educação e cultura” (GOHN, 2010, p.36).

Cortella (2007) fala que educação não é congênere a escola, mesmo a última ser sinônimo da primeira, e que tudo que se expande para além da formalização das escolas e universidades pode ser também um território educativo a ser operado. A escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu sobrinho mesmo levando o nome escola não é uma escola formal regular de educação básica ela se reconhece com um espaço de educação não formal.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho é uma escola de formação profissional e educativa que trabalha com o oferecimento de cursos, oficinas, minicurso, seminários, dentre outras ações voltadas para conservação e restauro, gravura e artesanaria. Com um olhar sobre o patrimônio cultural, e a cultura popular atrelados aos saberes e fazeres da cultura cearense, que é múltipla e viva. Conforme os objetivos educacionais da escola estão:

A oferta de itinerários de formação nas áreas de conservação e restauro, ampliou-se para a artesanaria e a gravura, onde se constituem vetores de oportunidades de desenvolvimento cultural, social e econômico bastante expressivos e com grandes possibilidades de autossustentação, pois os cursos geram produtos e serviços, que podem estar coordenados com programas de formação de cooperativas, micro-empresas e primeiro emprego (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.07)

As ações da EAOTPS buscam desenvolver habilidades e compreensão para aperfeiçoar e desenvolver dentro de seus cursos, de forma crítica, seus entendimentos educacionais, sociais e históricos, e a capacitação para o mercado de trabalho. Busca através do fortalecimento cultural que o discente desenvolva habilidades que lhe guiem para seu posicionamento social, crítico, cooperativo, educacional, ou seja, para que este educando tenha autonomia de desenvolver a si, como ser social/comunitário e a obtenção de um ofício e profissionalização.

Como espaço de educação e formação suas ações visam a capacitação em restauração e conservação do patrimônio cultural material com ações que estão voltadas para a conscientização, conservação, restauro e preservação, e a apreciação e o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial do Ceará. Ações que conjuntas operam para a o aprendizado do curso escolhido, seja nas áreas de restauro e conservação, na artesanaria popular ou gravura, na educação patrimonial, e na qualificação para o mercado.

4.3 Itinerários da construção da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho – Thomaz, a casa e a escola.

Thomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho, filho de Antônio Pompeu de Sousa Brasil e Ambrosina Pompeu de Sousa Brasil, nasceu em novembro de 1880, vindo a óbito em 1967, com 87 anos de idade. Com Maria Alice Pompeu de Souza Brasil foi casado e formou um família.

Figura 3 - Fotografia de Thomaz Pompeu Sobrinho



Fonte: Acervo EAOTPS

Atualmente existem muitos trabalhos de pesquisas e livros sobre a sua vida e obra, pois o mesmo deixou um vasto material bibliográfico e documental acerca da seca do Ceará, problema climático, econômico e político que assola o Estado até a atualidade. Thomaz Pompeu também pesquisou e escreveu nas áreas de sociologia, antropologia, história, linguística, arqueologia, geografia e engenharia.

Humanista nato e telúrico, o mestre Pompeu Sobrinho foi, em boa verdade, o pioneiro, no Brasil, dessa Geografia Nova, Dinâmica e Ativa, e seu último ensaio de pesquisa geográfica, com que encerrou sua vasta bibliografia, versa sobre a Hidrografia Cearense, analisando as perspectivas de sua evolução cultural (BARROSO, 1980, p. 308).

Thomaz Pompeu também pesquisou a cultura indígena e interpretação das línguas indígenas, “como estudioso dos idiomas indígenas nordestinos, indiscutível é também a

autoridade do prof. Thomaz Pompeu Sobrinho sendo, por isso mesmo, valiosas as suas pesquisas sobre o cariri e outras línguas tapuias desta parte do Brasil” (ANDRADE, SD, p.69).

Figura 4 - Fotografia de Thomaz Pompeu Sobrinho com indígenas.



Fonte: Acervo EAOTPS

Estudou no Liceu do Ceará e fez faculdade na Escola de Minas de Ouro em Minas Gerais, se formando engenheiro civil no ano de 1903. Retorna ao Ceará aos 22 anos e atua no serviço público na Inspetoria de Obras Contra Seca, atualmente Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS. Trabalhou na pesquisa e construção de açudes no Ceará, como por exemplo o açude de Quixadá e o açude de Orós (ANDRADE, SD).

Em 1918 há a criação da Escola de Agronomia do Ceará, hoje Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará. Thomaz Pompeu Sobrinho participa da construção e se torna professor e diretor da escola contribuindo também com a história da docência no Ceará. Também integrou a Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, atualmente Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, dentre os anos de 1938 a 1967.

Criou o Serviço de Antropologia Física e Cultural – SAFC na década de 50, em parceria com Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará que buscava realizar pesquisas de campo no Ceará e promover o conhecimento científico sobre as diversas regiões do Estado. Bessa (2012) fala que o desenvolvimento desse setor atua como um centro de pesquisa antropológica para investigações voltadas para a melhoria de condições de vida dos menos favorecidos. E que esse engajamento mostra que o “Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, que

dedicava boa parte dos estudos elaborados para a tentativa de uma construção de um mundo melhor para os mais pobres no Nordeste e, especificamente, no Ceará (2012, p. 10).

Construiu um palacete em estilo artístico *Art Nouveau* para moradia com sua família no bairro Jacarecanga. Hoje neste lugar funciona a escola que leva nome como forma de homenagem, pois para a Escola de Artes e Ofícios o trabalho e obra do mesmo é de “inestimável sua contribuição para melhor compreensão dos problemas econômicos e culturais cearenses” (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2011, p. 52).

O prédio clássico de arquitetura *Art Nouveau* de procedência italiana teve sua construção pronta em 1929. Relatos familiares cedidos aos funcionários da EAOTPS narram que a casa começou a ser construída em 1924 e somente quando a casa ficou pronta para receber a família, cinco anos depois, Thomaz Pompeu faz mudança do município de Quixadá para o bairro Jacarecanga em Fortaleza – CE. Autor do projeto e proprietário da casa teve inspiração em um casarão de Portugal, do qual seu avô tinha admirado. A casa já chegou a receber além dos familiares, amigos e convidados comportando até 20 pessoas como podemos ver em uma matéria jornalística: “Aquela foi a residência de Pompeu Sobrinho, construída em 1924, onde uma média de 30 familiares ocupavam a mansão com três pavimentos, distribuídos em 36 cômodos, tendo inclusive, mirante e porão” (CANDIDO, 2006).

A estrutura arquitetônica é uma das mais altas, se comparada a outras edificações do bairro, àquela época. Do mirante, localizado na parte mais alta da casa, é possível ver o nascer do Sol surgindo do lado leste da cidade e se pondo do lado oeste em seu espetáculo de cores. A área bruta de todo território, casa e jardim, tem 2.147,20 m².

Atualmente, protegida pela lei estadual 9.109 de 1968, adquirida pelo Governo do Estado do Ceará, na avenida Francisco Sá, com a numeração 1801, compõe o acervo da arquitetura residencial do século XX na cidade de Fortaleza e é patrimônio histórico e arquitetônico de Fortaleza.

4.4 A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho: um espaço (re) descoberto para a cultura, o patrimônio e a educação

No final de década de 1990 a casa de Thomaz Pompeu Sobrinho é posta à venda pela família e o Governo do Estado do Ceará faz a compra. O secretário de Cultura do Estado - SECULT, à época, Paulo Linhares²², inicia a criação de um projeto para a ocupação do espaço.

²² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1982) e mestrado em Estudos Aprofundados Em Antropologia Comparada -

Paulo Linhares (2019) relata que àquela época tinha preocupações com a memória da cidade de Fortaleza, como quais memórias a cidade preservava e salvaguardava. Em intercâmbio com Espanha e em constante diálogo sobre questões de políticas públicas e culturais o mesmo diz: *“eu gostava muito das políticas públicas da Espanha, são políticas de cultura que dizem respeito em muitas questões regionais, regiões, as identidades culturais regionais, tem a Catalunha... até pelas questões de formação do estado espanhol”* (2019).

A partir deste diálogo e intercâmbio com a Espanha, Paulo Linhares tem conhecimento de que aquele país possui uma rede de escolas de artes e ofícios e que na época mantinha parceria com uma escola nesta modalidade na Bahia. Surge então um projeto de uma escola que trabalhe com artes e ofícios na conservação e restauração, e mais além, que também deveria trabalhar com os ofícios da tradição cearense. Uma escola que buscasse através dos saberes e fazeres tradicionais mostrar também uma das memórias de Fortaleza, e com a restauração salvaguardar memórias. Pois, o que fica no imaginário cearense acerca da história e memória do Estado?

Perceber a história e memória de uma cidade por suas questões culturais e identitárias foram por séculos narradas em histórias oficiais, veiculadas para a construção da história de uma nação como principais e/ou até únicas, recortes das histórias foram elegidos como únicos, muitas vezes somente fatos da elite e burguesia brasileira. A história popular, da cultura popular, os feitos e desfeitos pelas classes de menor poder aquisitivo foram esquecidas ou suplantadas pela de classe de maior poder aquisitivo. Há uma disputa de memória e de dominação sociocultural historicamente construída que diminuem a efervescência das relações entre história e memória da cultura popular.

As disputas pelas memórias dos acontecimentos vividos ou negados não é um problema novo na história. Num certo sentido, desde os primórdios da humanidade essa questão está presente. Somente algumas memórias continuaram vivas no tempo, conquistando posições hegemônicas e tornando-se referência para pensar o próprio passado. Comunidades, grupos e classes sociais produziram determinadas versões dos fatos, algumas das quais foram registrados em pinturas, esculturas, monumentos, genealogias, através da escrita, conservadas nas tradições orais, etc. Para que determinadas experiências conquistassem uma posição hegemônica foi necessário silenciar outras que fossem relegadas ao esquecimento e, por conseguinte, excluídas das memórias e histórias “oficiais”.

Marilena Chauí quando se refere ao Brasil faz a pergunta “Quantas nações somos nós?”, estamos em um país múltiplo em diversidade cultural. A cada região do país é percebido peculiaridades, singularidades próprias. Mas nos livros didáticos não encontramos essa diversidade, e sim uma só, a europeia e suas conquistas, pouco vemos da história indígena e afro-brasileira nestes livros. A memória lembra e esquece, mas partes destas lembranças e esquecimentos da História “oficial”, veiculado amplamente, parte da construção de uma história única pelas políticas de Estado a promover a história da nação de acordo com seus interesses. Vemos mais adiante Silva nos falando claramente sobre tal problemática:

Muitas vezes, há memórias omissas, quando o esquecimento é intencional. Portanto, ao contrário do que geralmente pensamos (e desejamos ter), a memória não é a capacidade de guardar e acumular informações e lembranças com precisão, a memória é o processo de reelaboração de informações e experiências de vida. Vários fatores interferem nesse processo de reelaboração, que leva a esquecimentos e omissões: traumas, classe social, etnia, gênero, religião, amizades, preconceitos de todo tipo, interesses políticos, disponibilidade de documentos e formas de transmissão da memória, dentre outros (SILVA, p. 328).

A História estuda as ações do homem, e ao longo dos séculos várias são as formas metodológicas para se chegar aos discursos historiográficos de um lugar ou ação humana. Neste contexto o homem faz sua história (individual) dentre um coletivo (plural) de histórias humanas. A memória é um meio de salvaguardar esses dados e resquícios, as nossas próprias são que mais estão em ebulição. Halbwachs fala sobre isso quando diz que “por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo” (HALBWACHS, 1990, p. 48-49).

Paralela as histórias e memórias oficiais há histórias e memórias silenciadas e muitas delas vêm das classes menos favorecidas economicamente, da classe trabalhadora, ou como Marx chama essa grande parcela da população, a classe dominada. Hall (2003) historicamente nos traz esse contexto dizendo que “no decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres” (HALL, 2003, p. 247). Brecht (2000) no poema “*Perguntas de um trabalhador que lê*” nos aponta interrogações relevantes para responder a estas histórias silenciadas representadas por um grupo de pessoas que normalmente não levam seus nomes em seus feitos:

Quem construiu as Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis. Arrastaram eles os blocos de pedra? E a Babilônia várias vezes destruída - Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas da Lima dourada moravam os construtores? Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta? A grande Roma está cheia de arcos do triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio tinha somente palácios para os seus habitantes? (BRECHT, 2000, p. 166).

Diante destes pressupostos relativos a história e memória que ficam e são propagadas remetemo-nos a Fortaleza: quais memórias de Fortaleza tem ficado nas histórias? Nas falas de Paulo Linhares estava a preocupação em trabalhar com a tradição das artes e artesanatos cearenses. O mesmo aponta para a construção da própria história e memória de Fortaleza quando reconhece que há uma memória edificada, advinda das famílias elite de Fortaleza ao final do século XIX para república, e que devem ser respeitadas para que haja um conhecimento do trajeto histórico da cidade, mas que a memória da cidade vai além. *“Que memória? É a primeira questão, e como é essa memória? É uma memória de quem? A quem interessa lembrar?”* (LINHARES, 2019). Vemos mais de sua fala adiante:

[...] então a escola deve ser um lugar também dessa reflexão, no caso por exemplo nossos ofícios que eram exercidos muito mais pela classe trabalhadora, elas são mais importantes, que a essa memória dessa elite, eu acho isso. Daí a importância os nossos ofícios vir em bordados, gravura, essa tradição dos ofícios cearenses é maravilhosa, ela que é forte (LINHARES, 2019).

Linhares (2013) em seu livro “Cidade de água e sal” do qual se remete a cidade de Fortaleza em sua historicidade com o litoral fala que para construir uma percepção e escrever a história da cidade é pensar que a mesma está em constante construção, que a “realidade é uma construção” e que “narrar esta realidade é sempre um a priori ideológico” (2013, p. 31). Sem criar um outro lugar ou o da imaginação pura, é necessário pensar a cidade como experiência vivida e não estática. Assim o próprio estado do Ceará possui inumeráveis história e memórias, carregado de cultura popular, de expressões de saberes e fazeres da cultura cearense e nordestina.

A pré-ideia e concepção de uma escola de conservação e restauração, e trabalhos com a artes e artesanaria cearenses foi ainda na gestão²³ do secretário de cultura Paulo Linhares, mas a mesma não se consolidou, tampouco a parceria com o governo espanhol, mas o pré-

²³ “Em 1998, Linhares deixou o cargo à frente da SECULT, para se candidatar a deputado estadual pelo PSDB. Com a sua saída, quem assumiu o cargo de secretário da cultura foi o seu subsecretário de gestão, Nilton Almeida. A princípio, tal mudança de liderança à frente da pasta não indicou distinções nos rumos do órgão. Exemplo disso é que não houve trocas significativas nos cargos de confiança da SECULT e do Instituto Dragão do Mar” (LOPES, 2018, p.55).

projeto ficou, à época, por questões de ocupação de outro cargo político, Paulo Linhares deixou o projeto para as futuras gestões darem continuidade. Na fala de Almeida (2019) vemos que a parceria não logrou êxito:

De certa forma, a elaboração do projeto caminhou, mas as tratativas com a agência internacional arrastaram-se, sem êxito. Se a memória não me falha, por diversos motivos, dentre os quais as mudanças de governo, sobretudo em Espanha, porquanto, no Ceará, em larga medida, os governos tiveram continuidade na chamada “Era das Mudanças” (ALMEIDA, 2019).

Ainda na gestão de Paulo Linhares como secretário de cultura, em 1997, cria-se a organização social: Instituto de Arte e Cultura do Ceará – IACC, sob Lei Estadual de nº 12.781. Criado em 1997, mas em exercício no ano seguinte de sua criação, o IACC é uma instituição sem fins lucrativos que promove a difusão do conhecimento e informação na área de arte e cultura. Tem-se o nome fantasia de Instituto Dragão do Mar e é vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Em 1999 surge o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC o primeiro equipamento voltado para a educação, arte, lazer e cultura do instituto. Em entrevista de Paulo Linhares cedida ao Lopes (2006):

Eu achava que era preciso ter uma escola de cultura no Ceará e que o Brasil inteiro deveria ter. [...] Eu conhecia os centros culturais da Europa. Por curiosidade eu tinha um acompanhamento deste processo. Aí, quando eu assumi, eu achava que a gente tinha que apontar para esta questão da importância da economia da cultura. [...] A partir daí eu defini que era preciso criar efetivamente uma escola, na área de difusão, a necessidade da gente criar uma infra-estrutura de cultura no Ceará, aí que veio a ideia do Dragão do Mar (LOPES, 2006, p. 70-71).

Assume a pasta como secretário de Cultura Nilton Melo Almeida²⁴, o mesmo dá continuidade aos projetos e ações do secretário de cultura anterior. No ano de 2001 a casa do Thomaz Pompeu Sobrinho foi restaurada por 60 jovens como o primeiro trabalho de seu início. A seguir mais detalhes da primeira atividade da escola em retalhos de Nilton Almeida (2019):

*De fato, somente em 13 de agosto de 2001, quando eu exercia o cargo de secretário de Estado da Cultura, ocorreu a **aula inaugural** da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, como uma das ações do Projeto Fortaleza Histórica, da SECULT-CE. A **primeira turma** formou jovens, a partir de dezoito anos, que se encontravam em situação de risco psicossocial.*

²⁴ Nilton de Melo Almeida é doutor em História Moderna pela Universidade Nova de Lisboa, Investigador Correspondente do CHAM - Centro de Humanidades, vinculado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e à Universidade dos Açores. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará, especialização em Assessoria de Comunicação pela Universidade de Fortaleza e graduação em Comunicação Social pela UFC. Assessor Executivo da Presidência do Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB), é diretor de Biblioteca e Hemeroteca da Associação Cearense de Imprensa (ACI).

Alem da formação escolar (educação formal), eles recebiam bolsa incentivo, no valor de R\$ 70,00 (setenta reais), seguro de vida, equipamento individual de segurança, assistência social e psicológica, além de alimentação (ALMEIDA, 2019).

Esses jovens realizaram o curso de restauração do patrimônio arquitetônico, onde aprenderam técnicas em alvenaria artística, pintura e carpintaria. Esta turma é considerada a primeira turma da escola e o seu trabalho de restauro pôde resgatar detalhes primigênicos de sua estrutura e construção arquitetônica, já esquecidos e perdidos pelas ações humanas e do tempo. Almeida (2019) relata que os conteúdos e organização desta primeira ação e curso da escola tinha dois eixos, essencialmente: o teórico e o prático. Com uma organização pedagógica e curricular, como quando diz: “ *uma equipe técnica multidisciplinar ministrava disciplinas voltadas para a importância da revitalização e conservação de monumentos históricos, relações humanas; e segurança na construção civil moderna e tradicional, por exemplo (ALMEIDA, 2019).* Ainda mais adiante:

Um criterioso trabalho recuperou características originais da edificação representativa do patrimônio arquitetônico da cidade de um período notadamente marcado pela influência da arquitetura europeia. Sendo ela própria um exemplar característico do estilo *Art Nouveau* em Fortaleza (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2012, p. 60).

Após o curso de restauração do patrimônio arquitetônico e sua intervenção na casa, em dezembro de 2002, é inaugurado o Centro de Restauro do Ceará que passa a ser sediado no local. Restaurada por profissionais discentes e professores, também parcerias, o Ceará ganha na cidade de Fortaleza uma escola voltada para a valorização, recuperação e preservação do patrimônio cultural e imaterial do Estado. Vejamos a seguir um pouco mais dos objetivos e da significação desta escola para o estado:

A casa Thomaz Pompeu Sobrinho é um exemplo de que se pode preservar o patrimônio histórico cultural e ao mesmo tempo colocá-lo a disposição da população como organismo vivo em diálogo permanente com a cidade. Espaços onde são efetuadas trocas simbólicas e ofertadas oportunidades de vivências, convivências, ensinamentos e aprendizagens que contribuem para o desenvolvimento econômico, social e cultural do nosso povo (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2012, p. 60).

O trabalho de restauro de uma estrutura arquitetônica que marca as ações do tempo/passado liga a Arquitetura à História em uma ação de preservação cultural. Conduro (2011) compara a arquitetura e a história a uma arte, esta última atemporal, a arte do tempo, e a arquitetura a arte do espaço, pois é capaz de encarnar o espaço. As duas em um resgate de

representação e narrativa de uma história e cultura utilizam da restauração para que não suma dos olhos humanos a oportunidade de perceber e refletir sobre um tempo e a ação humana, neste mesmo tempo. Poder ver e conhecer com os próprios olhos, e mais, estar perto, leva a ações de pesquisa, conhecimento e ações educativas. Almeida (2019) em entrevista traz em sua narrativa este intento na própria construção da escola e sua relação com a cidade:

“Era notória a carência de pessoal qualificado para obras de restauro, enquanto a cidade via seu patrimônio edificado ser demolido celeremente. A escola, evidentemente, não iria parar esse processo, mas poderia ter tido a capacidade de chamar a atenção para a importância da preservação e, de certo modo, frear a política do “bota abaixo”. A ideia de uma escola de artes e ofícios veio no sentido de dar permanência à formação de pessoas capazes de fazerem restauro, pelo menos salvando alguns exemplares de nossa arquitetura com sua importância histórico-social para compreensão de uma cidade tão complexa. Infelizmente, não sei se atingimos o intento. Fortaleza ainda destrói com facilidade, sem parcimônia” (ALMEIDA, 2019).

A seguir podemos perceber através dos registros fotográficos o trabalho de formação educacional e profissional dos alunos que restauraram a casa.

Figura 5 - Discentes do curso de restauração do patrimônio arquitetônico na EAOTPS (2001).



Fonte: Acervo da EAOTPS.

No entanto, a Casa do Restauro não mantém suas atividades em evolução. A casa precisava de mais adaptações e modificações em seus cômodos e na área externa para receber uma escola com mais atividades e cursos, além de materiais para o exercício diário e investimentos financeiros. A Casa do Restauro se mantém parada por alguns anos sem a existência de novas ações e cursos, vindo a retornar quatro anos depois.

Resultado do primeiro curso, com a experiência da teoria e a prática na restauração da escola, podemos perceber como o mesmo aconteceu e o impacto que causou em alguns

alunos em entrevista concedida ao jornal local Diário do Nordeste, além de percebermos o estado em que se encontrava a casa:

Os irmãos João Batista e João Paulo da Silva foram alunos do primeiro curso realizado na EAO, entre 2001 e 2002. A primeira tarefa foi justamente restaurar a casa que hoje abriga a escola. Na época encontraram infiltrações, plantas crescendo nas paredes, cupim corroendo as estruturas de madeira e muito lixo. Todo o trabalho valeu a pena. João Paulo passou a fazer pinturas especiais decorativas e, em 2004, foi fazer um trabalho em Limoeiro do Norte, onde aprendeu também a técnica de cantaria (restauração em pedras). A nova atividade rendeu um estágio na Escola de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha, em Portugal, trabalhando em uma pedreira que faz corte de pedras e restaurando o Mosteiro da cidade. “Até hoje não parei e tenho orgulho de recuperar o patrimônio que nos pertence”, diz” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2006).

No ano de 2003 Cláudia Leitão²⁵ assume a Secretária da Cultura do Estado do Ceará e sua gestão dá continuidade em alguns projetos da gestão anterior, mas também traz suas novas ideias e características próprias²⁶. Cláudia Leitão destacou a necessidade de avaliar as políticas culturais através da pluralidade de sentidos e significados circunscritos na prática cultural e as necessidades atuais. Com a preocupação em trazer uma ampliação ao conceito de cultura e artes e aliar-se as questões sociais, tais como economia e o empreendedorismo. Vemos adiante sua fala sobre a ampliação dos conceitos de arte e cultura:

Até as últimas décadas do século XX, as questões relativas à cultura apareceram como algo de menor importância, relegadas a um lugar superestrutural de complementaridade a outras dimensões humanas. É o que ainda hoje se observa, quando, em pleno século XXI, políticas públicas e administração de orçamentos consideram os investimentos na cultura absolutamente secundários e de pouco retorno social ou econômico. Para esta concepção, a cultura ainda se restringe às ‘belas artes’ ou às ‘artes eruditas’, retirando-se dela a sua dimensão eminentemente simbólica, ou seja, a de uma rede de signos, a cultura também entre os sujeitos e o mundo. Além de um

²⁵ Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Educação Artística pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Tem mestrado em Sociologia Jurídica pela Universidade de São Paulo(USP) e doutorado em Sociologia pela Sorbonne, Université René Descartes (Paris V). É Professora do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará. Foi Superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) no Ceará (2001-2002) e Secretária da Cultura do Estado do Ceará (2003-2006). Atualmente dirige o Observatório de Fortaleza (Governança Municipal e Políticas Públicas) do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR) e é presidente da Câmara Setorial de Economia Criativa na Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (ADECE).

²⁶ Na dissertação de mestrado de Lopes (2018) vemos um estudo da SECULT de 2003 a 2006 e percebemos em sua análise uma comparação em relação a gestões anteriores. Vemos na seguinte fala essa mostra: “A composição de uma equipe que resgatava nomes pertencentes a gestões anteriores é indicativo de que não houve uma ruptura sistemática da gestão de Leitão com o projeto mudancista na área da cultura. No escopo das ações políticas da SECULT, o ideário da modernização ainda ocupava espaço, o próprio processo de reelaboração da pasta estadual que buscou, entre outros fenômenos, otimizar o uso dos recursos disponíveis era pertencente ao léxico do verbete político utilizado pelas lideranças da Era das Mudanças” (LOPES, 2018, p.64).

processo de criação de signos, a cultura também é um produto concretizado a partir de suportes materiais. Ao mesmo tempo processo e produto, algo tangível e intangível, a cultura não significa mero mosaico, repertório ou inventário, mas exprime o enredamento do homem em teias simbólicas, em crenças comuns, em valores compartilhados, em éticas compactuadas (LEITÃO, 2014, p. 35).

Cláudia Leitão convidou uma equipe de profissionais para inicializar a reinauguração do Centro de Restauo que ressurgirá somente com o nome Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho. Leitão (2019) em sua narrativa sobre a ressignificação e reabertura da escola diz que: *“a gente se dá conta que aquele projeto era importantíssimo e que precisava abrir a Thomas Pompeu, essa nossa luta começa nesse processo de abrir aquela casa que estava fechada”* (LEITÃO, 2019). Alguns anos antes de reabrir a escola, a equipe de profissionais trabalhou em formar o currículo de cada área de formação, a estrutura pedagógica, o setor administrativo e financeiro, e o uso dos espaços da casa-escola. A convite da coordenação geral, Juliana Marinho²⁷ coordenou o desenvolvimento e organização da EAOTPS. Podemos ver o desenvolvimento destes trabalhos nas narrativas de Juliana Marinho, quando diz:

“A gente começou a construir esse projeto de uma forma mais clara, a pesquisar experiências nas áreas das artes e dos ofícios, se reunir... [...] que o ato costuma pensar: o sonho é o lugar onde as pessoas se encontram. Então várias pessoas ali participaram daquela construção daquele projeto” (MARINHO, 2019).

O coletivo de profissionais convidados a pensar a estrutura da escola além de pesquisarem o universo das artes e ofícios em seu contexto com o patrimônio e cultura cearense, também realizaram cursos e formações continuadas nas áreas de formação da escola para se profissionalizarem, e estarem a frente dos trabalhos. Como podemos ver na fala de Juliana Marinho (2019): *“E a gente começou a fazer as discussões, [...] a gente fez muitas pesquisas em vários cursos, participou de seminários onde era discutido a questão da restauração. A gente pesquisava muito e entrava em contato com escolas de artes e ofícios no Brasil”*.

O grupo de profissionais envolvidos neste trabalho arquiteta uma escola que trabalhe com o patrimônio do Ceará seja material e imaterial, com os saberes e fazeres ancestrais e da cultura popular cearense, a arte e o designer, e a dimensão econômica dos ofícios desenvolvidos pela escola. Então quais e como seriam as disciplinas? Como seria o currículo? Quem seria o público? Tal preocupação com a dimensão econômica, a rentabilidade visa uma

²⁷ A primeira gestora da EAOTPS, atuou de 2006 a 2011. Formada em Psicologia. Tem desenvolvido trabalhos na área da cultura do Ceará e políticas públicas artísticas e culturais.

escola que prepare cidadãos aptos, criativos, empreendedores no mercado de trabalho. Vemos tal atenção também na fala da secretária de cultura, à época Cláudia Leitão, em sua gestão, a seguir:

De qualquer modo, espera-se de produtores e gestores culturais a capacidade de equilibrar lógicas que compõem um empreendimento deste setor. À lógica do ‘amor à arte’ (a cultura como um fim em si mesmo), deve associar-se a lógica da rentabilidade (a cultura como um negócio) e a lógica da sobrevivência (a cultura como meio de vida) sem que se subestime a lógica ideológica (a cultura como instrumento difusor de ideias e valores). Todas estas questões levam a refletir sobre os papéis do Estado em face da cultura, ou seja, sobre as políticas ações relativas ao apoio e à difusão da cultura (LEITÃO, 2014, p.38).

A Escola visava um currículo para atender jovens e adultos que para além da capacitação profissional atenda a capacitação educacional de formação de um indivíduo ativo, crítico e reflexivo, capaz de entender sua realidade social e transformá-la. Acabando com a dicotomia em fazer e pensar, separados. E agir de alguma forma contra a exclusão social. Mesmo esta última tendo como um dos objetivos das escolas de artes e ofícios no Brasil a criação desta no Ceará viria para não dividir a formação de mão de obra da pesquisa, da teoria, ou mesmo da reflexão. A primeira gestora, Juliana Marinho, fala sobre a construção de um currículo que atendesse tais preocupações:

“Construir um currículo que procurasse garantir os jovens que iriam chegar a melhor formação possível, a melhor formação nas condições que a gente tinha. Que eles (discentes) pudessem encontrar as condições, ter outra direção, buscar (se) encontrarem, e terem condições de refletirem, a partir daí pesquisarem e criarem seu destino, sua vida” (MARINHO, 2019).

Coletivamente a escola foi sendo construída e significada. Em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN do Ceará, o IPHAN participou com instrução e formação sobre os cursos voltados para a restauração e conservação. Em matéria ao jornal local Diário do Nordeste vemos tal parceria:

A parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) acontece não só na coordenação técnica e na supervisão de módulos do curso, como na realização dos “Diálogos com as Artes e Ofícios”, em debates com profissionais vinculados ao Senai e ao Iphan nacional, aproximando os alunos da experiência de quem já está em campo a mais tempo. A atividade também será aberta à comunidade (DIÁRIO DO NORDESTE, 2006).

Romeu Duarte²⁸ (2019), titular da Superintendência Regional do - IPHAN/CE (1997-2008) em entrevista fala que a instituição sempre teve a vontade de ver a profissionalização na área da conservação e restauração no estado do Ceará, que houvesse trabalhadores especializados em restauração na cidade, pois são poucas as construtoras na cidade que tem a especialidade em restauros técnicos. Fazendo necessário contratar profissionais de outros estados do Brasil. A escola formaria trabalhadores para atuar em seu próprio estado e o estado poderia contratar profissionais locais.

Além de, junto ao IPHAN-CE, a Secretaria de Infraestrutura do Estado, Serviço Nacional De Aprendizagem Industrial – SENAI – CE, Sindicato Dos Trabalhadores Da Construção Civil – SINDUSCON - CE e arquitetos trabalharam no apoio as obras, nas modificações e adaptações dos espaços da casa-escola para receber uma estrutura que comportasse da melhor maneira um espaço escolar, trabalhando sem interferir na estrutura original, mas readaptando com intervenções que pudessem receber uma escola onde o espaço primeiramente foi construído para ser casa. E o Serviço de Apoio às Pequenas e Microempresas do Estado do Ceará – SEBRAE / CE no apoio ao empreendedorismo a ser gerado nos cursos.

Em 15 de maio de 2006 a escola²⁹ é reinaugurada como Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho. Equipada com salas de aula, ateliês, biblioteca, ilha digital e jardim. A escola manifesta-se “com ações de educação patrimonial e qualificação profissional desenvolvidas pela Escola, uma nova didática é gestada, novas sociabilidades são tecidas, horizontes são ampliados” (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2012, p. 60). A seguir vemos uma imagem da abertura e inauguração da EAOTPS.

²⁸ Compositor, escritor e cronista Romeu Duarte Júnior é graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará-UFC. Possui mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. É Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC. Atuou como titular da Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Ceará - IPHAN/CE (1997-2008); Presidente do Departamento do Ceará do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/CE (1992 – 1993) e de janeiro a maio de 1994); Presidente da Direção Nacional do IAB (1994 – 1996; Diretor da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura - ABEA (1996 - 1998); Delegado do Brasil no Conselho Internacional de Arquitetos de Língua Portuguesa - CIALP (1994 - 2003); Coordenador da Câmara Especializada de Arquitetura do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Ceará (1997 - 1999); Membro do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural (2001 - 2008); Membro do Conselho Estadual de Turismo (1998 - 2008); Membro do Conselho Estadual de Cultura (2003 – 2008 ; E representante do IAB na Comissão Nacional de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura - CNIC/MinC (membro titular) (2011 - 2012).

²⁹ Ver em anexo a planta arquitetônica da escola.

Figura 6 - Fotografia da abertura e placa da EAOTPS – 2006.



Fonte: Acervo EAOTPS.

Figura 7 - Fachada da EAOTPS



Fonte: Acervo EAOTPS.

Para o curso de inicialização das atividades da escola, o curso de Conservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico houveram aproximadamente 2.875 inscritos. As inscrições eram realizadas nas regionais da cidade de Fortaleza obtendo: 277 inscritos no bairro Cais do Porto; 140 inscritos no bairro Dias Macedo; 425 inscritos no bairro João XXIII; 350

inscritos no bairro Pirambu; 301 inscritos no bairro Quintino Cunha; 339 inscritos no bairro Tancredo Neves; 1043 Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

A seleção foi composta por várias etapas, a primeira a análise de documentos, a segunda uma redação e um desenho, este último para avalia-se a aptidão. Após as etapas anteriores havia uma prova prática e por fim, a entrevista. Após todas as etapas foram selecionadas 50 pessoas para compor a primeira turma do curso. Juliana Marinho (2019) esclarece em sua fala que a etapa seletiva da parte prática serviria para expressar aos alunos o trabalho de restauro arquitetônico e o contato com uma obra de construção. Vemos a seguir sua fala:

“A gente montou no Dragão do Mar um pequeno cenário, colocamos andaimes, um cenário de construção por que ia ser dentro de uma obra, então precisava que essas pessoas tivessem uma disposição para este tipo de situação. Usar o andaime... usar um cinto segurança, de empurrar um carrinho. [...] ia fazer parte do processo [...] tinha essa parte e tinha uma entrevista” (MARINHO, 2019).

Surgem assim as primeiras atividades educacionais e profissionalizantes capacitando discentes à compreensão do patrimônio cultural da cidade, além de teorias e técnicas voltadas para a restauração e conservação. Após a o primeiro curso de abertura, a escola ofertou mais cursos, tais como o Artífice em Couro – Marcas da Cultura, Artífice em Xilogravura – Imagens da Cidade, Artífice de Brinquedo Tradicional – Brincar de Criança³⁰. Cursos voltados para a valorização do patrimônio cultural cearense. Vemos a seguir imagens dessas ações.

Figura 8- Da esquerda para a direita: curso de Conservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico (oficina parietal), Artífice de Brinquedo Tradicional e Artífice em Xilogravura.



³⁰ Ver anexo 2.

Fonte: Acervo EAOTPS.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho reabre suas portas em 2006 e não fecha mais³¹ oferecendo cursos e capacitando aos jovens e adultos de Fortaleza. Sua área de atuação dentro da conservação e restauração do patrimônio material e imaterial, nos ofícios das marcas da cultura nordestina como a xilogravura, o bordado, dentre outros, a escola traz em suas propostas e ações a compreensão da própria historicidade cultural da cidade, e da relação do indivíduo com ela (cidade), pois a compreensão das tradições, contemporaneidade, memória, história e os conhecimentos técnicos dão um suporte necessário para uma educação patrimonial e de cidadania. Além de acesso à cultura, arte e o despertar ou aprimoramento de um serviço e trabalho. Como vemos na Revista Estojo (2010, p. 04) que “no couro, no bordado, gravura, em cada cor selecionada, cada forma gerada, cada textura descoberta, cada palavra escrita, encontra-se muito mais de cada um que vive o processo de capacitação na arte de reinventar o cotidiano” é construir experiências de vida com a criatividade, prática e percepção. E mais:

Nesse universo, a mistura de linguagens artísticas e atividades criativas geram um constante e pluricultural movimento para perspectivas de como elaborar uma realidade onde o sensível e emocional dos artefatos possam redimensionar a importância do homem, do lugar onde vive, das coisas que consome e dos sonhos que alimentam a vontade de continuar transformando o mundo (REVISTA ESTOJO, 2010).

Para o financiamento e gestão da escola, a mesma, se inicia como um equipamento do Instituto de Arte e Cultura do Ceará – IACC, hoje Instituto Dragão do Mar – IDM, que por sua vez é mantido pela Secretaria de Cultura do Estado. Até os dias atuais a EAOTPS ainda é mantida pelo IDM. Atualmente, Instituto Dragão do Mar – IDM, é responsável por manter e gerenciar quatro equipamentos culturais na cidade de Fortaleza dos quais são a Escola de Artes

³¹ A pesquisa foi realizada até o primeiro semestre de 2019.

e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Porto Iracema das Artes³², Centro Cultural Bom Jardim³³ e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura³⁴.

A EAOTPS é estruturada em três pavimentos: térreo, primeiro andar, subsolo e ambiente externo. Atualmente no térreo se encontra a recepção, biblioteca, sala de informática – Ilha Digital, refeitório, salas de exposições. No primeiro andar: auditório, salas de aula, coordenação pedagógica, gestão geral, e secretária. No subsolo do prédio da escola encontra-se atualmente uma sala de exposição, sala de costura e bordado, e almoxarifado. No ambiente externo se encontram três ateliês para aulas práticas e o jardim.

4.4.1 A EAO – Formação Inicial e continuada (FIC) e/ou Cursos livres.

A escola de Artes e Ofícios Thomaz Sobrinho trabalha com a oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC ou qualificação profissional em nível básico. Este tipo de modalidade não é de nível técnico e/ou tecnológico e ou superior. Os cursos FIC e/ou qualificação profissional em nível básico são chamados de cursos livres, cursos de curta ou média duração se comparados aos cursos certificados via espaços de educação formais, como os de nível técnico e superior. Segundo o Ministério da Educação – MEC os cursos FIC se inserem dentre a modalidade com a seguinte intencionalidade:

A formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional são organizados para preparar para a vida produtiva e social, promovendo a inserção e reinserção de jovens e trabalhadores no mundo do trabalho. Isso inclui cursos de capacitação profissional, aperfeiçoamento e atualização profissional de trabalhadores em todos os níveis de escolaridade. Abrange cursos especiais, de livre oferta, abertos à comunidade, além de cursos de

³²A Escola Porto Iracema das Artes é um espaço de formação e criação artística, inaugurada em 2013. Atualmente oferta **cursos de nível básicos** (Programa de Artes Cênicas, Programa de Artes Visuais e Multimídias, Programa de Audiovisual). Nível Técnico (Curso Técnico de Computação Gráfica e Curso Técnico em Dança). E os laboratórios de criação (espaços de experimentação, pesquisa e desenvolvimento de projetos culturais nas diversas linguagens). Há também o Porto de conhecimentos (palestras e seminários) e o Estúdio de Audiovisual. O espaço possui o estúdio de gravação de áudio, laboratórios para edição de vídeos (Macintosh), atelier de artes visuais, biblioteca, salas de dança, laboratórios para desenho digital, salas de aulas.

³³ Inaugurado em dezembro de 2006, o Centro Cultural Bom Jardim se localiza no bairro Bom Jardim em Fortaleza-CE como um espaço propagador e formador de arte e cultura. Atualmente o CCBJ oferta curso nas áreas de dança, música, artes visuais, gastronomia, artesanato e teatro. Possui uma ilha digital com equipamentos de áudio e vídeo, um teatro de arena, salas multiuso, laboratório para gravações musicais e outros espaços destinados à práticas artístico-culturais.

³⁴ Situado no bairro Praia de Iracema em Fortaleza – CE o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - CDMAC foi inaugurado em 28 de abril de 1999, na antiga área portuária. Atualmente se encontra no CDMAC o Museu da Cultura Cearense, Museu de Arte Contemporânea do Ceará, Teatro Dragão do Mar, Anfiteatro Sergio Mota, o Espaço Rogaciano Leite Filho e a Arena Dragão do Mar, o Cinema do Dragão da Fundação Joaquim Nabuco, o Planetário Rubens de Azevedo, e o Auditório e na Praça Verde do Dragão.

qualificação profissional integrados aos itinerários formativos do sistema educacional (MEC, SD).

Os cursos FIC em cursos livres são cursos que atuam em paralelo as instituições oficiais de ensino formal (escola, Institutos Federais e universidade), mas que ofertados para a formação do indivíduo para o mercado de trabalho. Os mesmos podem ocorrer e serem ofertados sem o requisito de escolaridade. Tal requisito de grau de escolaridade acontece, por exemplo, em cursos em nível técnico, em escolas de educação profissionalizante, que precisam no mínimo, que o interessado esteja no ensino médio ou concluído, como um curso técnico que pode vir a ser concomitante, integrado ou subsequente ao ensino médio.

Na Constituição Federal nos artigos que definem e dispõem a educação brasileira vemos no artigo 205 que a educação deve validar “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988). A educação com a responsabilidade de capacitar e desenvolver o indivíduo para suas múltiplas competências também visa a formação para o exercício e inserção do indivíduo no mercado de trabalho. A educação básica tem em seus objetivos tal premissa, mas não deve ser subordinada somente a ela. Pois suas intenções estão para além dessa, mas em paralelo a educação básica a sociedade também deve ofertar ações educativas e profissionais.

A oferta para os cursos FIC e/ou livres na legislação educacional brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB poderá ser ofertada para além dos espaços formais de ensino, poderá ser ofertada por espaços de educação não formais conforme vemos no artigo 40 da LDB quando diz: “Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho”. Referente aos incisos II e III somente os espaços oficiais de educação formais como escolas e universidades podem ofertar.

2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II – de educação profissional técnica de nível médio; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008). (BRASIL, 1996) grifos meus.

Estes cursos que não são Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação Profissional Tecnológica, de graduação e de pós-graduação, mas cursos de formação

continuada em instituições não formais de educação tem duração variável, conforme o currículo criado pela instituição, destinado ao interessado conhecimentos que possibilitem e oportunizem uma relação com a cognição, a técnica, instrução e ao mundo do trabalho. Profissionalizando-se e requalificando-se a nível básico.

Muitos são os que não terminam a educação básica, mesmo estando na constituição brasileira a obrigatoriedade, dos quatros anos até os dezessete anos, por motivos variados, no Brasil, ainda existem um número elevado em relação a evasão. O trabalho é parte das ações humanas dos jovens e adultos em sociedade atual a buscar uma profissionalização, ou mesmo uma aptidão e ou ofício levando os jovens e adultos a buscarem pelos cursos FIC e cursos livres oferecidos por instituições não formais de ensino. Damos ênfase que as buscas por esses cursos não partem somente dos que tiveram a escolaridade interrompida, mesmo que de acordo com as legislações educacionais eles sejam um caminho para a inserção e reinserção no mercado de trabalho. Eles são abertos para todos. E Jovens e adultos com educação básica concluída ou não procuram pelos cursos livres. Jovens e adultos procuram a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho em Fortaleza – CE.

Os cursos livres, como chamaremos aqui, não tem regulamentação nacional, ou seja, não carecem de serem credenciados, autorizado ou reconhecido, assim sendo, não necessariamente precisam ser regulamentados pelo órgão oficial da educação no Brasil, o MEC e seguir as diretrizes curriculares nacionais que são definidas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE. A instituição própria que elabora e define suas regulamentações, organização e oferta para diferentes áreas de atuação.

Ressalta-se que os cursos especiais de livre oferta que compõem a formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional se caracterizam pela ausência de atos normativos por parte do Poder Público, conforme estabelecido no Art. 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei no. 9.394/1996) (MEC, SD).

Ainda nos cursos FIC ou livres não há uma determinação de carga horária exigida e currículo a ser seguido, cabe também a instituição que oferta à criação e organização destes métodos criando sua própria carga horária relacionadas a teoria e a prática dos cursos. Como podemos ver no portal de esclarecimento do MEC:

Tais cursos não possuem carga horária preestabelecida e podem apresentar características diversificadas em termos de preparação para o exercício profissional de algumas ocupações básicas do mundo do trabalho ou relacionadas ao exercício pessoal de atividades geradoras de trabalho e renda (MEC, SD).

Podem emitir certificados com validade, porém, não confere títulos, por serem de nível básico e não técnico, tecnólogo ou superior conforme o decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004, a LDB e a resolução CNE/CEB nº 06/2012, que dispõem sobre a educação profissionalizante.

4.4.2 Os cursos, projetos, ações e funcionamento da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho

As principais áreas de atuação da EAOTPS com capacitação educacional e o preparo para o mercado de trabalho estão na conservação e restauração, artesanaria e gravura. Estas áreas fazem parte de um contexto de trabalho com técnicas centenárias a atuais, com expressões da cultura humana que vem se ressignificando dia a após dia com as novas tecnologias e com o processo criativo singular (que cada pessoa traz consigo mesma).

A restauração e a conservação são técnicas utilizadas para repor em um estado útil, ou mesmo, a chegar-se na originalidade de um bem móvel que sofreu consequências atmosféricas ou interferência humana. Ou seja, uma intervenção sobre a obra/objeto para resgatar sua integridade física e salvaguardá-los. A intervenção é dada a partir de um diagnóstico para identificar o grau de intromissão sobre a obra/objeto, avaliação da composição, pesquisa sobre natureza do objeto, apuração das causas que levaram ao desgaste ou deterioração. Aliando ao conjunto de técnicas profissionais a restauração vem recuperar, consertar um bem.

A conservação é a prevenção de um desgaste a curto prazo visando um cuidado de ações para que a obra/objeto possa ter maior duração em bom estado. Com a intervenção visando um condicionamento correto, manutenção rotineira, a obra/objeto pode manter sua integridade a longo prazo.

As técnicas do restauro e conservação são várias de acordo com a intervenção que se queira realizar. Com técnicas moderadas ou radicais, o restauro vem se modernizando às múltiplas e novas tecnologias, necessárias para a manutenção de um bem. Moderadas ou radicais por que há correntes teóricas que fundamentam as escolhas de uma intervenção. Na história da restauração grandes nomes são influentes em tais questões, como por exemplo, os restauros estilísticos de Viollet-Le-Duc, arquiteto, historiador da arte, desenhista e escritor, faz a intervenção restauradora buscando a pureza e originalidade do estilo, ou seja, busca a reconstituição ideal do projeto original, nem que para tal ação tenha que derrubar e construir de novo (LUSO, LOURENÇO E ALMEIDA, 2004).

De outro lado oposto a Viollet-Le-Duc temos Jonh Ruskin, escritor, artista, representante da restauração romântica que argumenta a intervenção mínima ou mesmo a intocabilidade da obra. O mesmo diz: “Podemos viver sem a arquitetura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história”.

Assim o trabalho de restauro e conservação tomam ações profissionais que ao longo dos séculos vem ajudando a contínua propagação do patrimônio cultural às gerações futuras. Pois, reconhece-se que o patrimônio cultural fortalece a identidade, o respeito em relação a outros países e cultura, envolve as comunidades para um desenvolvimento humano e criativo, reafirma a valorização da diversidade e sua continuidade a gerações futuras (DINIZ, 2012).

Com a reinauguração da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho o curso na área da restauração e conservação foi o Curso de Conservação e Restauração do Patrimônio Arquitetônico, com 1000 h/aula, que permitiu duas certificações: agente patrimonial (200h/a) e artífice auxiliar de restauração (800h/a). Com módulos voltados para a teoria do patrimônio cultural, educação patrimonial, segurança do trabalho, restauro e conservação em pinturas parietais, alvenaria e carpintaria e marcenaria.

Após as aulas teóricas citadas a cima os alunos desenvolveram a parte prática restaurando bens patrimoniais arquitetônicos de sua própria cidade tais como a própria Escola Thomaz Pompeu Sobrinho, Museu da Indústria, Museu das Secas, antigo prédio do DNOCS e o Sobrado José Lourenço. A seguir ver imagens desse processo:

Figura 9 - Fotografias superiores são da restauração da pintura da EAOTPS e as imagens inferiores da restauração do Sobrado José Lourenço.



Fonte: Acervo EAOTPS

O curso acima foi o único nesta extensão de carga horária e tamanho. Devida a condições financeiras, pois a escola depende da verba pública, questões políticas, e condições de acomodação do espaço não houve segunda edição. Mas houve uma readaptação e readequação segundo as condições da escola. Surgindo assim os cursos de Conservação em Acervos Museológicos e o Aperfeiçoamento em Contexto de Trabalho. A seguir vemos um pouco dessas readequações e possibilidades de trabalho da escola:

“Foi construindo todas essas propostas e realizando, na medida do possível, em que as condições se apresentavam, por exemplo, o curso de restauro é um curso mais pesado. A gente fez a primeira turma que na verdade se tornou o único (curso referido). Tinha que ter condições, outras políticas, o local... na verdade as coisas se realizam na medida em que um contexto vai se apresentando, como também pedindo” (MARINHO, 2019).

O Curso de Conservação de Acervos Museológicos oferecia a qualificação e profissionalização para jovens e adultos. Destes, dispunham de bases teóricas e práticas para o fortalecimento não só profissional, mas também econômico, social, histórico e humano. Nilde Ferreira³⁵, que compôs a segunda coordenação geral da escola, após a saída de Juliana Marinho, diz que o curso aumenta a criatividade e “impulsiona ao desenvolvimento local de modo

³⁵ Comunicóloga, especialista em Gestão Pública e Gestão e Políticas Culturais.

sustentável, ampliando a qualidade de vida dos indivíduos e da coletividade. De modo que, sem uma boa base cultural não há como se desenvolver o capital humano e nem o capital social” (FERREIRA, 2012). Desta forma a escola investe no desenvolvimento do potencial humano e profissional para que este reflita no seu crescimento sociocultural, assim, o discente possa atuar como erradicador do seu desfavorecimento, se houver, econômico, já que ao concluir este Curso de Conservação de Acervos Museológicos o educando está apto para atuação, o que o favorece em sua introdução no mercado de trabalho e lhe dá assim condições de fortalecer suas relações econômicas e sociais.

O Curso de Conservação de Acervos Museológicos com média de quatrocentas e vinte horas/aula, continha em seu currículo o estudo de temáticas ligadas ao tema conservação e restauração em museus. Na busca de desenvolver este currículo, a teoria e a prática continham módulos como: Higiene e Segurança do Trabalho, Patrimônio Cultural, Introdução ao Estudo dos Museus, História da Arte, e pelo menos dois campos da área de restauração, dentre outros.

A escola buscou parcerias com as instituições museológicas e culturais da cidade atuando na conservação do acervo destas. Com módulos específicos na área de conservação, o estudo e entendimento dos seguintes temas: Princípios básicos da conservação; Conservação – Pinturas em telas e esculturas; Conservação - Conservação de Acervos Documentais; Conservação - Conservação de Tecidos; Conservação - Conservação de Acervos arqueológicos. A cada parceria com as instituições museológicas e culturais da cidade era visto a necessidade da área de conservação e assim feito nos módulos ofertados nos cursos.

O curso Aperfeiçoamento em Contexto de Trabalho também compunha disciplinas teóricas. Contudo o foco estava no desenvolvimento do trabalho. Os discentes vão a uma instituição museológica ou cultural e devem pôr em prática as técnicas que aprenderam e realizar a conservação dos acervos destas instituições que o recebem, na condição de estagiários. Uma observação relevante é que os discentes destes cursos recebem um auxílio financeiro (R\$), material didático, fardamento, vale-transporte e lanche.

Na ocasião do estágio os discentes do curso trabalham na higienização, catalogação e manuseio direto dos acervos museológicos, e também podem desenvolver atividades de ações educativas, junto a instituição museológica em que estagia. Desta forma, além de seu desenvolvimento profissional, podemos perceber o desenvolvimento de uma função social como multiplicador de conhecimentos sobre a educação patrimonial e sua importância como elemento contribuinte de uma consciência cidadã crítica. Como pode se perceber a seguir:

Acreditamos que o direito a memória e ao patrimônio, se constitui como um princípio fundamental para o exercício da cidadania. Não podemos pensar na

democratização de políticas patrimoniais sem levarmos em consideração que a memória é diversa e plural. Deste modo, devemos contemplar a multiplicidade de experiências sociais, sem distinção de gênero, classe, credo ou etnia, garantido uma ampla participação popular nos processos de seleção do que deve ser lembrado e esquecido, do quê e como deve ser preservado. (VIEIRA NETO, 2010, S/P)

No contexto em destaque podemos perceber como se apresentam a sociedade, como um agente histórico com uma atuação social cidadã em destaque para a diversidade cultural e patrimonial. Sob orientação e supervisão de profissionais habilitados, a escola busca incentivar o educando a desenvolver ações que contribuam para o conhecimento e desenvolvimento próprio e da instituição na qual estagiam, através disto contribuir também para a preservação do patrimônio cultural do Estado do Ceará. Podemos ver a seguir mais informações sobre o curso:

O curso estimula a formação de uma percepção global sobre o acervo material e imaterial de equipamentos culturais. Alunos exercitam modos de arquivar e catalogar acervos impressos, como identificar e distinguir procedências e o valor patrimonial de áudios, vídeos, textos e imagens impressos, ativando sua interação histórica com todos os sistemas de informação (ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMAZ POMPEU SOBRINHO, 2010, S/P).

A seguir vemos um pouco de um relatório de estágio de um discente que realizou o seu trabalho no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na conservação da pinacoteca de Antônio Bandeira, no ano de 2010. Com o mesmo pode-se perceber a relevância do trabalho para a preservação da história e memória da arte cearense, além de provocar a sensibilidade e crítica a arte:

O trabalho foi feito sobre a supervisão de Fernando Xavier. A reorganização das obras de Antônio Bandeira foi fascinante pelo fato de termos entrado em contato direto com os estudos do Artista e ficamos sabendo o que antecedeu a pintura de algumas telas. Fiquei a imaginar o que o artista pensava e sentia em cada instante que desenhava, pois, intrigado o fato dele ter desenhado muitas figuras antropomórficas com chifres e mulheres bebendo. Tive a oportunidade de conhecer obras que não se encontra em exposições e nem na internet (ACERVO DOCUMENTAL EAOTPS, 2010).

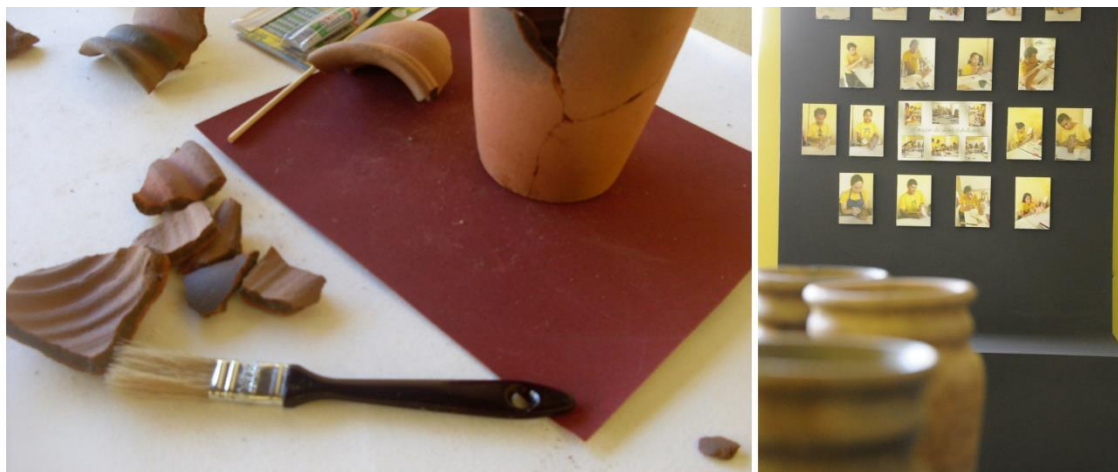
Os cursos de Conservação em Acervos Museológicos e o Aperfeiçoamento Contexto de Trabalho tiveram o formato até o ano de 2015. O formato desses cursos passa por modificações e reestruturação. Os cursos que antes em sua oferta traziam em seus módulos pelo menos três áreas diferentes de restauro e conservação, como por exemplo, conservação e restauração em papel, ou tela, ou cerâmica. Os cursos passam a oferecer técnicas em uma área,

a cada curso. A gestora Marley Uchoa³⁶, fala que essa mudança foi feita a partir da preocupação em um discente aprender uma técnica a cada vez e com maior tempo e maiores recursos para esta unidade. Surgem vários cursos por ano, mas cada um em uma área diferente, como podemos ver na fala de Marley Uchoa:

“Quando eu cheguei aqui o curso era restauração e conservação de acervos museológico era um só, então o que a gente visualizava? Ele passava vinte horas restaurando tela, vinte horas escultura, vinte horas encadernação e no final ele estaria apito a desenvolver qual técnica? Não, ele precisaria de um aperfeiçoamento. Então o que que a gente visualiza hoje? A gente oferece de uma forma mais dividida, a gente ampliou, e temos conseguido fazer, no ano passado conseguimos fazer três técnicas. Quando a gente não consegue, selecionamos uma técnica por exemplo” (UCHOA, 2019).

Com curso de conservação e restauração em alvenaria, em gesso, madeira e marcenaria, papel e encadernação, tela, vidro, cerâmica, pintura parietal e tantos outros a EAOTPS oferta cursos anualmente a comunidade cearense para a salvaguarda de bens móveis. A seguir podemos apreciar algumas imagens dos trabalhos e resultados desses cursos:

Figura 10 - Conservação e restauração em cerâmica. Da direita para a esquerda: restauro de um pote de cerâmica. Finalização do módulo com uma exposição com o trabalho final dos restauros das cerâmicas dos alunos.



Fonte: Acervo pessoal.

Além da área de conservação e restauração a EAOTPS oferta cursos em gravura e artesanaria. O artesanato brasileiro é tão múltiplo e diversos quanto o próprio povo brasileiro. A pluralidade dos materiais, técnicas, temáticas, e usos do mesmo, é um espelho das condições e realidades de quem o faz, de onde o faz e para quem o faz. Alguns artesãos se destacam e se

³⁶ Formada em Pedagogia, atuou na educação básica, em instituições culturais do Estado e atualmente é gestora geral da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho.

tornam conhecidos e reconhecidos por suas artes. Outros os fazem como fonte de renda. O artesanato tem sido um instrumento relevante para o fortalecimento de identidades regionais.

No nordeste brasileiro, da região urbana ao sertão, o artesanato é comum de encontrar. Mestres da tradição inovam no designer, no uso e nas técnicas. Seja no bordado, no couro, na madeira, o artesanato com as técnicas tradicionais e a criatividade singular de quem o faz, o transforma em um produto único. Há quem não aprecie, mas há quem ver beleza e utilidade nos artesanatos. Da arte popular, criação e tradição à tecnologia o artesanato vem possuindo seu valor para quem o reconhece como arte. E mesmo a modernidade e a infinidade de produtos fabricados industrialmente o artesanato vem persistindo laboriosamente ao tempo. Alegre (1994) se refere ao artesanato como uma arte popular e sobre esse processo de passado e modernidade ela diz:

De fato, é bastante comum pensar-se artes populares como resíduos de um passado cristalizado, antes mítico que histórico, expressões de um universo imóvel destinado a desaparecer, diante das inexoráveis mudanças sociais contemporâneas, numa aproximação entre o popular e o primitivo muito frequente nas sociedades hierarquizadas em classes, sobretudo em tempos massivos de multimídia. E, no entanto, elas não se extinguem. Novas forma de criação e antigos segredos do ofício se confundem e se misturam, reelaborando a cada momento a expressão artística, numa tensão permanente entre continuidade e mudança que é a própria natureza dinâmica das culturas (ALEGRE, 1994, p.22, grifos meus).

Diante dessa resistência e vitalidade do artesanato a transmissão dos saberes desses ofícios, quer sejam passados entre família, gerações, e ou formações em ações/instituições educativas partem também de certas necessidades pessoais, quer sejam manter a tradição, quer seja tornar uma fonte de renda, o que é muito comum na atualidade, o artesanato como fonte de produção. Le Goff aponta a memória como uma das construções coletivas da continuidade e aponta o conhecimento científico ou o técnico como um dos fatores para a permanência, aqui a memória técnica dos artesanatos atravessou gerações. Sobre a técnica e a renda que a mesma pode gerar. Alegre (1994) fala que para o artista/artesão, “cuja a origem é de classe inequívoca, a arte é antes de tudo um fazer, em que o processo inovador da criação aparece embutido no trabalho, na produção” (1994. P.31).

Para consumo próprio ou para a comercialização jovens e adultos procuram a EAOTPS para realizar os cursos ofertados nas áreas da artesanaria. A escola oferta cursos nas tipologias do couro, bordado, cerâmica e marcenaria. A coordenadora pedagógica Francineide Chaves³⁷ diz que os cursos:

³⁷ Coordenadora pedagógica desde 2006 até a atualidade.

“Tem como proposta capacitar para a produção de objetos artesanais (adornos, utilitários, vestuário etc.); incentivar o empreendedorismo cultural e o associativismo para fomentar atividades de produção do artesanato; possibilitar o desenvolvimento de habilidades manuais; qualificar artesãos para tratar aspectos de comercialização de produtos” (CHAVES, 2019).

As técnicas do bordado são elaboradas sobre o tecido, e as ferramentas são linhas, bastidores e agulhas. Para o bordado existem vários pontos (pontos cheios, vagonite, cariel, etc.) dando forma a desenhos e criatividade. Há também o bordado à máquina que com o ritmo do pedal o artesão também vai dando formas a obra.

Na cerâmica o artesão (oleiro, ceramista, barrista, louceiros) utilizam do barro para confecções de peças de maneira manual ou com uma rodeira surgindo daí variados objetos para uso doméstico ou decoração.

Do couro como a sola, camurça, pelica e tantos outros advindos dessa matéria passam pelo desenho, corte, costura à mão ou à máquina, pintura ou colagem. O artesão o transforma em objetos criativos para uso e também decoração. Vemos bolsas, calçados, cintos, carteiras e até estofados. O Ceará historicamente vem usando o couro muito nos sertões e temos até um grande representante da arte no couro como o Expedito Seleiro³⁸, mestre de cultura³⁹ do Ceará que uniu o artesanato ao designer e já passou até por passarelas em eventos de moda no Brasil.

O artesanato na madeira é feito com diversos instrumentos, entre eles goiva, formão, máquinas pregos, martelos e etc. Da madeira um mobiliário, um instrumento cotidiano, um objeto decorativo que podem ser fabricados com o serviço de marcenaria/carpintaria.

Do artesanato a constituição de um ofício, de acordo com a coordenadora pedagógica Francineide Chaves (2019) o curso mais procurado nessas tipologias é o bordado. Desde recriação da EAOTPS a escola oferta cursos nessas tipologias. Em 2006 os cursos que iniciaram a oferta foram: Artífice em Couro – Marcas da Cultura e o Artífice do Brinquedo Tradicional - Brincar de Criança. Este último utilizava a madeira e outros elementos para compor um produto através da ludicidade, criando brinquedos. Desde então, anualmente a escola oferta cursos nestas modalidades. A seguir podemos ver imagens dos cursos realizados:

³⁸ Artesão em couro, residente da cidade de Nova Olinda – Ceará, Expedito Seleiro herdou de seu pai e avô as técnicas e paixão por transformar o couro em sandálias, bolsas e outros objetos. Criou sua marca e traços em seus feitos.

³⁹ Mestre de Cultura é um título dado pelo Governo do Estado de Ceará em reconhecimentos as pessoas, grupos e comunidades que mantem os saberes e fazeres tradicionais cearenses. Reconhecido como Tesouros Vivos os portadores de ancestralidade são reconhecidos pelo seu trabalho de divulgação da cultura cearense.

Figura 11- Da esquerda para a direita: Artífice do Brinquedo Tradicional - Brincar de Criança (2006). Obra/produtos dos cursos de cerâmica e madeira, sucessivamente, do ano de 2015.



Fonte: Acervo EAOTPS

E a terceira área de atuação é a gravura, com a gravura encavo, xilogravura, serigrafia e a litografia, esta última desde 2017. A escola vem ofertando momentos formativos para o desenvolvimento das técnicas aliadas a criatividade e ao trabalho. Dentro das linguagens visuais e consideradas técnicas lineares, as diferentes formas de gravuras podem expressar sentimentos, pesquisa e reflexão.

Consideradas técnicas milenares a gravura vem representando a natureza e o homem em telas, papéis, madeira e superfícies. A comum de ver no nordeste brasileiro é a xilogravura. Dentro das tradições de sua técnica e o uso de goivas, canivetes, tinta, há possibilidades de a partir de uma matriz à reprodução dela. Muito utilizada juntos as literaturas de cordéis, podemos ver também estampando camisas e em galerias de arte. Da sua técnica e produção vejamos explicações adiante:

Na xilogravura, realizam-se entalhes diretos na matriz de madeira com ferramentas como a goiva e o formão, deixando-se a imagem a ser impressa em relevo. Destacada do fundo, a imagem recebe a tinta de impressão, que será transferida para uma folha de papel, por meio de pressão feita pela mão diretamente sobre o papel posado na placa entintada de madeira ou com o auxílio de uma espátula ou colher de madeira (BIBLIOTECA NACIONAL, 2016, p.11).

Sobre a matriz de pedra a litografia também expressa em forma de desenho o que o artista quer trazer à tona. “Na litografia as pedras utilizadas são placas retangulares de diferentes dimensões, [...] o processo de gravação acontece por reação química, o lápis gorduroso grava as imagens na pedra” (JOSÉ, 2016, p.12).

E a serigrafia “constitui-se de uma tela esticada em um bastidor ou chassi de madeira. Esta tela originalmente foi de seda, posteriormente passaram a utilizar organdi, poliéster, nylon e outros sintéticos” (JOSÉ, 2016, p.13). Na serigrafia a estampa é expressa e pode ser vista em roupas e acessórios, e etc. Todas as tipologias acima se caracterizam por suas técnicas e ações do universo da gravura que trazem encantamento artístico e sensibilidade.

Em depoimento para o catálogo da EAOTPS, o discente de gravura Faso, naquele momento, relata que “pensar gravura é pensar em uma história narrada pelo tempo, sendo que a arte de gravar pertence aos fenômenos mais antigos da humanidade” e “[...] e relatam a tentativa humana de se expressar usando o atrito da matéria” (REVISTA ESTOJO, 2010). Nesta fala podemos perceber a realização dos cursos atendendo a história, a arte e a expressão. Nos cursos de gravuras oferecidos pela EAOTPS os alunos têm à disposição um ateliê para estudo e produção. O ateliê é equipado e também aberto para interessados em geral utilizarem as máquinas. Discentes matriculados e ex-discente utilizam do espaço para compor suas obras.

Os cursos de gravura também têm uma atenção em seu programa curricular a unidade entre o saber/fazer, a criatividade e o empreendedorismo. A escola visa trabalhar as artes se preocupando em como será a realização desse ofício após os términos dos cursos. A gestora atual Marley Uchoa (2019) fala que entender o mercado cearense é importante para que os alunos dentro de processos criativos possam se destacar e conseguir se inserir no mercado gerando renda a ele mesmo. Mesmo que o discente queira somente aprender a técnica haverá módulos que o permita tornar essa técnica em um ofício e módulos que o ajudem a empreender.

“O que que a gente visualizava? Que o aluno terminava o curso de xilogravura, de gravura em metal, ele era o que um gravurista? Ele ia trabalhar com o que? Vender a sua obra em galerias? Ou em sites? Então, esse mercado da venda de gravura não é um mercado muito aquecido, pelo menos em Fortaleza. Então a gente ampliou e agregou a serigrafia, o produto do curso, ele tem os itinerários. Ele (discente) pode muito bem dizer: “quero trabalhar com xilo, não quero trabalhar como estampador”. [...] Ele (discente) vai até o fim na serigrafia e sai entendendo todas essas nuances que oportuniza a desenvolver-se no mercado de trabalho” (UCHOA, 2019).

Tanto no artesanato e gravura, Francineide Chaves (2019) diz que “a Escola amplia suas ações com a realização de cursos com foco na capacitação para a produção de artefatos, utilizando técnicas tradicionais e tipologias da nossa terra, com linguagens gráficas exclusivas” e que a realização desses cursos compactuam para a preservação e memória destas técnicas tradicionais e artísticas, “enriquecendo o artesanato tradicional do Brasil, visando desde o início de suas ações, a capacitação de pessoas com o foco no empreendedorismo” e “possibilitando um retorno financeiro imediato e o contato permanente com designers,

artesãos e artistas de grande expressão no nosso Estado” (CHAVES, 2019). A seguir vejamos imagens dessas ações e cursos:

Figura 12 - Fotografia de ações nos cursos de gravura da EAOTPS.



Fonte: Acervo EAOTPS

A EAOTPS também oferece a população o serviço de biblioteca. A Biblioteca Thomaz Pompeu Sobrinho é de acesso gratuito e atende tanto aos alunos quanto a comunidade. Para o acesso é necessário a realização de um cadastro com a entrega de um comprovante de endereço e documento.

O acervo da biblioteca possui mais de três mil obras que compõem os assuntos que permeia o universo da escola, tais como, restauração, conservação, artes e artesanaria, patrimônio cultural, cultura, empreendedorismo, designer. Há também um acervo de literatura brasileira. A biblioteca contém mesas de estudo e o espaço é climatizado.

Figura 13 – Fotografia da Biblioteca Thomaz Pompeu Sobrinho.



Fonte: Acervo EAOTPS.

Para o público infanto-juvenil a biblioteca disponibiliza livros de literatura infanto-juvenil e fantástica, jogos educativos, uma pequena gibiteca, e material de colorir (lápis de cor, canetinhas coloridas, giz de cera). O funcionário da biblioteca precisa ter formação em biblioteconomia e ser registrado no Conselho Regional de Biblioteconomia.

Na biblioteca também se encontra a Ilha Digital, um espaço composto para acesso a computadores e internet. O uso deste espaço também é gratuito e mediante cadastro (o cadastro da biblioteca serve para os dois). Com um estagiário técnico de TI para o auxílio e uso que pode ser de até uma hora, se não houver demanda (fila de espera). Ambos os espaços são abertos de segunda a sexta de 8h:00min as 17h:00min.

Figura 14 - fotografia interna da Biblioteca Thomaz Pompeu Sobrinho e Ilha digital.



Fonte: Acervo EAOTPS.

4.4.3 Instrumento de uma gestão democrática: Conhecendo o Projeto Pedagógico Institucional da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho possui um Projeto Pedagógico Institucional – PPI, um documento interno elaborado pela gestão e demais participantes da escola, que estabelece as políticas de ações administrativas, pedagógicas e educacionais, identificando o papel social da escola, o currículo e a avaliação, as diretrizes e ações, que norteiam para o gerenciamento de seus propósitos e objetivos a serem desenvolvidos.

O Projeto Pedagógico Institucional da EAOTPS é constituído por tópicos onde encontram-se 9 pontos para a organização da escola. Estes são a caracterização histórico

pedagógico institucional, os objetivos, prioridades e estratégias metodológicas, organização curricular, concepções e formas de avaliação, cronograma, calendário e horários, critério de acesso dos estudantes, expedição de certificados e diplomas, apoio técnico e pessoal docente e anexos.

O projeto pedagógico funciona como uma proposta pedagógica utilizada pelas instituições de ensino para organizar os planos e objetivos, traçar metas e estratégias, assim como executá-las e avaliá-las. Ele não tem caráter permanente, ou irredutível, pois as ações da escola e ou instituição estão em constantes mudança e, principalmente, em constante avaliação para ver como os resultados estão sendo alcançados e, a partir de então, criar novas metas e/ou continuar com as anteriores. O PPI pode ter metas a curto, médio e longo prazo. Ele não é inflexível.

A criação e instituição do mesmo se encontra nas políticas educacionais do Brasil, precisamente na Lei 9.394/96, as Diretrizes e Bases da Educação - LDB. Esta legislação define, regulamenta e estrutura a organização da educação formal brasileira, seguindo os pressupostos da Constituição da República Federativa Brasileira de 1988. Na constituição de 1988, principal documento legislativo do Brasil, traz a necessidade da gestão democrática nas escolas.

Para que uma gestão democrática ocorra é necessário a descentralização dos poderes dentro da instituição, assim como um olhar e percepção sobre o seu histórico, função social, objetivos, e também um conhecimento sobre a realidade que a cerca, para assim elaborar coletivamente suas ações que possam trabalhar em sua determinada realidade.

Dando autonomia para cada escola desenvolver seu próprio projeto pedagógico os princípios dessa autonomia estão no desígnio de que cada escola é única e possui sua própria identidade. O projeto pedagógico logo consegue ter sua identidade distinguindo as relações de dentro da escola para com a comunidade, formando a comunidade escolar. Esse diagnóstico é feito quando a escola reconhece a situação sócio econômica e educacional da comunidade, da população atendida pela escola, identifica a caracterização da escola como seu histórico (fundação, denominação, vínculos com egressos, participação na comunidade). A situação física da escola (a edificação, os espaços e a adequação para aulas e atividades pedagógicas, biblioteca, o estado de conservação, o conforto ambiental) tudo para a organização de todo o espaço. Identifica também seus recursos humanos e materiais, esclarece as funções e finalidade da instituição, sua imersão na comunidade, seus valores e princípios, suas políticas e concepções pedagógicas, assim como seu currículo. Toda essa caracterização busca a formação de sua identidade permitindo que a escola detecte seus próprios problemas e suas possibilidades de trabalho e desempenho.

Toda a educação formal brasileira desde a educação infantil até a pós-graduação se organiza a partindo de um projeto pedagógico. Segundo Libâneo, “o projeto é um documento que propõe uma direção política e pedagógica para o trabalho escolar, formula metas, prevê as ações, institui procedimentos e instrumentos de ação” (2010, p. 345). É um projeto por que identifica propostas e ações para serem realizadas. É pedagógico por que define e organiza as atividades a serem executadas pautadas no desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos indivíduos. Vemos mais na fala adiante:

É *pedagógico* porque formula objetivos sociais e políticos e meios formativos para dar uma direção ao processo educativo, indicando por que e como se ensina e, sobretudo, orientando o trabalho educativo para as finalidades sociais e políticas almejadas pelo grupo de educadores. O projeto expressa, pois, uma *atitude pedagógica*, que consiste em dar um sentido, um rumo, às práticas educativas, onde quer que sejam realizadas, e firmar as condições organizativas e metodológicas para a viabilização da atividade educativa (LIBANEO, 2010, p.237).

Os espaços de educação não formal não necessariamente precisam seguir as normas da LDB para existência e execução de seus projetos, mas algumas instituições educativas a utilizam para também nortear suas ações. A própria legislação fala da existência e importância dos espaços educativos não escolares quando diz que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). Reconhecendo outros campos de educação para além dos muros escolares.

Logo o Projeto Pedagógico Institucional é um documento diagnóstico, que visa identificação e planejamentos das ações a serem feitas para as resoluções de suas ações e cursos e discerne suas diferenças e identidade. Assim a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho adota também para seu espaço este documento possibilitando que suas ações sejam claras, definidas e executadas.

O processo político-pedagógico do ensino e aprendizagem da educação não formal é também destinado as práticas cidadãs, a produção de saberes, aprendizagens para se desempenharem no mundo do trabalho pela aprendizagem e desenvolvimentos de habilidades, é aprender de múltiplas formas e metodologias diferentes conforme o objetivo central do lugar (GOHN, 2010). Como cada espaço de educação não formal atuam para e em áreas diferentes, são diversas as formas e metodologias a construir. Ainda segundo Gohn (2010) umas das características quanto a organização de um projeto pedagógico para esses espaços são:

A aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazer uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao redor é fundamental na educação não formal; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos, geradas pela participação em associações, movimento, fóruns, conselhos e câmaras de gestão, de forma que estes cidadãos possam entender e fazer uma leitura do que está ao seu redor, quem é quem, que projetos e quais interesses cada um defende, quais são os interesses da maioria que deveriam ser defendidos, quais são as práticas cidadãs e emancipatórias; a aprendizagem pela cultura, de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazer leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao redor; gerada pelo acesso a recursos culturais como museus, bibliotecas, shows, palestras, etc. (GOHN, 2010, p. 36).

No PPI da EAOTPS se inicia na caracterização histórico pedagógico institucional buscando fazer um levantamento da educação profissional no Brasil para apresentar a proposta dos cursos oferecidos pela escola atualmente. Esse levantamento bibliográfico e histórico do qual o PPI apresenta teóricos e pesquisas que apontam o surgimento e desenvolvimento da educação profissionalizante no Brasil.

A educação profissionalizante no Brasil hoje uma modalidade de ensino, não surge para substituir a educação básica, mas sim para também agregar conhecimento e uma profissionalização específica. Com isso vemos no art. 39 da LDB e na Lei nº 11.741 de 2008 que “a educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (BRASIL, 1996).

A EAOTPS em seu PPI aponta a própria nomenclatura “Artes e ofícios” no contexto histórico fazendo uma recolha sobre a história da criação da escola, citando também o movimento internacional *Art and Craft* como um movimento que influenciou alguns países europeus e as possíveis influências para sua construção. Trabalhando em sua composição histórica as preliminares de sua constituição, que, com o Paulo Linhares (à época secretário de cultura na década de 90) e sua proposta de parceria com a Espanha (país influenciado pelo movimento e que possui escolas de artes e ofícios) trouxeram as ideias iniciais a sua formação.

Podemos perceber na leitura do PPI um pouco da história da criação da instituição. A seguir vemos o relato do Paulo Linhares sobre essa parceria, mas antes gostaríamos de ressaltar que houve a articulação com o país europeu, mas como já vimos anteriormente, a parceria não logrou avanço e continuidade, mas ideias ficaram, e houve a criação:

“A Escola nasceu de uma articulação do Governo do Estado, na época com o Governo da Espanha, que incentiva a criação de escolas de artes e ofícios.

Quando a gente começou essa relação com a Espanha, eles tinham um padrão muito vinculado à questão do restauro, do patrimônio. E a gente discutiu muito para ampliar a atuação e procurar trabalhar para ter uma melhor performance nas áreas de ofícios, onde o Ceará tem uma grande tradição.” (Paulo Linhares, entrevistado por ocasião do aniversário de 13 anos da EAOTPS) (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p. 6).

Essa inventariação dos processos histórico da escola, juntamente com um levantamento bibliográfico do seu campo de atuação pode trazer para a própria instituição maiores clarezas de suas ações, tanto quando for realizar processos avaliativos das ações, perceber as mudanças que a mesma sofreu ao longo do tempo, quanto deixar claro a todos os envolvidos os princípios da mesma, pois os indivíduos que compõem a escola e a gestão nem sempre possuem contratos permanentes, o próprio documento, com possíveis troca de gestão, pode esclarecer para quem chega a situação e historicidade do espaço. Neste conteúdo para a busca de uma identidade e reflexão para as ações futuras através do PPI, Veiga (2007) nos aponta mais quando diz:

A principal possibilidade de construção do Projeto Político-Pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva. (VEIGA, 2007, p14)

O projeto pedagógico da escola também faz uma relação das “As artes e ofícios e seus itinerários de formação” onde aponta e define os seus objetos de planejamentos e cursos voltados para: 1. Conservação e o restauro; 2. Artesania; 3. Gravura. Faz apontamento para as possibilidades não só no ensino e aprendizagem, como também no desenvolvimento cultural, social e financeiro, “pois os cursos geram produtos e serviços, que podem estar coordenados com programas de formação de cooperativas, micro-empresas e primeiro emprego” (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p. 6).

Ainda nos itinerários em formação a escola destaca seus valores pautados na ética. A escola traz para suas ações éticas e valores que associados a educação sugerem ao indivíduo novas práticas sociais. Mas por que trazer a ética e os valores para dentro da instituição? O indivíduo após o seu nascimento e quando inserido em sociedade aprende diante de tudo que o cerca, seus hábitos e atitudes, sua língua, sua cultura. Como já vimos estamos em constante processo educativo. A cada lugar existem também suas leis e normas de convivência coletiva. Algumas destas mudam de lugar para lugar, região ou até de continente. A ética surge não só do conceito, mas que aliado a prática social do indivíduo, numas práxis, para que o indivíduo se sinta em sociedade, bem, enquanto comunidade.

A ética vem sendo discutida desde a antiga Grécia com Sócrates e a ética quase sempre vem aliada a moral, que está dentro do campo das intenções, decisões e ações do indivíduo aliada a um conjunto de regras. Tadeus e Cunha (2009) falam que “a Ética teria surgido com Sócrates, quando o filósofo investiga e explica as normas morais que o leva a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência” (TADEUS; CUNHA, 2009, p. 143).

Ainda relativo à conduta humana a ética, segundo Vasquez “é um comportamento pautado por normas, em que consiste o bom - visado pelo comportamento moral, do qual faz parte o procedimento do indivíduo concreto ou o de todos” (1992, p.2). A ética e a educação, a ética e a escola são ações/lugares que potencializam e sensibilizam ao comportamento e esclarecem os princípios éticos da instituição que podem levar a uma boa atuação e convivência não só dentro dela, mas em/na sociedade. E os valores no campo da ética definem uma conduta moral para o bem, ou boas ações.

Desta forma vemos no PPI que os conceitos éticos ressaltam os seguintes valores: “Ética, na busca da autonomia moral; Estética, no resgate de vivências e experiências ligadas à arte e à beleza; Produtiva, na criação de riquezas morais e materiais” (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p. 7). Sobre a estética e os resgates de vivências e experiências a EAOTPS traz os conceitos teóricos aliados a prática. E produtiva, pois todos os alunos tem a oportunidade de após a conceituação e teoria criar seus produtos. A ideia é que os discentes não saiam de lá como chegaram e sim que carreguem consigo aprendizados e experiências que possam obter resultados, sejam em suas práticas sociais, sejam em suas atividades produtivas voltadas para o trabalho.

Assim sendo a EAOTPS define suas premissas em aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a empreender. Essas quatro premissas fazem parte das concepções pedagógicas e educacionais voltadas para a formação do indivíduo em desenvolver o seu processo de conhecimento desenvolvendo suas múltiplas competências, aliadas as técnicas aprendidas na realização dos cursos, atuando em equipe e solidariedade, e sendo capaz de gerar criatividade sobre seu produto para que se quiser, possa empreender.

Aprender a aprender – “A ideia se vincula a capacitar pessoas não mais como ação onde alguém ensina e outro passivamente aprende” (2019, p.8); “nas quais as pessoas aprendem a aprender exercitando mecanismos que integram o saber, o saber ser e o saber fazer; onde adquirir competências é conhecer, sentir e agir na perspectiva da integração desses três fatores” (Idem); “de forma que as pessoas assumam a função de sujeitos do seu processo de formação” (Ibidem). Observamos nessas frases que trazem os fundamentos do Aprender a Aprender a

atenção da instituição em sua didática metodológica no desenvolvimento e aplicabilidade dos cursos no processo de construção de conhecimento do discente não de maneira passiva, sim autônoma e ativa.

Aprender a aprender é muito utilizado na abordagem construtivista, que busca asseverar que o sujeito tem papel fundamental na produção do saber e que, o conhecimento estaria direcionado para a percepção e ação do indivíduo e na sua eficiência e aptidão e, se adaptar em sociedade, nos diferentes ambientes, Piaget (1983), Vygotsky (1988) e Coll (1994). Aprender a aprender é também saber fazer uma reflexão crítica sobre suas práticas e ou teoria/prática. Aprender a aprender seria uma abordagem pedagógica, como vemos na fala de Coll:

Numa perspectiva construtivista, a finalidade última da intervenção pedagógica é contribuir para que o aluno desenvolva a capacidade de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e circunstâncias, que o aluno “aprenda a aprender” (COLL, 1994, p. 136).

Vemos também nessa premissa que aponta para o descontentamento do processo de didática tradicional e ou reprodutor onde o professor é detentor de todo o conhecimento e o aluno um mero receptor, incapaz de transformar o seu conhecimento e aprendizado e somente o reproduzir. Paulo Freire chama esse processo de educação bancária em seus escritos. Mas que, quando o aluno desperta para compreender que ele também é responsável pelo seu processo de aprendizagem, se reconhece como sujeito crítico e ativo do processo todo o conhecimento será de mais valia, pois o mesmo está apto a transformar e não reproduzir. Ainda Paulo Freire (2003) diz que nessa ação de aprender a aprender envolve o sujeito um conhecedor de si, onde (re) conhece (a si) em sua prática social. Vejamos mais sobre essa ação:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implicar reconhecer (FREIRE, 2003, p. 47).

“Aprender a fazer” no PPI está associado ao discente desenvolver habilidades técnicas relativa aos cursos de suas escolhas, dispondo de todo material necessário, além de toda formação teórica e prática aliada as tecnologias necessárias. E que o mesmo possa obter uma postura proativa na execução de suas tarefas. Tal postura associa-se a premissa anterior e também espera que o discente possa obter novas ideias e novas soluções. Tal premissa é tarefa

fundamental dos cursos, que os discentes possam finalizar suas atividades conhecedores das técnicas das artes e ofícios escolhidos.

A terceira premissa é “Aprender a Conviver” que “fundamenta-se na capacidade de atuar em equipe, de ser parte de um grupo demonstrando habilidades inter-relacionais como: saber ouvir, saber respeitar as diferenças, saber comunicar-se” (PROJETO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL, 2019, p.8). Tal proposição estabelece a importância das relações interpessoais, trabalhando no discente a relevância da boa convivência, da troca e partilha de saberes, assim como o respeito ao próximo. A convivência humana precisa ser aprendida via processos e ações que apontem para uma boa relação de cordialidade e respeito, o diálogo e para a aprendizagem cooperativa, formando para o bom trabalho em equipe, evitando o individualismo competitivo.

A educação não formal tem estas características em construir seus valores e princípios voltados para o exercício da cidadania e a coletividade, além de dispor em suas propostas não somente o objetivo do conhecimento em si, ademais como projeto sociopolítico, cultural e pedagógico, seja em um museu, uma ONG, ou como podemos ver no estudo deste PPI uma escola de cursos voltados para os saberes e fazeres tradicionais e para a conservação e restauração de bens. Gohn (2010) diz que uma série de processos podem decorrer tais como “- a consciência e organização de como agir em grupos coletivos. – A construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre o mundo. – Forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas o capacita para o mercado de trabalho)” (2010, p.21).

A última premissa é “Aprender a Empreender”. A escola é uma escola de artes e ofícios, como já vimos em um capítulo antes o ofício se relaciona ao trabalho, e conseqüentemente ao mercado de trabalho. Dentro desta perspectiva vemos no PPI tal explicação deste último aprender quando diz: “Utiliza-se do recurso básico - conhecimento - para inovar, criar, fazer, aplicando o conhecimento na confecção de produtos ou gerando serviços (PROJETO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL, 2019, p.8). Há preocupação em que o discente caso queira possa empreender e ou gerar um serviço.

Dos significados da palavra empreender está a capacidade de criar, coordenar, realizar projetos e trabalhos, desenvolver novos negócios. Os cursos são oferecidos e realizados para adquirir saberes e é de extrema importância o resultado, mas como são oferecidos cursos que também podem ser utilizados como ofícios há uma preocupação em desenvolver conhecimentos sobre o empreendedorismo de seus serviços e aprendizados. Que estão também atrelados a criatividade para a produção.

O PPI dispõe sobre a estrutura física da escola apresentando seus espaços e suas utilidades. E sobre os objetivos de seu programa de formação, que estão dispostos em cursos de formação inicial e continuada e cursos de qualificação profissional de nível básico. Sobre os objetivos dos cursos são:

- Fortalecer linguagens artísticas.
- Desenvolver habilidades artísticas específicas.
- Proporcionar metodologias de educação patrimonial e itinerários de formação nas áreas de conservação e restauração.
- Formar pessoal qualificado para realizar atividades de prestação de serviço e/ou desenvolvimento de produtos.
- Despertar o aluno para uma atividade socioeconômica.
- Desenvolver competências para o empreendedorismo.
- Incentivar o empreendedorismo cultural e o associativismo para fomentar atividades de produção do artesanato.
- Possibilitar a participação em feiras de artesanato, bienais e salões, concursos, dentre outros.
- Formar pessoal qualificado para tratar aspectos da gravura, a partir das técnicas: da xilogravura, da gravura encavo, da litografia e da serigrafia.
- Fortalecer a produção artística de artistas.
- Identificar e reconhecer talentos (PROJETO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL, 2019, p. 9).

Tais objetivos são cruciais para que possamos entender os resultados esperados de todas as propostas pedagógicas e educacionais desenvolvidas pela realização das atividades formadoras, sejam nos cursos de formação individual e continuada, sejam nos cursos de qualificação profissional básica, nos quais cumprem uma proposta pré-definida.

Os cursos dentre a restauração e conservação de acervos e bens culturais materiais que perpassam também pelas manifestações dos bens imateriais, e os cursos sejam na gravura, xilogravura, bordado, designer em couro, cerâmica, dentre outros, as palestras, oficinas e seminários oferecidos para o desenvolvimento do aprendizado do universo das artes e do artesanato, visam fortalecer a linguagem artística e desenvolver habilidades provinda delas, formar para a qualificação em ofícios e proporcionar uma instrução para o trabalho. Ainda por estes objetivos percebemos que a escola também propicia os espaços para essa atuação profissional. Identifica e reconhece talentos, não esquecendo da educação patrimonial fortalecendo também o entendimento sobre a sua cultura, cidade, estado e suas práticas sociais advindas desta educação.

Definir os conceitos e vocações e seus objetivos é deixar mais clara as propostas da escola com a sua atuação podendo assim, depois de definir seus propósitos e intenções

desenvolver metodologias para o seu alcance. Nenhum projeto é bem desenvolvido sem explicitar seus objetivos.

Na educação ocorrem finalidades, e identificar os ideais proporcionam buscar métodos e técnicas para o seu alcance deixando todo processo de construção de saberes mais concretos e organizados. E quando relacionado a cultura os saberes despertados podem ser maiores do que o almejado, podem também se relacionar ao ser/estar em sociedade. Gohn nos explica melhor isso quando nos diz que “todos os projetos que objetivam resgatar/trabalhar em campos da cultura local acabam tendo algum tipo de impacto no entorno, sendo o maior deles o de caráter educativo – formam um saber desenvolvem a consciência de pertencimento da comunidade local (GOHN, 2010, p. 84).

Desta maneira o tópico que segue os objetivos propostos são – Prioridade e estratégias metodológicas – aqui definido as concepções de suas abordagens metodológicas como um conjunto de procedimentos para alcançar a educação profissional atentando-se a formação integral dos alunos dentro das particularidades de cada discente. Adotando procedimentos didáticos pedagógicos pra auxiliar na construção de conhecimentos e saberes dos alunos dos quais estão em proporcionar uma reflexão e problematização das diferentes fontes de conhecimento (teórica e prática), ter a pesquisa como um princípio educativo, trazer a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade para as práticas educativas, contextualizar os saberes históricos e tradicionais com a tecnologia atualidade, elaboração de materiais impressos, até a operacionalização sistemática do curso na escola e nas instituições parceiras.

O PPI também aponta para a definição de aulas expositivas dialogadas e interativas, para não haver uma relação autoritária entre docente e discente, partindo do diálogo para a construção de saberes e novos saberes. Assim como a elaboração de planejamentos, registros e análises das aulas ocorridas. Tais procedimentos didáticos visam favorecer situações ativo-participativas do docente com o discente e a “à construção e reconstrução coletiva de conhecimentos, ao desenvolvimento de níveis de competências mais complexas como a capacidade de síntese, de análise, de avaliar e resolver problemas, bem como ao desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.10).

Definido objetivos e métodos didáticos, o PPI da instituição apresenta seu currículo. O currículo escolar é o norteador do processo educacional e abrange desde a definição dos conteúdos e disciplinas a organização e sequências das atividades, bem como os meios e métodos e a avaliação. Cada instituição educacional tem a liberdade em criar seu currículo, ele

não é estático ao tempo e é ressignificado conforme os interesses e mudanças da instituição. Veiga (2002) nos explicita mais sobre o que é o currículo quando diz:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (VEIGA, 2002, p.7).

O currículo também se desenvolve de acordo com a relação da escola com seu espaço social e comunidade, ou seja, com a sua cultura local. Se define de acordo com seu projeto pedagógico e suas propostas educacionais oferecidas. Currículo e cultura estão em comum acordo para definir seus princípios norteadores para as ações da escola e dos docentes como vemos adiante:

De certa forma, então, um currículo guarda estreita correspondência com a cultura na qual ele se organizou, de modo que ao analisarmos um determinado currículo, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura, como, também, de que maneira aquela cultura prioriza alguns conteúdos em detrimento de outros, isso é, podemos inferir quais foram os critérios de escolha que guiaram os professores, administradores, curriculistas, etc. que montaram aquele currículo. Esse é o motivo pelo qual o currículo se situa no cruzamento entre a escola e a cultura. (Veiga, 2002, p. 44)

A organização curricular da EAOTPS define diretrizes de área por área, ou seja, na área da conservação e restauro, artesanaria e gravura. Na área da conservação do restauro a formação do indivíduo para a compreensão do patrimônio cultural, compreender a história e a formação arquitetônica de sua cidade, da história da arte e também de sua preparação para o mercado de trabalho. Na artesanaria o desenvolvimento de habilidades manuais no campo, conhecimento da história da arte, do artesanato e da legislação que assegura o profissional da área, e o incentivo a consciência ambiental. Já na área da gravura o currículo predispõe para além do desenvolvimento e capacitação das habilidades de desenho à produção de xilogravura e/ou linoleogravura e/ou zincogravura e/litografia, estamperia e impressões, também as formas de empreender e de possuir uma consciência ambiental.

Com essa organização curricular a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho – EAOTPS busca promover condições para a socialização e participação do estudante em uma sociedade em mudança; desenvolver no estudante a criatividade, o gosto pela investigação e pela descoberta, o espírito crítico, a capacidade de escolha, a expressão individual e coletiva e o exercício pleno de sua cidadania; proporcionar condições para a construção do

conhecimento, utilização de métodos de investigação e de instrumentos de reflexão e produção; oportunizar a execução de projetos individuais e coletivos a fim de favorecer o desenvolvimento social de cada jovem (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.10).

Definidos as concepções do currículo, a EAOTPS o organiza para ser um instrumento da cidadania democrática que atendam a aprendizagem nos respectivos cursos e na capacitação humana em três ações: “a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração dos jovens nas relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva” (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.10).

O PPI da escola também discorre sobre as concepções e formas de avaliação dentro da instituição. A avaliação dentro do sistema educacional surge para verificar a aprendizagem e conhecimento, ver o nível da aquisição dos conteúdos ensinados em uma aula. A própria palavra avaliação define isso, seja para comparar e apurar dados qualitativos ou quantitativos. Nas escolas e salas de aula ela é utilizada para perceber o nível do discente.

Libâneo (2012) diz que avaliar faz parte de um projeto educativo, mas que é diferente de medir, pois a medição aponta para a necessidade da nota, ou a aferição de um aprendizado pretendido e limitado. Essa medição nas avaliações tem historicamente condicionando os alunos a estudarem para tirar uma nota e não aprender. Avaliação está muito além da medição. Avaliar reflete concepções educativas que perpassam a identificação e correção dos erros para a aquisição dos conhecimentos em estado contínuo visando uma integração e motivação no discente para apontar seu momento e o saber, avaliando-se para a mudança.

A EAOTPS também compartilha deste modelo e concepção de avaliação tendo como princípio básico o processo formativo do discente e a indicação das ações que circundam a avaliação no trabalho docente com a avaliação formativa. Recomendando elementos de continuidade e cumulatividade, prevalecendo a qualificação das ações dos alunos dentro dos cursos livres, e a obrigatoriedade de um momento para a recuperação, caso necessário. Podemos perceber mais sobre o processo da avaliação formativa utilizada pela escola:

A avaliação formativa introduz uma ruptura, uma vez que desloca a regulação das aprendizagens de modo a individualizá-las para cada ESTUDANTE. Esta avaliação pressupõe um diagnóstico, instrumentos apropriados, observação *in loco*, intervenções diferenciadas. Especialmente quanto à avaliação, a formação docente favorece que se dê prioridade aos processos individuais e, conseqüentemente, a acompanhá-los com intervenções diferenciadas. Isso demanda uma adesão dos educadores e das instituições a uma visão mais igualitarista da escola e ao princípio da educabilidade (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.13).

Ainda sobre a avaliação formativa e a auto avaliação são instrumentos para que o discente possa (re) conhecer os seus aprendizados para progredir aos propósitos dos cursos. O mediador deste momento é o docente, do qual, promoverá a inclusão, e a observação acompanhando seus alunos e seus respectivos desenvolvimentos. Trabalhando para “exercer a regulação do trabalho do ESTUDANTE e prover apoio no contexto da atividade em curso, encaminhar o ESTUDANTE a outro grupo de trabalho e atividades de outro tipo, sempre que for necessário, e monitorar os percursos individuais de formação” (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.13). Vemos mais sobre a ação do docente quando:

Desta maneira tornar-se-á mais efetivo o acompanhamento individual dos processos de trabalho, levando em conta a transversalidade do curso, determinando, assim, o intercâmbio de ideias, de propostas, além de intensa discussão para solução de problemas. Os instrumentos básicos utilizados no processo de avaliação poderão constituir-se de formulação e desenvolvimento de projetos artísticos, criação de estratégias artísticas pedagógicas e técnicas, criação e participação em grupos de trabalho, relatórios ou diários de processos de trabalho, além da observação e do acompanhamento do aluno no que se refere à participação nas aulas e atividades programadas (PROJETO POLÍTICO INSTITUCIONAL, 2019, p.13).

Dispondo sobre o cronograma da escola a mesma se planeja previamente para as ações e cursos ofertados anualmente para compor o calendário escolar a ser desenvolvido no ano letivo, tanto de ações internas como externas. Atualmente o horário de funcionamento é diurno, das 8h às 12h e 13:30h às 17:20h.

O ponto 6 do PPI define os critérios de acesso dos estudantes. Quem são os alunos que realizam os cursos na EAOTPS e como eles chegam até a matrícula para a realização destes é definido para tornar claro os objetivos da escola, não somente quanto as concepções dos cursos, mas também sobre a chegada dos alunos.

Para a publicização dos cursos são criados editais que esclarecem ao público detalhes esclarecedores sobre o curso, como carga horária dos cursos, quantidade de vagas e os pré-requisitos de acesso, local de inscrição, datas e orientações. Esse edital é divulgado em páginas eletrônicas tanto da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho tais como no *Instagram*, *Facebook*, *site* da escola, *E-mail*, quanto do Instituto Dragão do Mar. Além de jornais de veículo da cidade. A inscrição e matrícula atualmente é feita na própria escola.

A EAOTPS esclarece em seus editais os documentos necessários para a inscrição a partir do perfil que ela pré-dispõe para a chegada dos discentes. Para requisitos das inscrições precisa: Formulário Padrão de Inscrição (disponibilizado no ato da inscrição); Cópia legível, frente e verso, de um documento de Identificação (carteira de Identidade, Carteira de Trabalho

ou Carteira de Habilitação); Cópia legível de comprovante de residência atualizado (conta de energia (ENEL) ou água (CAGECE)); Comprovante de escolaridade (certificado, histórico escolar, declaração da escola, outros); Cópia do CPF; Comprovante de renda mensal; Número do NIS (no caso de estar cadastrado em algum projeto social).

Todos os cursos da EAOTPS são emitidos certificados e/ou diplomas. Após a finalização dos cursos todos os egressos recebem suas certificações comprobatórias. Garantindo assim ao discente a constatação de realização de um curso pela Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho com a realização e parceria do Instituto Dragão do Mar, Secretária de Cultura do Estado do Ceará e do Governo do Estado do Ceará.

A EAOTPS possui um acervo documental para a registro e escrituração para a organização e guarda da documentação escolar dos discentes, professores e funcionários e registros de ocorrências. Tais como fichas de matrículas, diários de classe e atas de registro. Ao final de cada curso, todos os docentes devem fazer o registro de suas aulas e resultados finais. Este acervo de documentos é realizado para assegurar o desenvolvimento das ações da escola, assim como, manter aberto à sociedade os registros das mesmas.

A equipe de profissionais que compõem o quadro pedagógico da escola é de profissionais habilitados nas áreas em que compõem suas funções. A escola também possui equipe técnica-administrativa que dá assistência ao trabalho pedagógico, social e administrativo. Atualmente a escola possui coordenação pedagógica, coordenação técnico-pedagógica e secretaria escolar. No entanto, para o exercício da coordenação técnico-pedagógica, as vezes é necessário, contratar mais profissionais, para cada projeto, os mesmos sempre cumprindo o requisito de ter um currículo profissional na área do projeto/curso ofertado.

Podemos perceber nestas últimas páginas a organização da proposta pedagógica da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho. Nela podemos identificar suas propostas, visões e objetivos, concepções pedagógicas e educacionais, definição do currículo e a socialização delas para um maior esclarecimento de suas ações democratizando o acesso. Para uma instituição educacional é de fundamental importância a existência de um documento deste cunho para a socialização e a clareza de suas ações e propostas. Definindo assim sua existência e mantendo a organização de suas ações com seriedade e comprometimento.

Cabe ressaltar aqui que o Projeto Pedagógico Institucional é constantemente revisto e avaliado para diagnosticar se suas ações e propostas estão sendo cumpridas e para que as avaliações de suas ações estejam em uma constante práxis pedagógica, onde a ação e a reflexão sejam constantes e nunca estanques. Contudo, mais um dos objetivos desta tese é para além de compreender a proposta pedagógica e educacional da escola também ver a extensão de suas

ações nas próprias narrativas dos discentes egressos. A extensão desses resultados, também nas narrativas dos mesmos estão no capítulo a seguir.

5 ENTRE NARRATIVAS E AFETOS: OS EGRESSOS DA EAOTPS

Neste capítulo traremos as narrativas dos egressos da escola juntamente com reflexões e conclusões analíticas de suas falas. Ver-se-á um comparativo entre a proposta da escola e seu alcance nos alunos. O sentido das iniciativas da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho só acontece a medida em que há a existência de alunos nela. O que seria a escola sem os aprendizes? Não há escola sem discentes. Neste capítulo veremos narrativas de egressos sobre os seus processos “de estar” na escola e o que ela influenciou ou não à sua vida. A EAOTPS oferta cursos de formação nas áreas de conservação e restauração, gravura e artesanato e a comunidade que se inscreve para realizar esses cursos utiliza das técnicas aprendidas após o término? Os conceitos teóricos foram significativos? Como estão esses egressos?

Em conversa com um egresso, ele relembra o momento de quando foi aluno iniciando sua fala com a música do compositor Lúcio Barbosa “Tá vendo aquele prédio, moço? Ajudei a levantar”. Mas, o sentido real da música de Lúcio Barbosa intitulada “Cidadão” fala do operário que construiu e não pode usufruir. A fala deste ex-discente é oposta, a frase da música que ele canta é de satisfação, pois o mesmo, ajudou a restaurar o equipamento cultural Sobrado José Lourenço e sente orgulho de tal feito. O referido hoje trabalha na própria escola, com uma memória exemplar, ajudou a lembrar os feitos da escola de 2006 a até os dias atuais. E onde estão outros? Fomos a sua procura e encontramos alguns. Vejamos suas memórias, e a cada narrativa, pensemos que são uma parte colorida de tecido, depois de muitas partes juntas juntos, costuremos e façamos uma grande colcha de histórias e memórias carregada de cores, sentimentos, oportunidades e escolhas. Quer tenham sido impactados ou não pela escola, são falas importantes para entender o alcance que a escola obteve na vida destas pessoas.

Como um percurso (auto) biográfico as experiências dos narradores estabelecem um *feed back* das ações da EAOTPS. Walter Benjamin (1994) diz que as narrativas são como experiências humanas em formas artesanais de comunicação, pois nós seres humanos usamos dela para contar histórias. A ação de narrar é humana, por isso, social.

Narrar é também fazer uma escrita de si, narrar histórias de si mesmo, e tal ato é relevante, pois neste processo Jovchelovitch e Bauer (2012) nos contam que “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (2012, p. 91). Narrar a si mesmo é da sentindo as próprias experiências. Como Benjamin fala que a narrativa

“conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver [...]”, devido a reflexão que acontece nesse ato de falar de si mesmo.

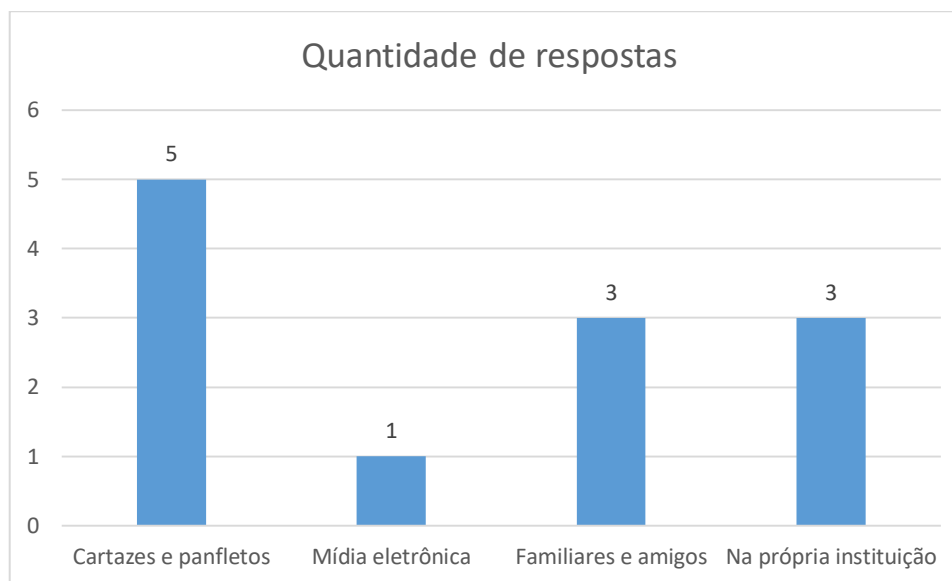
A narrativa de si, segundo Delory-Momberger (2008) não é somente um instrumento de formação, é como o indivíduo toma forma de si e de suas experiências, da história de suas vidas. O uso da narrativa é também formação, pois o indivíduo ao fazer a narrativa de si e de suas vivências compreende melhor sua história.

As narrativas de si dos egressos permearam em perguntas previamente elaboradas e feitas para o direcionamento deste trabalho: 1. Como você conheceu a Escola de Artes Thomaz Pompeu Sobrinho - EAOTPS? 2. Qual o curso que você fez e por que você optou por fazê-lo na EAOTPS? 3. Quais os principais aprendizados que você consegue identificar após o curso realizado na EAOTPS? 4. Você percebe alguma mudança no seu entendimento, olhar e percepção sobre sua cidade e estado após a realização do curso feito na EAOTPS? 5. Você conhecia o significado de Patrimônio Cultural antes de realizar um curso na EAOTPS? 6. Em quais aspectos da sua vida você percebe que o aprendizado sobre patrimônio cultural o influenciou? 7. Na atualidade como você vê o patrimônio cultural? 8. Você chegou a realizar algum trabalho na área do curso desenvolvido na EAOTPS? Se a resposta for afirmativa, qual trabalho e como foi atuar na área? Se a resposta for negativa diga-nos o porquê. 9. Em seu entendimento você considera que a EAOTPS foi relevante para o seu processo de ensino e aprendizagem, conhecimento e apropriação sobre o patrimônio cultural? 10. Quais os momentos mais significativos que remete a sua memória, enquanto discente, do seu contato e vivência na EAOTPS? 11. Caso você queira nos relatar algo sobre sua vivência e história com a EAOTPS sinta-se à vontade para nos contar aqui. Doze pessoas participaram desse momento e concederam suas memórias. Vejamos a narrativa de formação dos egressos adiante.

5.1 Escrita de si: Narrativas das memórias e educandos em formação

Como os educandos souberam da existência da EAOTPS foi a primeira pergunta a ser feita. Como a escola é conhecida e procurada na cidade de Fortaleza e a partir de que divulgação para o conhecimento de sua existência foram chegados a esses educandos? A seguir no gráfico podemos perceber que para maioria destes doze egressos conheceram as ofertas da escola via panfletos e cartazes distribuídos em instituições e paredes da cidade. Os demais por indicação e comunicação dos amigos e familiares, ou indo a própria instituição conhecer seu trabalho, também por mídia eletrônica (jornal).

Gráfico 1: Quantidade de respostas



Fonte: Acervo pessoal.

Depois que conheceram a EAOTPS e sua oferta de cursos, o que os motivaram a escolher um curso e fazer a matrícula, foi uma das intenções no formulário de perguntas em ouvir de suas narrativas. A busca por realizar um curso parte de diversas motivações pessoais, sejam para se profissionalizar, lazer e socialização, formação continuada, aprender algo em um tempo livre e terapia, dentre outros. Nas narrativas do Educando DS (2019) o que o motivou foi a busca pela formação profissional como podemos ver em seus relatos:

“Particpei de alguns e optei por fazê-los pois buscava formação profissional e conseqüentemente uma maior especialização nas áreas de cada um, são eles: 2008 – Curso Ateliê de Gravura – Xilogravura e Gravura em Metal (324 horas/aula). 2009 – Marcas da Cultura, ofícios em couro (256 horas/aula). 2010 – Curso de Conservação de Acervos Museológicos (480 horas/aula). 2010 – Oficina Gravando o Grafite, Grafitando a Gravura (20 horas/aula). 2010 – Curso Elaboração de Projetos Culturais (20 horas/aula). 2010 – Curso de Leitores Entre Mil e Uma Leituras e Textos (20 horas/aula). 2013 – Patrimônio Para Todos – uma aventura através das memórias (24 horas/aula) ” (EDUCANDO DS, 2019).

A motivação profissional atende aos objetivos da escola em também formar para o exercício e desenvolvimento no mercado de trabalho. Tal questão é colocada em módulos voltados para o empreendedorismo existente nos planos de curso. A profissionalização requer a formação continuada para o aprimoramento e atualização. A Educanda CR (2019), que fez o curso Conservação em Acervos Museológicos, buscou a escola para aliar o conhecimento na área da conservação e restauração, do patrimônio cultural ao curso de licenciatura em História, que a mesma já realizava, neste caso, uma formação continuada: *“Já havia o interesse em entrar*

na EAO. *Perdi a prova da primeira turma de acervo e achei que esse curso casaria com o curso de História que estava começando a cursar*” (EDUCANDA CR, 2019).

Das diferentes motivações que os alunos chegam na escola há também a busca por uma oportunidade. Muitos jovens que chegam a escola estão em condições de baixa vulnerabilidade social e buscam a escola um espaço que possa gerar possibilidades para mudança social e financeira. Na fala do Educando JS vemos tal busca: *“a princípio era uma oportunidade depois do término do ensino médio, mas o que chamou a atenção para grande maioria foi a ajuda de custo que na época, era de grande valia para ajudar nas despesas de casa”*. O Educando AV (2019) realizou o curso de Restauração de Edificações Históricas e Artísticas e Agente Patrimonial, após este realizou outros na mesma instituição. Ou como na fala do Educando JL (2019) *“Optei fazer estes cursos porque era uma oportunidade oferecida a alunos de escola pública e eu me identifiquei com as propostas dos cursos”*. O Educando JL fez os cursos de Conservação em Acervos Museológicos, Contexto de Trabalho do mesmo (estágio realizado no Museu do Ceará), Elaboração de Projetos Culturais, Capacitação de facilitadores do Projeto Patrimônio Para Todos.

O Educando RM buscou a escola para aprender sobre restauração e conservação. Vejamos sua fala quando diz: *“optei pelos cursos de conservação, pois tinha um acervo pessoal que coletava desde os 14 anos de idade sobre a história da minha família, depois dos cursos o interesse pela conservação e restauração só aumentou”* (EDUCANDO RM, 2019). E a Educanda DG (2019) também participou por ter interesse na área de atuação da escola: *“optei em fazer esses cursos na Escola, porque é o único equipamento que oferece cursos na área do patrimônio, da cultura”*. Respectivamente o primeiro fez os cursos de o primeiro conservação e encadernação de papéis, organização, conservação e restauração de acervos museológicos, contexto de trabalho, conservação e restauração de bens móveis e Patrimônio Para Todos. E a segunda educanda: Em Retalhos e Bordados, patrimônio ponto a ponto. Acervo Bibliográfico, de Encadernação, Produção Textual, Encadernação de Livros antigos, Aperfeiçoamento em Contexto de Trabalho, Elaboração de Projetos Culturais período de 2011, Leitores entre mil e uma leituras e textos, Fotografia artesanal, Formação dos facilitadores e monitores do Projeto Patrimônio Para Todos, Iniciação ao Estuque (trabalho de alvenaria), Oficina de Toy Art.

Diante dos conceitos e vocações contidos do Projeto Pedagógico Institucional da EAOTPS em *“Proporcionar metodologias de educação patrimonial e itinerários de formação nas áreas de conservação e restauração”* (PROJETO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL, 2019, p. 9), os dois relatos acima afirmam a escola como referência dentro de sua área na cidade de

Fortaleza. E que pessoas que se interessam por tais temas encontram na EAOTPS um espaço de formação para se aprender e se aperfeiçoar na área.

Também buscam a escola aqueles que querem somente conhecer algo novo, realizar uma experiência diferente do seu universo de compreensão como vemos na fala do Educanda JC (2019) que diz: *“para falar a verdade eu nem se quer tinha ideia do que tratava os outros cursos, os termos xilogravura, restauro de bens móveis, etc., jamais seriam esclarecidos se eu não tivesse tido contato com a EAO”*. E o relato do Educando FM (2019) *“A EAOTPS me abriu as portas para o universo da cultura, eu entrei”*. Respectivamente a primeira educanda fez os cursos de encadernação artesanal e restauro. O segundo também fez mais que um como vemos em sua fala: *“Fiz vários cursos na Escola de Arte e Ofícios, dentre eles o “Brincar de Criança” que era um curso sobre brinquedos tradicionais do Ceará”*.

Uma nota a se chamar atenção é sobre a quantidade de cursos que esta pequena mostra de alunos realizaram na escola. A maioria dos educandos já mencionados fizeram no mínimo dois cursos na EAOTPS. Seguindo para cursos da mesma área ou de outra área diferente. A realização de um curso gerou curiosidade e interesse em realizar tantos outros.

O que eles conseguiram obter destas experiências? Diante da realização destes cursos quais os principais aprendizados estes educandos identificam após o curso? A aprendizagem é um processo contínuo do indivíduo. E pode acontecer via diversos fatores. Num processo de assimilação, e modos de ação física e mental, a aprendizagem está diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo. A escola é um lugar de ensino e aprendizagem e as aulas trazem informações relevantes para o aprendizado da área do curso a ser oferecido. Muito mais que informações sobre as áreas dos cursos ofertados, a aprendizagem na escola também perpassa pela troca de saberes entre pares, no próprio “estar” aulas e acontecimentos.

Das doze respostas vistas nas narrativas obtidas dez delas trazem em suas narrativas que seu aprendizado foi em conhecer e preservar o patrimônio cultural, valorizar a cultura, ter um olhar para além das novas tecnologias apresentadas cotidianamente, perceber a cultura popular ao redor. A seguir estas narrativas:

“Passei a ter um melhor entendimento de assuntos como; cultura, patrimônio cultural, identidade, identidade cultural, história, memória, conservação de bens culturais, diversidade, diversidade cultural, pertencimento cultural, etnocentrismo, preconceito(cultural, linguístico, de classe, de gênero...) ...enfim, estes aprendizados desenvolvidos a partir dos cursos que concluí fizera com que minha consciência pessoal e coletiva, se expandisse, no que diz respeito a estes assuntos e a outros, que estão a estes interligados” (EDUCANDO JL, 2019).

“Ser um eterno aprendiz, acho que a cada dia estamos rodeados de tecnologia e isso nos faz muitas vezes não olhar para o lado, não observar o que temos ao nosso redor, e o quão é valioso as várias manifestações do nosso povo” (EDUCANDO JS, 2019).

“1- Consciência de cidadania e zelo pelo patrimônio coletivo. 2- Valorização das diversas atividades culturais. 3- O ofício adquirido através do curso e a geração de renda” (EDUCANDO JC, 2019).

Dos conhecimentos gerados pela escola nos discentes, fora o conhecimento da área específica do curso, são os conhecimentos gerados pela educação patrimonial. O cidadão que se apropria de sua história local tende à consciência histórica e, também cultural, na medida em que a cultura são “ações utilizadas pelo povo para expressar a suas formas específicas de ser e conviver. Em outras palavras, tudo que é criado e recriado, aprendido e partilhado pelos homens socialmente de geração em geração (PROJETO PATRIMÔNIO PARA TODOS, 2009, p.13).

A educação patrimonial acontece para o indivíduo reconhecer os espaços territoriais como documentos vivos, abordados por meios de múltiplas ações humanas, e a partir de então, que o indivíduo possa desfrutar de uma compreensão sócio histórica de suas referências culturais, deste processo anterior, que possa manter uma autoestima em relação a sua cidade, comunidade e cultura. Dialogando ainda com esta ideia Albuquerque (2012) nos diz que:

A Educação Patrimonial apresenta-se como suporte de conhecimento a promover no indivíduo a noção de cidadania, desenvolvendo, assim, de modo coletivo, o sentido de pertencimento e aponderamento, elementos basilares para sensibilização da sociedade e geradores do orgulho e da auto-estima, que fazem elevar o senso de preservação do patrimônio cultural (ALBUQUERQUE, 2012, p. 05).

Os aprendizados dos educandos da EAOTPS estão relacionados a sensibilidade sobre patrimônio cultural do Ceará. Sobre novos olhares sobre sua cidade e cultura. Sobre a importância da conservação e preservação dos mesmos. Esta ação causada nos educandos pela EAOTPS se desenvolve a partir do contato que o aluno tem com o patrimônio cultural, e coletivamente constrói e partilha novos conhecimentos acerca do mesmo e que colaboram para seu (re) conhecimento, valorização e preservação, como vemos na seguinte narrativa de um egresso: *“compreender o significado real do que seja a cultura, o patrimônio, passei a respeitar os diversos conceitos do que venha a ser patrimônio cultural, ou seja, a dança, a música, as crenças, patrimônio natural, material”* (EDUCANDO DG).

Aprender sobre o patrimônio cultural e perceber a diversidade cultural existente é resultado das ações da escola. A partir deste resultado o que muda sobre este plano de aprendizagem sobre sua própria cidade e estado. Houve alguma mudança no entendimento,

olhar e percepção a cidade e estado após a realização do curso feito na EATPS? Veremos adiante em suas falas se houve ou não uma mudança em suas concepções sobre seu espaço social. Nas narrativas identificamos em suas falas acerca disto quando vemos o Educando JL dizer:

“[...] eu aprendi a olhar o passado de forma investigativa, ou seja, tentando entender acontecimentos, paisagens, costumes... atuais, que tiveram suas "raízes" em nosso passado. Passei a ter um olhar diferenciado para as manifestações culturais, em geral; tentando entendê-las de forma prudente e empática. Comecei a ver minha cidade como um reflexo de minha história, da história da minha família, comunidade, bairro, cidade, estado... Entendendo que existem pessoas que podem ser chamadas de "guardiões da memória", que na cidade existem "lugares de memória", que podem ser importantes para várias pessoas, passei a perceber a cidade/estado, como um lugar que fez e que não para de fazer história” (EDUCANDO JL, 2019).

Em outra narrativa: *“Passei a caminhar na cidade de Fortaleza com outro olhar, respeitando a memória do local e do seu povo, dos construtores dessa memória. Compreendi a importância do patrimônio natural e imaterial dentro dos contextos. Passei a perceber que a arte está inserida no patrimônio, na nossa cultura” (EDUCANDA DG, 2019).* Este olhar de cuidado e sensibilidade sobre a história e a memória da cidade, sobre as diversas dimensões culturais traz ao indivíduo o desenvolvimento pessoal e social gerando o sentimento de identidade, pertencimento, sentimento de inclusão.

Identificar suas raízes é inserir sua individualidade na história do seu local, incluir para não ser esquecida pelas histórias dominantes que silenciam as populares. Ocorre a mudança de hábitos, transformação de atitudes educacionais e sociais gerada pelo sentimento de pertencimento e identidade, onde o indivíduo se percebe importante no contexto de manter viva as memórias da sua cidade e sua participação como agente social. Vemos estas transformações de atitudes educacionais e sociais na fala do Educando DS (2019) e da Educanda CR (2019), respectivamente: *“posso dizer de maneira confiável que anteriormente deprecava o patrimônio material da cidade por meio da pichação em edificações. E hoje em dia ressalto que por meio de gravuras eu exalto de maneira poética as edificações históricas de Fortaleza, e etc.”; “[..] O relacionamento com pessoas e lugares se tornou mais humanizado e emotivo”.*

Ter conhecimento do conceito do patrimônio cultural e as ações educativas de oportunidade e acesso aos bens patrimoniais da cidade de Fortaleza, seja por meio de estágios em instituições culturais da cidade, por aprender um ofício advindo dos saberes e fazeres das

tradições como o bordado, a gravura, marcenaria entre outros, podemos perceber nas falas anteriores.

Nas narrativas cedidas há ausência do conhecimento sobre cultura, patrimônio cultural e assuntos afins antes dos alunos chegarem na escola, ou mesmo um conhecimento superficial. Eles não conheciam o significado de Patrimônio Cultural antes de realizar um curso na EAOTPS? Em outros meios de educação e espaços não tiveram acesso a essa aprendizagem?

Podemos constatar pelas falas que não. A grande maioria dos narradores ou não conhecia e não identificava o patrimônio cultural ou tinha este saber de maneira superficial. Infelizmente o tema ainda não é conhecido por toda a sociedade e são poucas as instituições que trabalham com a conceituação em cursos, oficinas e formações. Normalmente partem de instituições culturais e museológicas. E nas instituições oficiais relativa ao patrimônio. Nas escolas o conceito é trabalhado via transdisciplinalidade com as outras disciplinas, mas ainda não é um conceito obrigatório inserido em alguma delas. Como podemos ver nas seguintes falas a ausência ou superficialidade desse conhecimento e conceito:

“Não, o ensino regular não proporcionou nenhuma formação nesse sentido” (EDUCANDO DS, 2019).

“Eu conhecia, mas de forma bem "rasa", ou seja, era um conhecimento bem básico, sem ter um conceito, um conjunto de ideias sobre "patrimônio cultural". Na minha visão anterior aos cursos, eu tinha ideia, após os cursos eu tive um conceito sobre. Eu sabia ensinar para alguém o que é patrimônio cultural” (EDUCANDO JL, 2019).

“Só entendi o real significado de Patrimônio Cultural depois dos cursos da EAOTPS” (EDUCANDO FM, 2019).

“Nunca tinha ouvido falar” (EDUCANDO JC, 2019).

A EAOTPS surge mais uma vez como um equipamento de difusão do patrimônio cultural. Significativo neste trabalho de educação patrimonial que se torna uma ferramenta na construção da cidadania dos jovens que a buscam. A educação patrimonial desenvolvida pela EAOTPS por partir de práticas pedagógicas onde visa despertar no indivíduo práticas ativas para a construção do conhecimento e atuação ativa na sociedade cumpre o trabalho de manifestar através de suas ações o comprometimento com a transformação social. Tal transformação social se desenvolve a partir de ações quando “cidadãos de fato, capazes de ler, interpretar, questionar e intervir no seu meio sociocultural [...]” (CASTRO, 2006, p.2).

A aprendizagem para a transformação social tem sido a bandeira da educação de modo geral. Cada dia mais entende-se a necessidade de a educação ser um dos meios para a mudança e transformação, que a aprendizagem desenvolva a capacidade da criticidade e reflexão. Identificar quais mudanças foram realizadas através destas falas é significativo para que possamos refletir sobre a extensão do conhecimento, o conhecimento que toma ações práticas.

Em quais aspectos da vida cotidiana o aprendizado sobre patrimônio cultural influenciou? O momento em que paramos para pensar sobre nossas atitudes é um momento de reflexão necessária, redimensionar o seu pensar, reformular novas ações a partir da construção de novos conhecimentos. Paulo Freire (2006) fala que o conhecimento através da educação deve ter uma finalidade, a de transformar. Fala ainda que:

É preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com as outras homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue (FREIRE, 2006, p. 45).

Há mudanças de atitudes e ações com o outro e com o mundo nas falas seguintes como podemos ver: *“Aprendi aos poucos sobre humildade, sobre reconhecer que nenhum conhecimento é superior, que eu posso mudar de caminho”* (EDUCANDA CR, 2019). Ou mesmo na fala do Educando JL (2019) quando ele reflete que houve influencias para a mudança em sua vida:

“Em todos, a formação humaniza. E culturalmente percebo que também faço parte desse patrimônio, conheci artistas, trabalhei em edificações históricas como mediador e catalogador de acervos, participei de exposições relevantes, pude ler livros que ajudaram neste entendimento. Enfim, a minha vida passou a ter mais relevância com este aprendizado, e de maneira singela tento repassar o que pude aprender por meio de oficinas de arte hoje em dia” (EDUCANDO JL, 2019).

Outra influência que o conhecimento dos cursos oferecidos pela EAOTPS e a educação patrimonial proporcionou aos alunos foi acerca da profissionalização. Nas narrativas dos educandos percebemos que todos os entrevistados já atuaram na área do curso realizado, que através dos cursos descobriram outras profissões, e outros exercem até a atualidade. Um dos propósitos da EAOTPS por ser uma escola de artes e ofícios é preparar o cursista para o mercado, onde possam empreender sua obra/arte. Mas por onde atuam, ou atuaram profissionalmente estes egressos?

A Educanda LC (2019) trabalhou como educadora do Museu da Cultura Cearense, fez o trabalho de restauração na parte de prospecção no antigo prédio do DNOCS, no prédio Barão de Camocim, esses localizados em Fortaleza – CE. Fez réplica dos azulejos portugueses no antigo prédio da Marinha em Aracati – CE. Foi educadora do Projeto Patrimônio Para Todos, realizado tanto em Fortaleza como no município de Aracati.

O Educando AC (2019) continua em exercício profissional atuando na área com restaurador. Narra que desenvolveu inúmeros trabalhos significativos para a cidade, como “*a Curadoria do Memorial Palácio João Brígido - Paço Municipal de Fortaleza - Gabinete do Prefeito. Desenvolver esse trabalho foi um desafio, pois restauramos as obras expostas e montamos num espaço sede do Gabinete do Prefeito de Fortaleza*”.

Alguns retornam a EAOTPS convidados a ministrarem disciplinas nos cursos como é o caso do Educando JL (2019) que diz que “*atuar como professor, dentro de uma instituição/equipamento cultural, onde eu já fui o educando, me faz ter um sentimento de retribuição social e de satisfação pessoal enorme*”. E três educandos dos doze entrevistados são funcionários públicos atuando em áreas em que tiveram suas inspirações a partir dos cursos realizados na escola. Um fez graduação em Artes Visuais atualmente é professor de artes no município de Fortaleza, além de ser convidado a ministrar aulas na EAOTPS. E dois atuam como restauradores e conservadores nos acervos da Universidade Federal do Ceará como vemos nos relatos adiante: “*Prestei concurso público na Universidade Federal do Ceará e sou a primeira Conservadora/Restauradora do Sistema de Bibliotecas UFC*” (Educando AP, 2019). E “*Hoje eu trabalho com conservação e restauração na Universidade Federal do Ceará e presto algumas consultorias na área*” (Educando RC, 2019). A aluna que um dia chegou na escola pela oportunidade da bolsa para ajudar em seu lar, hoje é reconhecida pelo seu trabalho e convidada a fazer trabalhos de restauro e conservação.

A cada narrativa são memórias lembradas se entrelaçando as vivências presentes. Estar em uma instituição realizando uma atividade formadora não é somente aprender as técnicas e teorias. Durante esta caminhada de saberes aprendidos tem a convivência com os colegas, com os professores, com os funcionários da escola, e o uso do espaço. Quais as principais memórias destes tempos de educandos na escola? O que sua memória remete? “*Foi muito choro e alegria*” uma narradora conta, pois quando se estar presente por inteiro em um espaço também se traz seus sentimentos. A mesma educanda diz que: “*Histórias que guardo em meu coração com muito carinho. Sempre disse que a EAO era minha segunda casa, pois lá eu aprendi a materializar o amor em forma de trabalho. E busco fazer isso até hoje*” (EDUCANDA CR, 2019).

Um momento marcante é feito de significados que nossa memória guarda com carinho e constante lembrança, a memória afetiva. Vigotski diz que “em toda ideia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada [...]” (1993, p. 16). “[...] Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento” (IDEM, p. 16). Pois o próprio pensamento pressupõe interesses, motivações, sentimentos que formulam os pensamentos advindos, são carregados de intenções. A memória afetiva é lembrada rapidamente, o pensamento remete primeiramente a ela.

“Foi em 2008 quando pude participar pela primeira vez de uma exposição artística, este é o mais significativo. Era o encerramento do primeiro curso que pude fazer na EAOTPS (Xilogravura e Gravura em Metal). E desde então são 11 anos de atividade artística com quase 40 participações em exposições, mostras, bienais nacionais e internacionais e destaque em premiações” (EDUCANDO DS, 2019).

“Lembro especial do momento que entrei pela primeira vez na Escola. Me apaixonei e acreditei que aquele lugar ia me ajudar a mudar de vida. Aconteceu” (EDUCANDO FM, 2019).

“Primeiro foi a lembrança da nossa certificação, o fim de um ciclo que foi muito importante nas nossas vidas, crescemos como pessoa e profissional. Logo depois foi o reconhecimento de nossos estudos serem reconhecidos por algumas pessoas de nossa cidade, convidando alguns alunos a trabalhar em alguns espaços museológicos e/ou realizar pequenos trabalhos de restauro” (EDUCANDO JS, 2019).

Carregada de impressões marcantes como vemos nos relatos anteriores a aprendizagem dos educandos desenvolvida na EAOTPS também se dá pelos diferentes modos em que suas relações interpessoais acontecem com os colegas de curso, professores e funcionários, com o conhecimento científico e o conhecimento técnico. Além das experiências prévias. Das memórias afetivas de uma narradora vemos:

“Passei mais de 3 anos participando de alguma atividade na EAOTPS, gostava tanto daquele ambiente, que, às vezes, achava melhor do que a minha própria casa. Além do conhecimento que eu adquiri, ganhei amizades que tenho até hoje, e estas me influenciaram a estudar mais e mais. Sou eternamente grata aos profissionais, que na minha época, no ano de 2006, nos tratavam como fôssemos os próprios familiares deles. Tenho até em meu corpo, gravado para a eternidade, em forma de tatuagem, a referência do ano de 2006 que foi a minha entrada na EAO, que considero como um marco importante da minha vida” (EDUCANDO JS, 2019).

Podemos refletir sobre as narrativas dos egressos sobre seu processo e trajetória com os cursos oferecidos pela EAOTPS, que nos mostram e nos levam a refletir sobre a identificação, difusão e preservação dos bens culturais de Fortaleza e do Ceará. E o trabalho da escola contribuindo para o desenvolvimento cultural, profissional e intelectual dos jovens que participam dos cursos desta instituição.

É ponderoso ressaltar que o desenvolvimento, a troca e a multiplicação dos saberes construídos nos cursos permitem a estes alunos a construção de uma nova visão sobre suas vivências individuais e em comunidade, isto lhes traz a oportunidade de terem uma nova visão de sua condição sociocultural e seu futuro como profissional, dando-lhes uma oportunidade de tornarem protagonistas de suas histórias.

Concluimos que através das narrativas e das ações educativas e propostas pela EAOTPS os egressos que participaram desta pesquisa tiveram um olhar mais apurado sobre seu patrimônio, construindo relações de preservação com o mesmo, com sua cultura e sua história individual e coletiva. Também reafirmamos a EAOTPS como espaço educativo, de importância como campo de produção de saberes, diálogos e reflexões que permitem o indivíduo o exercício da cidadania, o acesso à educação patrimonial e profissional, lazer e a prática social.

CONCLUSÃO

Nos capítulos iniciais observa-se a caracterização do patrimônio cultural e suas nuances e progressos. O patrimônio cultural que ao longo dos anos tem expandido sua contextualização e espaços de atuação vem se mostrando neste século (XXI) à importância da participação e conhecimento de todos. E que cada um como agente social possa se compreender dentro de suas relações socioculturais, buscando através da preservação uma apropriação do seu espaço. Seja ele material, imaterial ou natural o patrimônio cultural é uma construção pessoal e coletiva, e dentro das ressignificações que fazemos sobre nosso meio é importante que haja um conscientização e educação para a geração de uma identidade, cidadania e respeito também as diferentes culturas.

O homem transforma seu espaço social, dentre essas transformações, as vezes há destruição, esta última pode acarretar consequência negativas a memória de um povo, e seu bem-estar social. Vimos em Braga e Silva (2014) que o homem é naturalmente agressor da natureza e naturalmente preservador também, com a educação sobre os aspectos patrimoniais e a valorização que ela (educação patrimonial) pode causar, pode-se chegar a uma instrumentalização e conscientização de ações que possam diminuir os impactos agressivos e regressivos sobre o patrimônio cultural.

Tal como a música do cantor Lenine “Sob o mesmo céu” o povo brasileiro é plural, colorido e diverso, filhos da miscigenação, carregados de traços que a cada região do país percebe-se a diferenças e singularidades. Não havemos de querer um comportamento único, muito menos uma sociedade robótica de traços, falas e expressões. Admirar tamanha riqueza brasileira é ser conhecedora da mesma, se perceber dentro dela, reconhecer que cada um é fazedor de cultura e tem sua importância na sociedade. Esse reconhecimento pode ser feito via múltiplos processos.

No Brasil existem várias políticas públicas que avançam e regridem conforme as influências políticas, econômicas e sócio-culturais. A educação vêm sendo um instrumento para a compreensão, reconhecimento e valorização das múltiplas riquezas patrimoniais que existem no Brasil. A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho é um espaço para este processo educativo, assim como outras escolas e artes e ofícios no Brasil que trabalham com a preservação de saberes e fazeres tradicionais, mas que aliados a modernidade e as demandas sociais em que tais escolas se inserem.

O patrimônio e a educação se aliam em um processo de trabalho sistemático de sensibilização acerca do conhecimento desta área, além de força motriz para que o indivíduo

tome atitudes em relação ao seu conhecimento. A educação patrimonial tem sido uma ação eficaz para que o indivíduo desenvolva o sentimento de pertencimento e identidade, que ele atue na preservação de sua história e memória para a reflexão do passado, entendedor do presente e agente transformador para um futuro, pois consegue fazer uma leitura dinâmica do seu contexto social.

As escolas de artes e ofícios no Brasil passam por transformações ao longo dos anos no Brasil, mas também tem suas intenções e objetivos de acordo com o local onde estão inseridas. Mesmo as escolas de artes e ofícios estarem para a profissionalização de saberes e fazeres, de trabalhos técnicos, manuais e artesanais, também artísticos, o currículo dessas escolas apontam, juntamente, para suas necessidades locais, ou conforme a economia e política instaurada.

Assim sendo percebemos a instauração destas escolas desde o Brasil Colônia sendo trabalhada pelos responsáveis diretos pela educação na época, os jesuítas. Com seu início e necessidade de trabalhadores, tais como marceneiro, ourives, pintores e escultores, dentre outros tantos. Tais ofícios vinham sendo relevantes devido à escassez destes serviços e a aprendizagem passou por espaços educativos.

No Brasil Império ex-alunos se tornam mestres destes saberes e continuaram em suas oficinas-escolas propagando tais saberes. Nas cidades de Salvador -Bahia e Ouro Preto-Minas Gerais, muitos dos alunos artesões/artistas foram os que ajudaram a construir palacetes e igrejas, hoje os que ainda permaneceram em meio ao tempo e as intervenções são consideradas patrimônio cultural do Brasil.

Outras escolas de artes e ofícios no Brasil República seguem com o interesse da profissionalização a jovens e adultos que estão inserido dentre a população com baixa vulnerabilidade econômica, conseqüentemente com déficit escolar, e que não conseguem adentrar no mercado de trabalho. Tais escolas são um reforço governamental de apoio a profissionalização de um saber.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho também trabalha com cursos que venham a ser ofícios, mas também trabalha com o conhecimento e conscientização destes saberes e fazeres aliando a tradição e a modernidade, os processos de produções humanas tradicionais e inclusão do “moderno” e tecnologia como reelaboração de estruturas sociais ou criações de novas. Visando a preservação do patrimônio cultural cearense, posteriormente brasileiro.

Podemos ver no quarto capítulo a história e a memória dos percursos de construção e formação da EAOTPS. Coletivamente construída a escola é um dos equipamentos do Instituto

Dragão do Mar, que por sua vez equipamento da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Escola de formação gratuita localizada no bairro Jacarecanga da cidade de Fortaleza. O próprio bairro é carregado de histórias e memórias da cidade. A escola é carregada de sentimentos e conhecimentos do bairro e da cidade. Antes casa de um morador significativo para a história e memória de Fortaleza, hoje a casa que veio a ser escola carrega em seu nome a homenagem a: Thomaz Pompeu Sobrinho.

O prédio é histórico, tombado, arquitetado com influências ao modelo artístico da *Art Nouveau*, adaptado em sua atualidade para um centro escolar de formação. Quem entra percebe em suas características a não semelhança com outras arquiteturas modernas da cidade. A escola construiu um currículo, organizou suas demandas e objetivos, caracterizou os cursos a serem ofertados e a cada gestão as mudanças são frequentes. A EAOTPS muda, mas tem em sua base (artes e ofícios) a efervescência para outros projetos. Também depende de recursos financeiros públicos e como todos outros equipamentos que necessitam também, vivem em dias de glória e dias de escassez. A EAOTPS também sofre influências política e econômicas nacionais e locais.

A EAOTPS é possuidora de um Projeto Pedagógico Institucional que incita uma clareza de suas ações institucionais, pedagógicas e financeiras. Expõe seus objetivos e metas, esclarece a organização do seu currículo e faz a efetivação de uma gestão democrática. Como metas de curto, médio e longo prazo a escola trabalha suas ações em constante avaliação de seus feitos. Este projeto é de suma valia para compreendermos seu papel pedagógico, tendo em vista que este documento, para além de trazer sua historicidade, identidade, também forma uma comunidade escolar em atuação com a comunidade, bairro, cidade e estado. Pois, o referido documento traz à tona suas ações e propostas, suas estratégias metodológicas, suas concepções e abordagens pedagógicas, além de definir um currículo propondo diretrizes para cada área de atuação da escola (restauração e conservação, gravura e artesanaria) atentando-se a formação integral dos alunos, nos referidos cursos de suas escolhas.

Nos cinco capítulos anteriores a discussão sobre a educação em espaços não formais de ensino mostrou a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho com um espaço de educação que promove a formação profissional e a educação profissional através das artes e ofícios no segmento da conservação e restauração, na artesanaria e na gravura.

Perpassamos por conceitos e teorias educacionais, históricas, antropológicas, psicológicas dentre outros para entender o desenvolvimento, ação e extensão da EAOTPS juntamente ao *feedback* dos egressos. Quando uma sociedade não reconhece sua história e memória, suas características, suas diferentes etnias, seus saberes e fazeres, pode se tornar uma

sociedade sem memória, sem tradições, sujeita fáceis manipulações. Manipulações estas, que podem interferir diretamente no processo de formação do seu povo muitas das vezes oprimindo e excluído. Parte então, da educação patrimonial uma sensibilização, educação, reflexão, de maneira transformadora como nos indica Magalhães (2009) quando diz que:

A educação patrimonial transformadora possui caráter político, visando a formação de pessoas capazes de (re) conhecer sua própria história cultural, deixando de ser espectador, como na proposta tradicional, para tornar-se sujeito, valorizando a busca de novos saberes e conhecimentos (MAGALHÃES, p.52, 2009).

Após a pesquisa campo, bibliográfica, documental, as entrevistas narradas e refletidas percebemos as ações pedagógicas da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho contribuem com a preservação e valorização do patrimônio cultural cearense. O trabalho com os saberes e fazeres tradicionais às técnicas da conservação e do restauro desenvolvem a cultura como um fator de inclusão social e desenvolvimento humano.

Identificamos a formação pessoal qualificada a desenvolvimento de princípios básicos da conservação preventiva; Desenvolvimento de habilidades artísticas específicas; O uso de metodologias diversas de educação patrimonial e itinerários de formação nas áreas de conservação e restauração de bens culturais; A promoção de experiências de trabalho no campo da cultura, por meio de atividades práticas e ações de educação patrimonial; Formação de pessoas qualificadas para realizar atividades de prestação de serviço na área de conservação e restauração; Desenvolvimento técnicas de bordado artístico; Desenvolvimento técnicas de técnicas em diferentes usos da gravura; Desenvolvimento de produtos; Despertamento de aluno-artesão para uma atividade cultural e socioeconômica; Desenvolvimento do empreendedorismo; E espaço de formação e criação de memórias afetivas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. ALVES. **Abrangência e Atualidade de Thomas Pompeu Sobrinho**. Academia Cearense de Letras. Disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1980/ACL_1980_05_Abrangencia_e_Atualidade_de_Thomas_Pompeu_Sobrinho_F_Alves_de_Andrade.pdf. Acesso em: 16/06/2019.

AMARAL, João J.F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, 2007.

ALENCAR, José de. **Iracema**: Lenda do Ceará. Fortaleza: Editora UFC, 2015.

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. **Jacarecanga**: patrimônio e memória da cidade de Fortaleza. Tese de doutorado do programa de Pós-graduação em Educação –Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, 2007.

BARROSO, Gustavo. **Relatório sobre as atividades do Museu Histórico Nacional** - emitido para o Ministro da Educação e Saúde, 1933. In: BRASIL, Museu Histórico Nacional, Setor de Apoio Administrativo. Catálogo Geral, AS/DG.

BESSA, Edson Alencar Collares. **Antropologia como escolha profissional**: um estudo sobre as trajetórias intelectuais de três antropólogos cearenses presentes nas primeiras turmas do curso de ciências sociais da UFC. Monografia - Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, 2012.

BEZERRA, Fátima Maria Alencar Araripe. **Jacarecanga**: patrimônio e memória da cidade de Fortaleza. 2007. 234f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2007.

BRAGA, Emanuel Oliveira. SILVA, Luciano Souza. Em defesa da educação patrimonial e da pesquisa participativa na análise de impactos dos processos de licenciamento ambiental no Brasil: a construção do patrimônio cultural local em situações de encontro e conflito. In: **Educação patrimonial**: diálogos entre escola, museu e cidade/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); organização: TOLENTINO, Átila Bezerra ... [et al.] João Pessoa: Iphan, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. Constituição Federal do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASILIA, Câmara dos Deputados. **Legislação sobre o Patrimônio Cultural**. Edições Câmara, 2010.

BRECHT, Bertold. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Ed 34, 2000.

CABRAL, Magaly. Educação patrimonial x educação museal? In: **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. Org. Átila Bezerra Tolentino. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

COLL, C. S. (1994). **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas.

COLI, Jorge. Materialidade e imaterialidade. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: História e Patrimônio**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n° 11, p. 67-78, 2011.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Contribuições da educação não formal para a construção da cidadania**. Palestra proferida no Instituto Itaú Cultural, 6 dez. 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DELORY-MOMBEGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva, Luis Pessagi. São Paulo: Paulus, 2008.

DINIZ, Wivian. Bens móveis e integrados. In: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**. Ouro Preto/MG, 2009: IPHAN, 2012.

ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMA POMPEU SOBRINHO. **Projeto Patrimônio para Todos: uma aventura através das memórias**. Fortaleza: Expressões Gráfica e Editora, 2011.

ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMA POMPEU SOBRINHO. **Projeto Pedagógico Institucional**. Fortaleza: 2011.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. O ensino de pintura e escultura na Academia Imperial das Belas Artes. In: Pereira, Sonia Gomes (Org.). **185 anos da Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001/2002.

FERRARA, Lucrécia d'Alessio. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. Ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFJR; MinC – Iphan, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia R. R. et al. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: Iphan, 2014.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; RAMASSOTE, Rodrigo; BEZERRA; Juliana. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN/Cogedip/Ceduc, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4 ed. Petropolis-RJ: Vozes, 2003.

GASPAR, Alberto. **Museus e centros de ciências - conceituação e proposta de um referencial teórico**. Tese de Doutorado. São Paulo, 1993.

Gadotti, Moacir (2006). “**A escola na cidade que educa**”. Cadernos Cenpec Educação e Cidade. São Paulo, n 1, p. 133-141, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

GUSFIELD, Joseph R. **Tradition and modernity: Misplaces polarities in the study of social change**. In: American Journal of Sociology, vol. 72, n. 4, 1967, p. 351-362.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

JOSÉ, Simone Tissot Bastos. **Artes Visuais – Gravura**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 15/07/2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução Rubens Eduardo Frias.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Lisboa: Brotéria, 1953.

LOPES, Paulo Rodrigo Soares. **Políticas Culturais no Ceará**: as ações de interiorização da SECULT (2003 - 2006). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2018.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Evelina Grunberg. Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. – Brasília/: Instituto de patrimônio histórico e artístico nacional, museu imperial, 1999.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais; Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do ‘popular’, in: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais** – Stuart Hall. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Unesco, 2003, p. 247-264.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **A arte de ter um ofício**: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia 1872-1972. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 1995.

LIBÂNIO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização - 10. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Cortez, 2012. - (Coleção docência em formação).

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Colecionando relíquias...** um estudo sobre a Inspeção de Monumentos nacionais (1934-1937). 2004. 152 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – PPGHIS, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Educação Patrimonial**: da teoria à prática. Londrina: Ed.UniFil, 2009.

MANACORDA, Mário A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1995.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Maria Helena Barreiro Alves; revisão de Carlos Roberto F. Nogueira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINDLIN, José. Aloísio Magalhães: um "designer" polivalente. In: **ALOÍSIO Magalhães e o desenho industrial no Brasil**. São Paulo: FIESP/CIESP, 1983.

MORAIS, Tiago Gualberto. A quem interessar possa: Trajetos e Trejeitos de São Paulo. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2017. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/defaultsource/publica%C3%A7%C3%B5es/exposi%C3%A7%C3%B5es-empor%C3%A1rias-moraistiago-gualberto-homenagem-sao-paulo-2017.pdf?sfvrsn=2>. Acesso: 15/01/2019.

NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **O OFÍCIO, A OFICINA E A PROFISSÃO: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR SOCIAL DO PROFESSOR**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25,

n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 05/01/2019.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. In: **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, nº 3, 2º sem./1996.

NEVES, R. de A.; DAMIANI, M. F. **Vygotsky e as teorias de aprendizagem**. *UNIrevista*, São Leopoldo – Unisinos, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2006.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10, p. 7-28. São Paulo, dez.-1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Visto em 22/02/2019.

OLIVEIRA, Dayana Silva de. **O museu da cultura cearense e sua contribuição para a educação patrimonial**: apropriações e falas dos alunos sobre o patrimônio e a cultura cearense. 2015. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação Educação Brasileira, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/00002e/00002ef5.pdf>. Acesso em: 05/01/2019.

OLIVEIRA, L. L. **Cultura é Patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PIAGET, j. “Problemas de Psicologia Genética”. In: Jean Piaget. São Paulo: Abril Cultural, pp. 209-294 (coleção Os Pensadores).

RABELLO, Sonia. O tombamento. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. **Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN**. In: _____. (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, J.G. - **Grande sertão**: veredas. 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

SANDER, Roberto. **A perspectiva da educação não- formal e as tendências políticas para o campo da museologia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2006.

SALA, D. **Mário de Andrade e o Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 31, p. 19-26, 31 dez. 1990.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. História, Memória e patrimônio. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: História e Patrimônio**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n° 11, p. 45-66, 2011.

SANTOS, Jailson Alves dos. A trajetória da educação profissional. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. **500 anos de educação no Brasil**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos: Reflexão sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SANTOS, Claudia Medianeira Gomes dos Santos. **A educação feminina: Escola de Artes e Ofícios Santa Teresinha no município de Santa Maria/ RS – Um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, 2004.

SILVA, Francisco Joaquim Bethencourt. **Discurso recitado perante os membros fundadores da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, no dia da sua organização em 23 de novembro de 1856**. In: O Brazil Artístico - Revista da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro (Nova Phase), t. 1, v. 1, mar. 1857.

SIVEIRO, Fernando Pascuotte. Patrimônio cultural e educação: perspectivas cidadãs para a outra esfera pública. In: **Educação patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); organização, Átila Bezerra Tolentino ... [et al.] João Pessoa: Iphan, 2014.**

SOUZA, E. C. de. Modos de narração e discursos da: biografização, experiências e formação. In: PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 85-101. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação).

TADEUS, Patrícia Aparecida; CUNHA, Nilda Abadia Frazão. **Ética na Educação**. Rev. Triang.: Ens. Pesq. v.2. n° 2, p.139-152,jul./dez. 2009

TAUNAY, Afonso de E. **A missão artística de 1816**. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

TOLENTINO, Átila Bezerra. O que é patrimônio cultural para você?. In: **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. Org. Átila Bezerra Tolentino. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

ULLMANN, Reinhold A. **Antropologia: o homem e a cultura**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

VASCONCELOS, Leonardo Costa de. **Um Centro para uma cidade (Pós-)Moderna: a requalificação do Centro Histórico de Fortaleza / Leonardo Costa de Vasconcelos Vasconcelos. – 2008. 171 f.. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2008.**

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Civilização Brasileira, 1992.

VIEIRA NETO, João Paulo. **Educação patrimonial e Formulações de ações educativas em museus**. In: ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS THOMAZ POMPEU SOBRINHO, Fortaleza: 2010.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WELLER, W. **Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa**: a análise de narrativas segundo Fritze Schütze. Anais, Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2009.

WOLECK, A. **O trabalho, a ocupação e o emprego**: Uma perspectiva histórica. Revista de divulgação Técnico-Científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação. 2002. Disponível em: <http://www.ea.ufrgs.br/graduação/disciplinas/adm01156/CONCEITOSDETRABALHOEMPREGO.pdf>. Acesso em 05/05/2019.

APÊNDICE**APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS****Entrevista com ex discentes da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho**

Car@ entrevistad@, seguem algumas perguntas relacionadas às suas vivências na Escola de Artes e Ofícios Thomaz Sobrinho. Suas narrativas (escrita de si) são importantes para que nós possamos fazer uma reflexão sobre o alcance das propostas pedagógicas e educacionais da escola para com os alunos egressos. As respostas não têm limites de linhas, sinta-se à vontade para respondê-las. Agradecemos desde já sua participação!

1. Identificação: Nome, idade, grau de escolaridade, ocupação atual.

2. 1. Como você conheceu a Escola de Artes Thomaz Pompeu Sobrinho - EAOTPS?

3. 2. Qual o curso que você fez e por que você optou por fazê-lo na EAOTPS?

4. 3. Quais os principais aprendizados que você consegue identificar após o curso realizado na EAOTPS?

5. 4. Você percebe alguma mudança no seu entendimento, olhar e percepção sobre sua cidade e estado após a realização do curso feito na EATPS?

6. 5. Você conhecia o significado de Patrimônio Cultural antes de realizar um curso na EAOTPS?

7. 6. Em quais aspectos da sua vida você percebe que o aprendizado sobre patrimônio cultural o influenciou?

8. 7. Na atualidade como você vê o patrimônio cultural?

9. 8. Você chegou a realizar algum trabalho na área do curso desenvolvido na EAOTPS? Se a resposta for afirmativa, qual trabalho e como foi atuar na área? Se a resposta for negativa diga-nos o porquê.

10. 9. Em seu entendimento você considera que a EAOTPS foi relevante para o seu processo de ensino e aprendizagem, conhecimento e apropriação sobre o patrimônio cultural? Se sim ou não, justifique sua resposta.

11. 10. Quais os momentos mais significativos que remete a sua memória, enquanto discente, do seu contato e vivência na EAOTPS?

12. 11. Caso você queira nos relatar algo sobre sua vivência e história com a EAOTPS sinta-se à vontade para nos contar aqui.

ANEXOS
ANEXO A – PLANTAS DA REFORMA DA CASA DE TPS PARA A EAOTPS – PRANCHA

PLANTA GERAL SUPERIOR

PLANTA GERAL TERREO

RECOMENDACOES DE PROJETO - PLANTAS SUPERIOR

1. A planta superior deve ser desenhada de modo a garantir o melhor aproveitamento do espaço disponível, considerando a necessidade de flexibilidade para futuras alterações e ampliações.

2. O layout deve priorizar a funcionalidade e a eficiência dos espaços, evitando áreas ociosas e promovendo a integração entre os ambientes.

3. Deve-se considerar a acessibilidade universal em todos os pontos da planta, garantindo o livre acesso e circulação para todas as pessoas.

4. A iluminação natural deve ser maximizada através da utilização adequada de janelas e claraboias, reduzindo a necessidade de iluminação artificial.

5. A ventilação natural deve ser favorecida através da disposição estratégica de aberturas e a utilização de elementos que permitam a circulação de ar.

6. O uso de materiais e acabamentos deve ser adequado ao ambiente, priorizando a durabilidade, a facilidade de limpeza e a sustentabilidade.

7. A planta deve ser desenhada de modo a facilitar a manutenção e a conservação dos equipamentos e mobiliário.

8. Deve-se considerar a possibilidade de futuras ampliações e reformas, deixando espaços e estruturas que permitam a expansão do projeto.

9. A planta deve ser desenhada de modo a garantir a segurança e a proteção dos dados e informações armazenadas nos equipamentos.

10. A planta deve ser desenhada de modo a garantir a segurança e a proteção das pessoas que utilizam os espaços.

RECOMENDACOES DE PROJETO - PLANTAS TERREO

1. A planta térrea deve ser desenhada de modo a garantir o melhor aproveitamento do espaço disponível, considerando a necessidade de flexibilidade para futuras alterações e ampliações.

2. O layout deve priorizar a funcionalidade e a eficiência dos espaços, evitando áreas ociosas e promovendo a integração entre os ambientes.

3. Deve-se considerar a acessibilidade universal em todos os pontos da planta, garantindo o livre acesso e circulação para todas as pessoas.

4. A iluminação natural deve ser maximizada através da utilização adequada de janelas e claraboias, reduzindo a necessidade de iluminação artificial.

5. A ventilação natural deve ser favorecida através da disposição estratégica de aberturas e a utilização de elementos que permitam a circulação de ar.

6. O uso de materiais e acabamentos deve ser adequado ao ambiente, priorizando a durabilidade, a facilidade de limpeza e a sustentabilidade.

7. A planta deve ser desenhada de modo a facilitar a manutenção e a conservação dos equipamentos e mobiliário.

8. Deve-se considerar a possibilidade de futuras ampliações e reformas, deixando espaços e estruturas que permitam a expansão do projeto.

9. A planta deve ser desenhada de modo a garantir a segurança e a proteção dos dados e informações armazenadas nos equipamentos.

10. A planta deve ser desenhada de modo a garantir a segurança e a proteção das pessoas que utilizam os espaços.

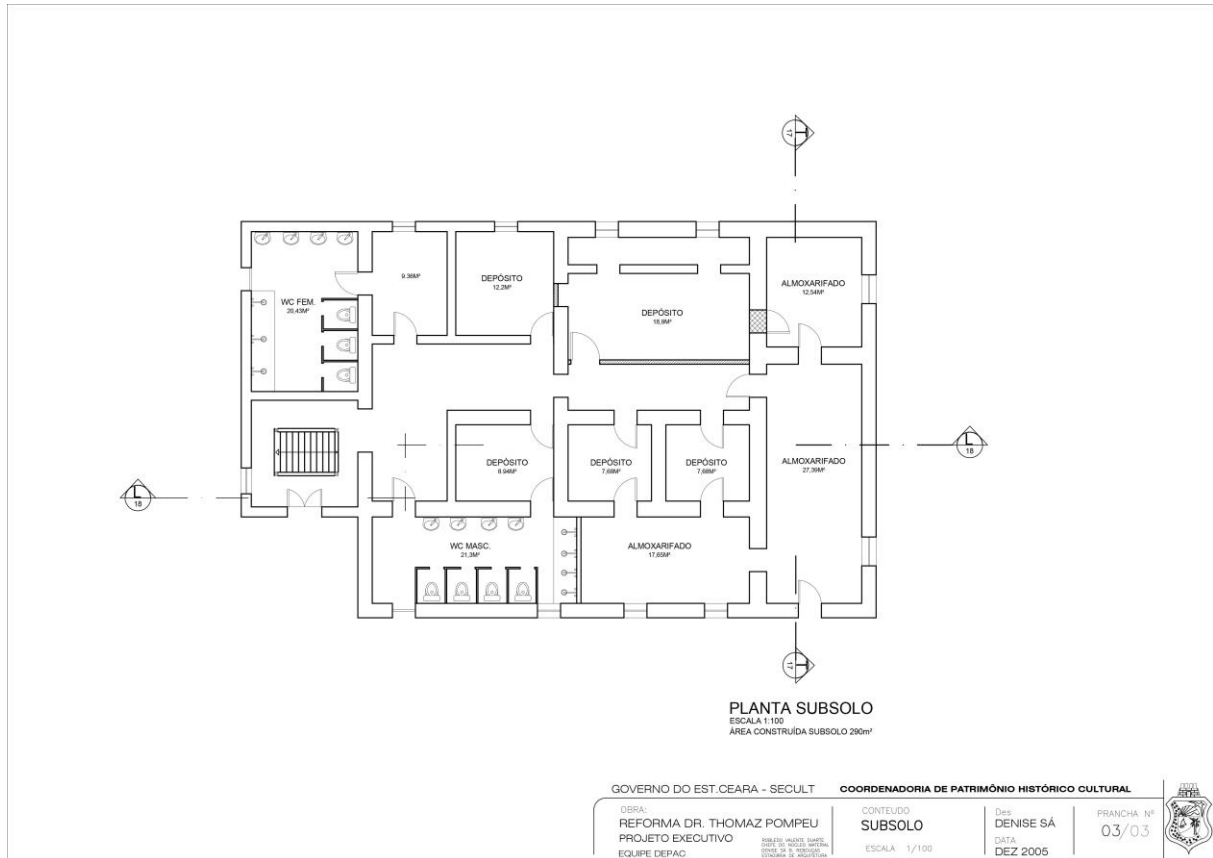
DAE
 SECRETARIA DE ARQUITETURA E ENGENHARIA
 DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E ENGENHARIA
REFORMA DA ESCOLA DE ARTES E OFICINA THOMAZ POMPU

PROJETO: **04 09**

DAE
 SECRETARIA DE ARQUITETURA E ENGENHARIA
 DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E ENGENHARIA
REFORMA DA ESCOLA DE ARTES E OFICINA THOMAZ POMPU

PROJETO: **03 09**

ANEXO C – PLANTAS DA REFORMA DA CASA DE TPS PARA A EAOTPS – REFORMA SUBSOLO



Fonte: Acervo EAOTPS.

ANEXO E – FRENTE DO FOLDER DA EAOTPS NO ANO 2002.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho é mais uma obra do Projeto Fortaleza Histórica.



O Palacete Thomaz Pompeu Sobrinho é um característico exemplar da arquitetura *art nouveau*, de procedência italiana. Construído em 1929, foi incorporado ao Patrimônio Histórico e Cultural do Ceará, para servir como sede do Centro de Restauro do Ceará do qual a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho é uma das unidades.

CENTRO DE RESTAURO DO CEARÁ
ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS
THOMAZ POMPEU SOBRINHO

NO CEARÁ, O PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E CULTURAL
É SALA DE AULA E LIÇÃO
DE CIDADANIA.




 Instituto
 Dragão do Mar

FAT
 FUNDO DE AMPARO
 AO TRABALHADOR

GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ

SECRETARIA DA CULTURA E DESPORTO
 SECRETARIA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL

Fonte: Acervo EAOTPS.

ANEXO F – VERSO DO FOLDER DA EAOTPS NO ANO 2002.



Implantada pelo Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria da Cultura e Desporto e sob a coordenação do Instituto Dragão do Mar, a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho é um projeto por excelência que tem como objetivos diferenciais:

- **Garantir educação formal a alunos oriundos de um segmento classificado como de risco e/ou exclusão social;**
- **Promover a formação de jovens e a sua qualificação profissional, direcionada para o setor da preservação, restauro e conservação de monumentos pertencentes ao patrimônio Histórico e Cultural do Estado.**

Para tanto, as aulas teóricas e práticas são ministradas por equipe técnica multidisciplinar que ministra disciplinas abordando desde a importância da revitalização e conservação de monumentos históricos e relações humanas até segurança na construção civil, técnicas da construção civil moderna e tradicional. As aulas, ministradas como introdução e suporte do processo da aprendizagem prática, fazem com que os alunos construam a sua "práxis" sob orientação desses profissionais. Resgata, também, as técnicas antigas e tradicionais, introduzindo técnicas modernas, princípios de relação de equipe e desenvolvimento da qualidade com o enfoque voltado para as questões de

ambiente e de segurança. Prepara, enfim, profissionais capacitados, competentes e conscientes do valor do patrimônio cultural e da importância de sua conservação.

O CEARÁ ABRE MAIS UMA PORTA DE ENTRADA PARA OS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO E EXCLUSÃO SOCIAL.

A Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho visa educar e formar jovens, a partir de 18 anos, que se encontram em situação de risco psicossocial, dando-lhes oportunidade de educação formal, profissionalização e conquista da cidadania. Para tanto, além da formação escolar, oferece bolsa incentivo no valor de R\$ 70,00 (setenta reais). Apoio que é complementado com seguro de vida, equipamento individual de

segurança, assistência social e psicológica, e, ainda, alimentação.

NESSA ESCOLA O PASSADO ABRE AS PORTAS PARA O FUTURO DO CEARÁ.

Instalado na antiga residência de Thomaz Pompeu de Sousa Sobrinho, engenheiro e historiador, nascido em Fortaleza no bairro de Jacarecanga, esse projeto faz parte de uma rede nacional de oficinas-escol espalhadas pelo País. Assim sendo, a oficina-escola estabelece no Ceará um dos mais importantes programas de revitalização e restauro do Patrimônio Histórico em funcionamento no País. Com esse trabalho os jovens terão um futuro mais seguro com uma situação real de perspectivas de trabalho de mercado.



PROJETO
FORTALEZA HISTÓRICA

Fonte: Acervo EAOTPS.